

GARTH NIX

As Chaves do Reino



A Sra. Sexta-Feira



2011, Editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Editoração eletrônica: Scrok. Com
CTP e impressão: Impressul Indústria Gráfica Ltda.
Tradução: Capelo Traduções e Versões Ltda. (Neuza Capelo)
Produzido originalmente por Scholastic Press.
Copyright texto © Garth Nix, 2007.
Copyright ilustração © Scholastic Inc., 2007.
Ilustração da capa feita por John Black, usada com permissão da Scholastic Inc.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nix, Garth
As Chaves do Reino: A Sra. Sexta-Feira / Garth Nix; [versão brasileira da editora] — 1. ed. — São Paulo, SP: Editora
Fundamento Educacional, 2011.

Título original: The Keys to the Kingdom: Lady Friday 1. Literatura infantojuvenil I. Título.
11-08873 CDD-028. 5

índices para catálogo sistemático

1. Literatura infantojuvenil 028. 5
2. Literatura juvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1. 825, de dezembro de 1907. Todos os direitos reservados no Brasil por
Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Telefone: (41) 3015 9700 Este livro foi impresso em papel

E-mail: info@editorafundamento.com.br chamois bulk 80 g/m² e a capa em

Site: www.editorafundamento.com.br cartão supremo alta alvura 250 g/m².

Digitalização e Revisão: Yuna

GARTH NIX

As Chaves do Reino

A Senhora Sexta-Feira

EDITORIA
FUNDAMENTO



Prólogo

Folha acordou sobressaltada e sentou na cama. Por um instante, sentiu-se desorientada. Não estava em seu quarto. O pôster de sua banda preferida não olhava para ela da parede ao pé da cama, porque não havia parede. Sentiu falta da mesa de cabeceira e, do outro lado, não encontrou o pisca-pisca vermelho dos olhos do relógio de 1,20 metro de altura feito com a ajuda do irmão, Ed, anos antes para um projeto de ciências da escola.

Também não usava as roupas de dormir habituais: camiseta com nome de banda e calça de moletom. Em vez disso, vestia uma camisola comprida de flanela azul-clarinho, bem macia, o tipo de roupa que ela jamais escolheria.

O cômodo onde se encontrava era muito maior do que seu quarto e tinha oito camas além da sua. Com certeza, havia gente dormindo nas mais próximas, porque Folha podia ver os corpos sob as cobertas e a parte de cima da cabeça. Provavelmente, as outras camas também estavam ocupadas.

Parecia um hospital...

De repente, Folha se sentiu ainda mais desperta. Tentou pular da cama, mas suas pernas fraquejaram e ela escorregou até o chão. Agarrando-se às cobertas, o máximo que conseguiu foi se inclinar sobre o colchão, enquanto tentava entender o que acontecia.

Lentamente, as lembranças começaram a voltar. Era como se a memória recente estivesse apagada e o cérebro encontrasse dificuldade para juntar todas as peças de novo.

Folha se lembrou de ter visitado seu amigo Artur no Hospital da Zona Leste. Ele tinha lhe falado sobre a Casa situada no epicentro do Universo e como havia sido escolhido para se tornar o Herdeiro Legítimo da Arquiteta — não em razão de seu nascimento ou coisa assim, mas porque ele era a pessoa certa, na hora certa. (Ou a pessoa errada na hora errada, dependendo do ponto de vista). Toda a criação era obra da Arquiteta. Ela havia criado não somente a Casa, mas também o Universo além dela, incluindo a Terra.

Artur contou como o Sr. Segunda-Feira e o Horrível Terça-Feira, dois Curadores, haviam traído a falecida Arquiteta, recusando-se a executar seu Testamento. Antes que ele terminasse o relato, porém, uma onda enorme

surgiu, levando os dois para um oceano que não ficava na Terra. Artur foi carregado para mais longe ainda naquele estranho mar, mas Folha foi salva por um navio, o Louva-a-Deus Voador...

— O Louva-a-Deus — sussurrou Folha.

No quarto silencioso, até um sussurro soava muito alto. As pessoas que dormiam nas outras camas não faziam barulho algum. Nem ressonavam. De repente, Folha pensou que elas poderiam estar mortas e não apenas dormindo. Por isso, fixou o olhar na cama ao lado para conferir. Só pôde ver o topo da cabeça da pessoa, apenas um tufo de cabelos — e não conseguiu concluir se era de homem ou de mulher. Mas, depois de alguns segundos, ficou aliviada ao ver o cobertor levantar e abaixar levemente. Homem ou mulher, a pessoa respirava tranquila.

— Eu viajei no Louva-a-Deus — murmurou Folha para si mesma.

Tudo estava voltando a sua memória. Ela se lembrou de ter navegado pelo Mar Fronteiriço, na Casa, por seis semanas e ter-se tornado membro da tripulação.... Então, os piratas atacaram. Seu amigo Alberto foi morto...

Folha fechou os olhos. Não queria aquela lembrança. Contudo, pelo menos, ela ajudara Artur a derrotar os piratas e tinha chutado a cabeça do líder Fugaz para dentro de uma piscina de lama de Nada. Depois disso, eles voltaram ao Porto Quarta-Feira para pegar o elevador até...

— A Porta da Frente — completou Folha. — A Colina da Porta Aberta. O Tenente Guardião da Porta da Frente...

Um problema tinha impedido que ela e Artur voltassem para casa pela Porta da Frente da Casa Inferior. O Tenente Guardião não deixou Artur passar pela Porta... e então... aconteceu o encontro com a Primeira Dama, quando descobriram que o Garoto sem Pele havia assumido a identidade de Artur na leria, impedindo seu retorno. No entanto, Folha podia e queria voltar para casa, mas não era tão fácil assim.

— Eu me ofereci para expulsar o Garoto sem Pele — Folha murmurou espantada para si. — Devia estar maluca!

No entanto, contra todas as probabilidades, ela havia conseguido descobrir e entregar à Suzy Azul Turquesa a fonte do poder do Garoto sem Pele. Durante o processo, porém, tinha sido infectada pelo fungo de controle da mente, que permitia ao Garoto sem Pele controlar todos seus pensamentos e ações...

As lembranças vinham e se encaixavam. Concentrada, Folha franziu a testa tentando entendê-las. Com certeza, o saco de magia utilizado na criação do Garoto sem Pele havia sido entregue por ela a Artur, para que ele destruísse os perigosos Nadicas. Se um dos dois tivesse falhado, Folha não estaria consciente naquele momento. Com o cérebro dominado, seria uma escrava do Garoto sem Pele.

Ainda assim, Folha não se sentiu particularmente vitoriosa, porque lembrou que, afinal, aquela não era a primeira vez em que retomava a consciência após ter sido infectada pelo fungo de controle da mente.

— Havia uma tenda... um hospital de campanha — ela disse.

Falar sozinha ajudava a trazer de volta os detalhes.

— Eu vomitava a lama deixada pelo fungo...

Folha gemeu e pressionou as têmporas com os nós dos dedos ao se lembrar de mais alguma coisa: a enfermeira dizendo que ela havia passado uma semana em coma, de uma quinta-feira à tarde até a outra sexta-feira de manhã.

“Mas há quanto tempo foi isso? ”, pensou. “ Devo ter entrado em coma novamente ou...”

Folha parou de pressionar as têmporas e afundou a testa no colchão. Depois, inclinou-se para trás e repetiu o movimento. Era um mau hábito, mas não conseguia evitar. Quando as coisas não iam bem, ela sempre batia a cabeça em alguma coisa macia, é claro.

Sua última recordação era de uma enfermeira apontando para a médica que se aproximava e dizendo aquelas palavras terríveis:

— Dra. Sexta-Feira, imagine só! Nós a chamamos de Sra. Sexta-Feira nas enfermarias...

Folha se lembrou vagamente da sensação horrorosa de medo fervilhando dentro dela quando uma mulher belíssima se aproximou seguida por um grupo de pessoas.... Depois disso, porém, surgiu o branco total.

A Dra. Sexta-Feira, que claramente vinha da Casa e era, na realidade, a Curadora chamada Sra. Sexta-Feira, com certeza havia feito alguma coisa.

“Talvez eu tenha até perdido mais tempo”, pensou Folha. “Tudo pode ter acontecido. Ao Artur. Aos meus pais. Ao Ed. Tudo. ”

Assustada por um ruído vindo de uma extremidade do quarto, Folha ficou imóvel por um momento. Então, deixou-se cair por trás da cama e se arrastou para um lado a fim de poder observar melhor. Alguém abria a porta vaivém dupla. Primeiro, alguma coisa deslizou pela abertura. Folha demorou um

pouco a reconhecer um balde e, dentro dele, vassoura e pano de chão. A pessoa que empurrava o balde entrou e fechou a porta com o calcanhar tranquilamente, como que acostumada ao gesto.

Parecia um ser humano comum: uma mulher de meia-idade, de olhos baixos e cabelos cuidadosamente amarrados para trás, vestindo jaleco e macacão verdes e botas de borracha branca. Folha se sentiu aliviada. Se a mulher tivesse mais de 1,90 metro e fosse muito, muito bonita, seria provavelmente uma Habitante e isso indicaria que ela estava de volta à Casa.

Depois de entrar, a faxineira parou por um momento, mergulhou o pano no balde e começou a esfregar um caminho de cerca de 1, 80 metro de largura no meio do quarto. Ela não aparentava ser das mais observadoras, mas com certeza haveria de notar a cama vazia.

Enquanto experimentava a firmeza das pernas para ver se aguentaria ficar de pé, Folha procurou em volta algum objeto que pudesse usar como arma. Sentia-se incrivelmente fraca pelo longo período que ficara deitada, mas o medo lhe deu forças. Alguma coisa a apavorava nos corpos adormecidos em todas as outras camas da enfermaria. Aquele não parecia um hospital normal, e Folha pressentia que isso tinha a ver com a Sra. Sexta-Feira.

Uma análise rápida confirmou que não se tratava mesmo de um hospital comum. Não havia nenhum dos equipamentos usuais nas paredes ou perto dos leitos: as saídas de oxigênio, os botões de chamada e tudo o mais. Na verdade, viam-se apenas camas simples e pessoas dormindo um sono estranho.

Folha tornou a olhar para a faxineira que infelizmente escolheu o mesmo momento para levantar a cabeça. As duas se encararam por um instante com olhos fixos. Então a faxineira deu um grito abafado e deixou a vassoura cair.

Folha se levantou com dificuldade e, com um movimento brusco, agarrou a vassoura. Embora a menina mal conseguisse ficar de pé e nem de leve parecesse uma ameaça, a faxineira soltou outro grito e se afastou. Folha quase caiu sobre o balde, mas pegou a vassoura e se levantou, segurando-a como um bastão.

— Não... não faça nada! — pediu a mulher, esforçando-se por falar baixo.

Via-se que estava com medo, mas não de Folha. Olhando para a porta, disse:

— Você tem que voltar para a cama. Ela vem aí!

Folha abaixou a vassoura.

— Quem vem aí? Que lugar é este?

— Ela! — repetiu a faxineira. — Rápido, volte para a cama! Você tem que fingir que é como os outros. Faça o que eles fazem, só isso!

— Por quê?

A faxineira estremeceu.

— Tem que ser assim. Senão... Ela fará alguma coisa à sua cabeça. Eu vi uma vez. Alguém como você, acordado quando não deveria! Ela usou aquele espelho dela e eu vi... eu vi...

— O quê?

— Vi a vida ser puxada para fora dele — murmurou a mulher.

Estava branca como algodão e tremia ao continuar:

— Ela fez brilhar aquele pequeno espelho e eu vi... alguma coisa... saindo da cabeça dele. Em seguida, Ela inclinou o espelho para a própria boca e...

A mulher parou de falar, soluçando convulsivamente.

— Tem que haver uma saída — disse Folha com firmeza.

E apontou a outra porta, oposta àquela por onde havia entrado a faxineira.

— Aonde vai dar aquela porta?

— Na piscina — sussurrou a mulher. — Na piscina dela. Você tem que voltar para a cama. Por favor, por favor, eu não quero ver aquilo acontecer outra vez!

Depois de hesitar, Folha empurrou a vassoura que foi agarrada pela faxineira como se fosse uma tábua de salvação. E se encaminhou para a porta mais distante.

— Não! — gritou a faxineira. — Ela vai ver a cama vazia! Hoje é sexta-feira e aqui sempre acontece uma coisa diferente às sextas-feiras!

Folha queria andar, mas suas pernas falharam e ela caiu de joelhos. Antes que conseguisse se endireitar, a faxineira a pegou por baixo dos braços e a levou de volta à cama. Folha estava fraca demais para resistir.

— Imita os que estão dormindo! — exclamou a faxineira. — É sua única chance. Vá atrás deles.

— Para onde? — perguntou Folha rispidamente e furiosa por ver que seu corpo não lhe obedeceria.

— Eles vão para a piscina. Só que não é uma piscina... Eu não deveria ter visto. Minha obrigação é apenas limpar o chão que Ela vai pisar. Mas, uma vez, olhei pelas aberturas de ventilação do vestiário...

— E eles voltam?

— Não sei — falou a mulher baixinho. — Para cá, não voltam. Eram apenas vinte por mês desde que comecei aqui, há trinta anos. Mas esta semana está tudo lotado. Ela deve levar milhares de pessoas desta vez.

— Que pessoas? Quem? Dos hospitais?

— Calada!

A mulher rapidamente puxou as cobertas sobre Folha e se apressou em voltar para a vassoura, empurrando o balde quase até a porta. Enquanto limpava freneticamente o chão, encerrou, falando por sobre o ombro:

— Lá vem Ela!

Embora relutante, Folha permaneceu deitada, mas virou a cabeça de forma que pudesse ver a porta por entre as pálpebras semicerradas. Um minuto depois, ouviu passos pesados e a porta se abriu. Dois homens muito altos e muito bonitos, vestidos com ternos cinza-chumbo e capas impermeáveis, entraram bruscamente. Folha logo percebeu que eram Habitantes superiores, pois o volume sobre os ombros comprovava a existência de asas.

Atrás dos dois Habitantes, vinha a linda mulher que ela havia visto no hospital de campanha. Alta por natureza, a Sra. Sexta-Feira tinha a estatura aumentada pelas botas de salto finíssimo adornadas de rubis. Seu manto de ouro brilhava a cada movimento, emitindo reflexos luminosos e dançantes em todas as direções, e um chapéu cravejado de pedacinhos de vidro colorido, ou talvez fossem pequenos diamantes, refletia a luz dourada, intensificando-a a ponto de impedir que se olhasse para o rosto dela por muito tempo.

A Curadora segurava na mão direita um pequeno objeto, ainda mais brilhante. Folha teve que fechar os olhos por completo, mas, mesmo assim, a luz ofuscante atravessou suas pálpebras, causando-lhe uma pontada de dor no osso do nariz.

Com os olhos bem fechados, Folha não pôde ver o que aconteceu em seguida. Mas ouviu. O som abafado de muitos pés pisando descalços parecia estranho depois do clique-claque dos sapatos dos Habitantes e dos saltos das botas de Sexta-Feira, mas a intensidade era a mesma.

Folha aguardou até ter certeza de que Ela havia passado e, então, olhou outra vez.

O quarto estava repleto de seres adormecidos que seguiam Sexta-Feira. Uma longa fila de pessoas com camisolas azuis se arrastava de olhos fechados. Muitos mantinham a pose clássica, com os braços estendidos à frente; outros se mostravam tão relaxados que mal conseguiam ficar de pé e caminhar.

Todos pareciam idosos. Os homens, em sua maioria, eram calvos ou tinham cabelos prateados ou grisalhos, Folha calculou que passassem dos 70 anos. No caso das mulheres, era mais difícil dizer, mas deviam beirar os 70. Homens e mulheres caminhavam sem ajuda, mas dificilmente algum deles poderia ser descrito como de meia-idade.

Observando o avanço do grupo, Folha imaginava o que fazer. Centenas de pessoas passaram, e ela começou a pensar que poderia simplesmente deixá-las ir, esconder-se embaixo da cama e depois fugir. Mas logo surgiram outros dois Habitantes, que seguiam como cães pastores as mulheres e os homens adormecidos. Alguns minutos e centenas de pessoas depois, outros dois Habitantes apareceram. Com certeza, haveria ainda mais Habitantes guardando o fim da fila.

Foi então que Folha viu algo que a fez tomar uma decisão imediata.

Sua tia Manga estava na fila. Profundamente adormecida, andava com um leve e preguiçoso sorriso no rosto.

Folha se levantou rápido, mas, ao perceber o que tinha feito, conseguiu se deitar de novo antes que os dois Habitantes seguintes entrassem.

Tia Manga era quase uma segunda mãe para ela e Ed. Há anos vivia com a família e fazia parte das mais remotas lembranças dos dois irmãos. Era a irmã mais velha da mãe de Folha, mas agia como se fosse a caçula, a irmãzinha desamparada. Folha não tinha certeza sobre sua história, mas ou a tia Manga tinha nascido com uma ligeira deficiência intelectual ou algo acontecera com ela. Apesar de gentil e amorosa, era completamente desajeitada com as tarefas diárias da vida, por isso sua entusiástica incompetência necessitava de supervisão constante. Às vezes tia Manga realmente irritava Folha, mas, por outro lado, estava sempre atenta à sobrinha, para lhe contar histórias, ouvir seus problemas e confortá-la.

Folha acompanhou a tia com o olhar até vê-la sair pela porta distante.

“Agora, tenho que ir com eles”, pensou. “Tia Manga não é nada boa com assuntos sérios; sozinha, ela se perde. Mas eu não tenho arma. Nada. Nenhuma possibilidade de entrar em contato com qualquer pessoa útil. Nenhuma feitiçaria da Casa...”

Folha se deu conta de que contraía a mão, mas interrompeu o movimento e, disfarçadamente, deslizou os dedos até o pescoço à procura de um objeto que esperava encontrar. Um objeto mágico e talvez muito útil.

Seus dedos tocaram o colar de fio dental trançado e seguiram por ele até se fecharem sobre o pequeno disco entalhado em osso de baleia que tinha recebido de Artur. O medalhão do Marinheiro.

É verdade que o medalhão não havia sido de grande auxílio para Artur no Mar Fronteiriço, devido à demora do Marinheiro em chegar lá. Mas ele tinha chegado, afinal. O medalhão representava um fio de esperança em algum tipo de ajuda externa.

Folha se deitou na cama e ficou olhando a passagem dos sonâmbulos. Sob o cobertor, ela contraía e relaxava os músculos das pernas e dos braços na tentativa de que o exercício acabasse com a fraqueza causada por uma semana de imobilidade e lhe devolvesse a antiga forma.

Por fim, depois do que lhe pareceu um longo tempo e do desfile de várias centenas de sonâmbulos, ela viu o fim da fila. Os últimos seres humanos eram seguidos por quatro Habitantes, não tão esplêndidos quanto os dois que precediam a Sra. Sexta-Feira, mas seguramente de categoria superior, aplicados ao trabalho. Eles pararam junto da porta e esperaram, olhando os pacientes adormecidos nas camas em torno de Folha.

Por um momento, nada aconteceu. De repente, porém, o quarto foi invadido por uma luz suave e dourada, como se tivessem deixado entrar o sol morno de uma tarde de verão. Quase tão rapidamente quanto surgiu, a claridade desapareceu, saindo pela porta mais afastada.

A passagem da luz enviou à mente de Folha uma ordem direta: “Siga!”

O comando ecoou em sua cabeça com uma voz suave, como se ela própria tivesse falado com os ouvidos tampados.

Folha se sentiu puxada por aquela simples palavra, mas resistiu. As pessoas adormecidas pareceram atingidas de maneira imperiosa. Por todo o quarto, sentaram-se de repente, desceram da cama e se juntaram aos últimos sonâmbulos que passavam pela porta.

Folha também se levantou e saiu atrás deles com os seis últimos, fazendo a melhor imitação possível de um sonâmbulo, com os Habitantes que mantinham a retaguarda justo em seus calcanhares. Por trás da expressão de alheamento, sua mente trabalhava sem parar, concentrando-se em reprimir a doentia e terrível sensação de pânico que invadia seu corpo.

Não sentia medo por si, mas pela indefesa tia Manga.

Apesar de as portas estarem abertas, Folha só se atreveu a olhar para cima e para a frente depois de passar por elas, quando pôde fingir que tropeçava

durante o sono. O tropeço por pouco não se transformou em tombo de verdade, mas felizmente as pernas de Folha estavam ficando mais fortes a cada passo, e ela conseguiu se equilibrar e dar uma olhada.

O que viu quase a fez parar e revelar a farsa. O amplo espaço à frente abrigava uma piscina olímpica. Sem água. Em vez disso, tinha sido construída uma rampa pela qual, naquele exato momento, desciam os últimos sonâmbulos. A superfície espelhada onde terminava a rampa refletia as imagens das pessoas que se aproximavam, para em seguida engoli-las inteiras.

No alto da rampa, Folha hesitou. Aqueles quatro Habitantes estavam atrás dela, mas havia várias outras portas no recinto da piscina. Se corresse, talvez conseguisse sair por umas delas. E talvez estivesse ali a única oportunidade de fuga.

Mas sua tia já tinha sido engolida pelo fundo espelhado da piscina seca...

Folha deu um passo à frente e depois outro, espiando por entre as pálpebras semicerradas. Ela viu o medo no próprio rosto refletido na superfície espelhada, enquanto seus pés desapareciam. Ainda tinha sensibilidade nos membros e a sensação transmitida ao longo de suas pernas indicava que ela caminhava por um declive suave. De repente, Folha se sentiu mal, como quando vomitara o fungo. Tentando desesperadamente conter o mal-estar, fechou os olhos e mergulhou, os braços esticados à frente, entregando-se ao que quer que existisse além do reflexo dos sonâmbulos da Sra. Sexta-Feira.

Se é que havia alguma coisa além...





Capítulo 1

A lança carregada eletricamente estalou ao ser pressionada contra o peito de Artur pelo soldado Nadica. No último momento, porém, quando Artur estava prestes a ter o corpo atravessado pela lança, conseguiu bloquear o golpe com o escudo, provocando um horrível som agudo de metal contra metal. Então, contra-atacou com sua espada, mas o Nadica desviou e, em seguida, pulou sobre ele, derrubando-o, enquanto lhe rasgava o rosto com as garras afiadas.

Artur se sentou na cama e, gritando, bateu em busca de uma arma. Seus dedos se fecharam no que parecia o cabo de uma espada, com a qual cortou o agressor, que se derreteu no ar, ao mesmo tempo que Artur acordava. A arma em sua mão se transformou de um esguio florete em um bastão de marfim com enfeites em ouro, forma que a Quarta Chave parecia preferir quando ele a segurava.

Artur pousou o bastão e respirou fundo. O coração martelava no peito, como se um ferreiro enlouquecido trabalhasse dentro dele. A sensação de medo deixada pelo pesadelo custava a desaparecer.

Não que o mundo real fosse muito melhor. Artur olhou esperançoso para o anel de prata em forma de crocodilo que trazia no dedo, aquele que indicava quanto de magia tinha invadido seu sangue e seus ossos. Mas não havia diferença em relação à noite anterior. Cinco dos dez segmentos marcados no anel estavam dourados, mostrando que ele já era no mínimo meio Habitante. Cada vez que Artur usava a Chave ou alguma outra magia que o afetasse, o anel media a contaminação. Caso o ouro se expandisse para mais um segmento, o processo se tornaria irreversível e ele nunca mais poderia voltar para casa. Além disso, tudo e todos que amava seriam afetados negativamente. Os Habitantes causavam um efeito péssimo à vida nos Reinos Secundários.

— Minha casa! — exclamou Artur.

Bem acordado, ele sentia os muitos problemas fervilharem em sua cabeça, exigindo atenção. Mas, entre todos, destacava-se o desejo de descobrir o que acontecia em casa e verificar se a família estava bem.

Artur escorregou sob os pesados lençóis de cetim que cobriam o colchão de penas apoiado sobre uma cama de mogno com quatro pilares. Cada pilar era entalhado com cenas de batalhas cuja visão o distraiu por um instante,

fazendo com que descobrisse de maneira dolorosa que o chão ficava bem mais abaixo do que esperava, Ele estava se levantando, quando ouviu uma discreta batida na porta.

— Pode entrar! — Artur falou alto, enquanto olhava em volta.

Tinha ficado tão exausto por causa da luta contra o exército dos Novos Nadicas para defender a Cidadela que não notou o local onde o haviam deixado para descansar. Era claramente o quarto de um oficial altamente graduado, provavelmente do próprio Quinta-Feira, pois, além da cama trabalhada, havia várias poltronas douradas com um bom estofamento; um tapete ricamente tecido que representava mais uma cena de batalha na qual uma chuva de faíscas vermelho-alaranjadas caía sobre um bando de Nadicas ainda com a antiga aparência deformada; um lavatório com uma pia de ouro maciço; várias toalhas grossas e fofas; e uma porta aberta para um closet repleto de uniformes diversos, botas e acessórios.

— Bom-dia, lorde Artur. O senhor está pronto para ser barbeado?

O Habitante recém-chegado era um cabo vestido com a túnica escarlate e as calças pretas do Regimento, avental branco sobre o uniforme e o que parecia uma tigela de bronze na cabeça. Ele carregava uma maleta de couro que colocou com habilidade sobre a mesa lateral e a abriu, revelando vários pincéis e navalhas, aparentemente bem afiadas.

— Humm, sim, mas com as costas da lâmina, por favor — disse Artur meio sem pensar.

Ele se acostumara a “ser barbeado” durante o treinamento de recruta, embora aos 12 anos não tivesse bigode para raspar e ainda fosse precisar de um bom tempo para começar a cortar a barba.

Com um gesto, o cabo convidou Artur a se sentar. Em seguida, pegou a tigela que levava sobre a cabeça, encheu-a com água da torneira em forma de tromba de elefante e começou a bater para fazer espuma.

Artur se sentou, mas logo se levantou.

— Não tenho tempo para isso! — falou apressado. — Preciso descobrir o que está acontecendo!

— E assim o fará, senhor — disse uma voz vinda da porta.

Era o marechal Crepúsculo, de uniforme cinza-escuro, parecendo muito mais limpo e arrumado do que da última vez em que Artur o vira, ao fim da batalha.

— Quinta-Feira costumava ouvir as notícias da manhã enquanto era barbeado e vestido. Gostaria de manter esse hábito?

Artur se examinou de cima a baixo. Não tinha percebido que estava de pijama. Pijama oficial, é bem verdade, em dourado e vermelho, terminado em dragonas com franjas de ouro que lhe irritavam o pescoço. Se não estivesse cansado demais para perceber o incômodo, elas com certeza o teriam acordado.

— Realmente, acho que preciso me vestir...

Ele se sentou novamente e o barbeiro logo começou a lhe aplicar espuma nas bochechas e no queixo. Crepúsculo entrou no quarto e ficou em posição de sentido diante de Artur, enquanto outro cabo, com uma boina mais simples, seguiu para dentro do closet.

— O que os Novos Nadicas estão fazendo? O Tocador de Gaita foi visto?
— perguntou Artur.

Ele tentou não mexer muito a boca ao falar. O barbeiro estava usando as costas da navalha para retirar a espuma, mas ainda assim Artur ficava nervoso.

Os Novos Nadicas, que serviam ao Tocador de Gaita, o misterioso segundo filho da Arquiteta e do Velho, haviam quase vencido a batalha contra Artur e o Exército da Casa na noite anterior, chegando assustadoramente perto de capturar a Cidadela. Ainda bem que a Primeira Dama, carregando as primeiras Três Chaves e acompanhada por uma grande força militar da Casa Inferior, das Regiões Afastadas e do Mar Fronteiriço, salvara o dia.

Artur tinha que admitir que o ardil usado pela Quarta Parte do Testamento também havia exercido importante papel. Sob a forma de serpente, ela cuspira ácido na máscara do Tocador de Gaita, enquanto ele, supostamente, negociava com Artur. A ausência do Tocador de Gaita, e quais fossem seus potencialmente consideráveis poderes, havia quase com certeza feito a diferença entre vitória e derrota. Mesmo assim, Artur não aprovava o expediente aplicado pelo Testamento.

— Os Novos Nadicas permaneceram a noite toda entrincheirados em frente à Cidadela — informou o marechal Crepúsculo. — Nossas tropas também reportaram ausência de atividade ofensiva de outros lugares no Grande Labirinto. Mas a situação continua muito séria. Há cerca de 1 milhão de soldados inimigos no Grande Labirinto. Além disso, não sabemos o que o Tocador de Gaita pretende e ignoramos seu paradeiro.

— Onde está a Primeira Dama?

Artur interrompeu a pergunta para que o barbeiro lhe enxugasse o rosto com uma toalha quente. Não fazia a menor ideia de como o barbeiro havia esquentado a toalha. Mas que estava quente, estava.

— E sobre os meus amigos Suzy Azul Turquesa e Fred Ouro? Alguma informação?

— A Primeira Dama está à sua espera na sala de operações respondeu Crepúsculo. — Temo não haver notícia das crianças capturadas pelo Tocador de Gaita. Um destacamento de Observadores recebeu a ordem de investigar como está o local onde era o Pico do Nada. É possível que eles enviem alguma informação ainda hoje pelo sistema de comunicações.

— Obrigado.

Artur se levantou, retribuindo mecanicamente a saudação do barbeiro, que havia terminado sua tarefa e guardava o material. O cabo que tinha entrado no closet apareceu com uma seleção de uniformes que colocou no pé da cama. Em seguida, apresentou mais alguns.

Artur ficou olhando com o pensamento distante. Pensava em Suzy e Fred, em Folha lá na Terra e em sua família. Tinha tanta gente em quem pensar, tantos inimigos e problemas! Sem mencionar o destino de todo o Universo...

— Qual dos uniformes prefere hoje, senhor? — perguntou o cabo. — Trouxe uniformes adequados a um general de Regimento, Alto Comandante da Horda, Embaixador da Legião...

— Vou fazer como Quinta-Feira: uniforme de Soldado do Regimento, com os distintivos do posto.

O cabo disfarçou um suspiro e retornou ao closet, voltando de lá com a roupa escolhida alguns segundos depois. Artur recusou a ajuda do cabo e se vestiu sozinho.

Compreensivelmente, nem o cabo nem Crepúsculo tentaram entregar a ele a Quarta Chave. Depois de reivindicada por Artur, ela se tornara capaz de incinerar ou destruir qualquer outra pessoa que a tocasse. O próprio Artur a apanhou um tanto relutante, pois conhecia bem a tentação de usar o poder das Chaves do Reino... mesmo sabendo que isso o tornaria menos humano, menos ele mesmo.

Vencendo a hesitação, Artur enfiou o bastão na alça do cinto e se certificou de que estava seguro. Não queria usar a Quarta Chave, mas o peso dela contra o corpo lhe dava certa segurança. A simples ameaça de sua utilização poderia ser de grande ajuda em algumas situações.

— Para a sala de operações? — perguntou o marechal Crepúsculo, interrompendo os pensamentos não muito alegres de Artur. — A Primeira Dama o espera.

— Sim — respondeu Artur.

Ele sempre tivera a leve e incômoda suspeita de que, se a Primeira Dama fosse deixada à vontade, tomaria atitudes que talvez não estivessem de acordo com o interesse dele. E uma parceria com a Quarta Parte do Testamento, a cobra maledicente e traiçoeira, só piorava as coisas.

O quarto ficava em um dos andares superiores do Forte Estrela, não muito distante da sala de operações. Artur estranhou um pouco a quantidade de guardas que esperavam do lado de fora. Oito Legionários de armadura completa, com escudos e espadas, marcharam na frente dele, enquanto oito fronteiriços, com grandes arcos de madeira, seguiam atrás pelo longo corredor. Artur considerou a medida sensata, tendo em vista que o Tocador de Gaita poderia resolver usar a Escada Improvável, ou qualquer outro meio, e aparecer em algum lugar da Casa ou dos Reinos Secundários.

Pensando na Escada e nos guardas, Artur se lembrou de Quinta-Feira, que ele esperava continuasse preso, protegido tanto de tentativas de fuga quanto de ataques externos. Os três Curadores anteriores depostos por Artur tinham sido mortos, provavelmente porque sabiam alguma coisa que poderia ser útil a ele e ao Testamento.

— Quinta-Feira está em segurança? — perguntou Artur.

— Está preso e sendo vigiado — respondeu Crepúsculo. — A Primeira Dama falou com ele à noite e, fora isso, vem sendo mantido incomunicável. Os guardas sabem que precisam estar atentos à presença de assassinos e à possibilidade de invasões.

— Ótimo.

Artur ainda ia perguntar alguma coisa, mas os guardas da frente abriram a porta da sala de operações e um sargento-mor gritou lá de dentro:

— Sentido! Lorde Artur!

Artur entrou no grande salão abobadado, encontrando todos os presentes em posição de sentido, exceto a Primeira Dama. O ambiente era o mesmo da noite anterior, mas dessa vez ele tinha um pouco mais de tempo para reparar nos detalhes, já que não estava sendo violentamente atacado por Quinta-Feira.

Depois de passar por uma bem organizada fila formada por Oficiais e alguns Sargentos, a primeira coisa que Artur notou foi uma grande mesa

quadrada sobre a qual a Primeira Dama se debruçava numa das extremidades. Ele caminhou naquela direção e, ao ver que todos permaneciam em posição de sentido, lembrou-se de dizer:

— À vontade. Voltem ao que estavam fazendo.

Oficiais, sargentos e cabos começaram a se agitar e voltaram a conversar mantendo a voz baixa, o que produziu um zumbido constante, como se a sala tivesse sido invadida por um enxame de abelhas. Ao ver a aproximação de Artur, a Primeira Dama, então com cerca de 2,40 metros de altura, deslumbrante em um longo manto escarlate e dourado, inclinou a cabeça ligeiramente. Ele retribuiu o cumprimento e reparou que o belo manto da Primeira Dama era ajustado por um cinto de couro simples, mas muito bem lustrado. O cinto sustentava a espada feita do ponteiro de relógio que vinha a ser a Primeira Chave, o par de luvas que formava a Segunda Chave e, em uma bainha especial, sobre seu quadril esquerdo, o pequeno tridente que correspondia à Terceira Chave.

Artur sentiu uma pontada estranha no momento em que viu as Chaves; era o desejo de retomá-las da Primeira Dama. Ao mesmo tempo, o bastão da Quarta Chave se deslocou em seu cinto, como se também se sentisse atraído pelas outras.

A fim de combater a incômoda sensação, Artur desviou o olhar para o tampo da mesa. À primeira vista, teve a impressão de se tratar apenas de uma sucessão de quadradinhos, sem nenhum detalhe especial. Mas, depois de um instante, sentiu como se estivesse caindo sobre a mesa. Os detalhes se ampliavam em sua direção. Os quadrados ficavam maiores e mostravam o terreno dentro deles. Então, ainda com a sensação de zoom, viu réplicas pequeninas representando as tropas da Casa e os soldados dos Novos Nadicas, muitas com a identificação “2 horas atrás” ou um simples ponto de interrogação.

Artur piscou os olhos, lutando contra uma sensação de tontura, engoliu o leve gosto ruim que lhe subiu à boca e pronto: o mapa voltou a ser somente uma sucessão de quadrados.

— O mapa sobre a mesa mostra a disposição de nossas forças e confirma os relatórios de observação do inimigo — explicou Crepúsculo, enquanto Artur esfregava os olhos. — É preciso alguma prática para usá-lo de forma eficaz. Quem não está acostumado pode sentir tontura.

— Há inúmeros especialistas na leitura de mapas aqui, lorde Artur — interrompeu a Primeira Dama.

Ela estalou os dedos e um livro de capa dura, muito grosso e pesado o suficiente para quebrar os dedos de um mortal surgiu no ar, caindo em sua mão. Ela o pegou com facilidade. Artur achou o livro ligeiramente familiar e logo descobriu por quê.

— Você não precisa ficar olhando mapas. Agora que está aqui, podemos abordar questões de alta estratégia. Eu organizei a agenda...

Artur levantou a mão.

— Por favor, a agenda de novo, não. Antes de mais nada, preciso saber o que aconteceu lá em casa. Será que Folha está bem? E que fim levou o Garoto sem Pele? Ele... aquilo... foi totalmente destruído?

A Primeira Dama suspirou aborrecida, deixando o livro cair. Um Habitante Inferior se jogou atrás dela e, gemendo por causa do esforço, aparou o livro com as duas mãos.

— Existem assuntos mais urgentes, lorde Artur. Como bem sabe, estamos em guerra com o Tocador de Gaita e seus Novos Nadicas. Sem falar nos Dias Seguintes que faltam.

— Eu sei disso, claro! — Artur falou sério. — Onde estão o doutor Scamandros e Sol Quente?

— Todos os Habitantes não necessários aqui voltaram diretamente aos seus devidos postos. Uma vez que estou de posse das três Chaves e você possui a seguinte, não precisamos de tantos Habitantes, e há muitas outras exigências para nossos recursos.

— Eu queria falar em particular com o doutor Scamandros — insistiu Artur.

Ele se sentia vagamente perturbado pela ausência de Scamandros e Sol Quente, que não só eram amigos como também aliados importantes. Além disso, o doutor Scamandros era um mágico bem treinado na Casa Superior, o único que não tinha servido a Sábado Superior.

— Mande o doutor Scamandros à Casa Inferior para, entre outras coisas, vigiar o Velho — explicou a Primeira Dama. — Algumas ocorrências estranhas vêm acontecendo no Celeiro de Carvão Inferior.

— E quanto a Meio-Dia e Crepúsculo de Segunda-Feira? — indagou Artur. — Eles também voltaram para a Casa Inferior?

A Primeira Dama fez que sim e olhou para baixo na direção dele, cruzando os longos dedos e observando-o com certo desânimo por sobre as unhas afiadas.

— Há problemas em todas as regiões da Casa, lorde Artur. Nadicas do tipo antigo saem borbulhando de cada fenda, de cada rachadura da Casa Inferior. Nossos esforços para preencher o Fosso nas Regiões Afastadas sofreram atrasos e existe o perigo considerável de que algumas partes dele caiam no vazio. Eu não tive tempo de forçar o Mar Fronteiriço para dentro de seus limites e há, em muitos lugares, vazamentos de Nada para o mar. Nem é preciso dizer que nossos esforços para corrigir a situação estão sendo frustrados a cada passo pelos Curadores traiçoeiros, em especial por Sábado Superior. E o Tocador de Gaita se aliou a eles.

— Não creio que ele tenha se aliado aos Curadores — argumentou Artur.
— Ele acha que deveria ser o Herdeiro Legítimo, em meu lugar. É tão inimigo deles quanto eu.

— Talvez — disse a Primeira Dama em tom de dúvida. — Seja como for, no momento devido, ele será levado a julgamento. O que temos que decidir agora...

— Quero saber o que aconteceu com Folha e com minha família! — interrompeu Artur. — E quero ir para casa o mais brevemente possível! Mesmo que mamãe e papai não saibam que estou aqui, sinto falta deles! Sinto saudades de todo mundo! E, antes que você comece a falar, sei que não posso ficar lá. Eu volto para tomar a Quinta Chave da Sra. Sexta-Feira e fazer tudo o que tiver que ser feito, mas... definitivamente, primeiro tenho que ir lá em casa para uma visita.

— No momento, isso não é possível — falou a Primeira Dama com veemência. — Desde o amanhecer de hoje, Sábado Superior paralisou todos os elevadores que controlamos nos domínios da Casa e determinou que a Porta da Frente fosse fechada para nós.

— O quê? Como?

— Ela tem autoridade para isso — respondeu a Primeira Dama. — A menos que lorde Domingo dê uma contraordem. Sábado Superior controla muitas das operações internas da Casa, inclusive os elevadores e, até certo ponto, a Porta da Frente. Ela também tentou desligar os telefones, mas não conseguiu totalmente, porque as telefonistas estão sob as ordens da Casa Inferior e a fiação metafísica depende das Regiões Afastadas.

— Eu poderia ir para casa pela Escada Improvável — falou Artur lentamente.

Ele não conseguia parar de olhar o anel que levava no dedo. Teria que usar o poder da Quarta Chave para andar na Escada e, a cada passo que desse naquele estranho caminho, ficaria cada vez mais afastado da condição de ser humano, ainda que estivesse a caminho de casa.

— Sou totalmente contra essa hipótese — advertiu a Primeira Dama. — Você teve muita sorte de sobreviver às andanças pela Escada Improvável por duas vezes. Agora, vamos continuar com a agen...

— Onde está o capitão Drury? — interrompeu Artur.

Ele desviou o olhar e viu que o especialista em telefonia chegava correndo. Sem parar, Drury retirou o fone de modelo antigo da mala de vime e o entregou a Artur, ficando com a base. Ele começava a girar a manivela, quando Artur pediu:

— Por favor, ligue para o Espirrador na Casa Inferior, capitão. Já que está ocupado demais para discutir planos estratégicos, lorde Artur, vou interrogar as crianças do Tocador de Gaita — disse a Primeira Dama com um longo suspiro arrogante.

— Corno? — perguntou Artur, abaixando o fone. — Quais crianças do Tocador de Gaita?

— As que estão servindo aqui na Cidadela — respondeu a Primeira Dama. — O Tocador de Gaita se declarou nosso inimigo. As crianças foram trazidas para a Casa, por ele, para servi-lo. Portanto, agora elas também são consideradas inimigas e devem ser tratadas como tal.

Enquanto a Primeira Dama falava, sua língua, de repente bifurcada, adquiriu um tom esverdeado e os dois dentes caninos cresceram longos e pontudos, uma cópia fiel dos dentes da Parte Quatro do Testamento quando em forma de serpente.

Artur deu um passo para trás e sua mão instintivamente se dirigiu para a Quarta Chave, que trazia pendurada no cinto.

A Primeira Dama franziu a testa e pegou um delicado lenço de renda que passou na boca. Quando abaixou o lenço, a língua bifurcada e as presas tinham sumido. Ela era novamente uma mulher de 2,40 metros de altura, muito bonita, mas séria.

— Não se assuste, Artur. Ainda estou assimilando minha mais recente forma, que tem tendência a ser crítica. Onde é que eu estava? Ah, sim, nas

crianças do Tocador de Gaita. Creio que, após um rápido julgamento, não teremos escolha.

E sem hesitar, a Primeira Dama anunciou:

— Aqui e em qualquer outro lugar da Casa controlado por mim, todas as crianças do Tocador de Gaita deverão ser executadas!





Capítulo 2

Artur largou o telefone e encarou a Primeira Dama.

— Nenhuma criança do Tocador de Gaita será executada — ele disse com firmeza. — Nem aqui nem em outro lugar. O Tocador de Gaita só controlava as crianças se estivessem suficientemente perto para ouvir o som de seu instrumento. E, mesmo assim, tudo o que conseguia era que elas parassem de se mover.

— Sem dúvida alguma, ele poderia fazer muito mais — argumentou a Primeira Dama. — Talvez até mesmo de fora da Casa. Não conhecemos a extensão de seus poderes. É melhor simplesmente nos livrarmos das crianças do Tocador de Gaita.

— Não! — gritou Artur. — O que há com você? São pessoas! Não pode matar assim centenas ou milhares de crianças do Tocador de Gaita porque ele poderia... apenas poderia... obrigar algumas delas a fazer alguma coisa.

— Não posso? — perguntou a Primeira Dama.

Ela parecia genuinamente surpresa.

— Não — respondeu Artur.

Sua voz estava ainda mais forte e grave quando ele continuou:

— Todas as crianças do Tocador de Gaita devem ser libertadas sãs e salvas e retomar suas tarefas e seus cargos normais. Devem então ser observadas e se... e somente se fizerem algo contra nós podem ser presas. Presas, apenas, nada além disso!

Fez-se um momento de silêncio em que até o zumbido da conversa dos soldados parou. A Primeira Dama inclinou ligeiramente a cabeça.

— Muito bem, lorde Artur. O senhor é o Herdeiro Legítimo. Seu desejo será respeitado.

— Ótimo — disse Artur. — Agora vou ligar para o Espirrador e pedir a ele que descubra o que está acontecendo lá em casa.

O capitão Drury girou a manivela mais uma vez. Enquanto o fone estalava e chiava, Artur ouviu ao longe uma voz grave de homem dizendo:

— Todos os telefones serão cortados por ordem superior.

Mas a voz foi baixando, substituída por outra mais suave, que poderia ser tanto de homem quanto de mulher:

— Cale-se!

— Como disse? — perguntou Artur.

— Desculpe, não é com o senhor — corrigiu a voz. — Posso ajudá-lo?

— Eu gostaria de falar com o Espirrador na Sala de Estar de Segunda-Feira, por favor.

— Ah, é lorde Artur, não? Eu sei por que o senhor disse “por favor”. Todo mundo está comentando a sua gentileza.

— Humm, obrigado. Eu poderia falar com o Espirrador? É urgente.

— Estou fazendo a ligação, lorde Artur. Ainda que nos acusem de...

A voz da telefonista foi substituída por outras, distantes e confusas, que, por sua vez, deram lugar àquela voz grave que ordenava mais uma vez o corte de todos os telefones. Seguiram-se vários segundos de silêncio. Artur ia perguntar ao capitão Drury o que estava acontecendo, quando a voz familiar do Espirrador se fez ouvir. E não vinha do telefone.

— Sala de Estar de Segunda-Feira, Espirrador falando.

— Ele às vezes faz isso, senhor — sussurrou Drury.

— Aqui é Artur, Espirrador.

— Bom-dia, lorde Artur.

— Espirrador, quero que espie através dos Sete Relógios. Preciso saber o que aconteceu com Folha e com minha família e qual é a situação geral lá em casa. Pode fazer isso, por favor?

— Posso, senhor. Na verdade, eu já havia checado a mando do doutor Scamandros. Ele queria descobrir se tinha sobrado algum resíduo de Nada do Garoto sem Pele.

— E o que viu? — perguntou Artur. — Lá ainda é quinta-feira, certo?

— Não, lorde Artur. É sexta-feira.

— Sexta-feira! Se o Garoto sem Pele foi destruído na quinta-feira.... Devem ter dado pela minha falta durante a noite. Meus pais com certeza estão em pânico!

— Para ser exato, foi na sexta-feira da semana seguinte a da quinta-feira em que a senhorita Folha iniciou a ação contra o Garoto sem Pele.

— Uma semana! Quer dizer que estou ausente da Terra há uma semana?!

— Creio que sim, senhor. O doutor Scamandros sugeriu que a destruição do Garoto sem Pele tenha criado uma pequena ruptura na relação de tempo entre o senhor e o Reino Secundário, onde habitualmente vive.

— Meus pais devem estar pensando... O que aconteceu ao meu pai e à minha mãe?

— Lamento informar, lorde Artur, que seu pai está seguro, embora participando sem muito interesse de uma turnê que o obriga a percorrer de ônibus longas distâncias. Cada noite, ele para em um lugar e toca acompanhado por uma banda cujo nome tem alguma coisa a ver com roedores. The Ratz, se não me engano. Sua mãe, no entanto, parece não estar atualmente no seu Reino Secundário...

— O quê? — estranhou Artur.

De repente, ele sentiu a garganta apertada e seca.

— Onde ela está? Quem.... Como...

— Hã uma grande perturbação no seu mundo, lorde Artur. Muitos mortais foram levados a lugares nos Reinos Secundários que não sabemos onde ficam. Acho que sua mãe está nesse grupo, embora seja provável que nem todos os desaparecimentos tenham o mesmo responsável. Nada está claro, mas a suposição natural é que tenha sido obra de Sexta-Feira, já que os desaparecimentos, ao que se sabe, ocorreram nesse dia.

Artur se esforçou para manter a calma, para pensar sem entrar em pânico. No entanto, o terror fervilhava dentro dele. Só queria fechar os olhos e se desligar, deixando que outra pessoa tomasse conta de tudo. Mas não havia quem cuidasse dele, de sua mãe, do que quer que fosse...

Ele respirou fundo duas vezes, embora não tão profundamente quanto gostaria, já que seus pulmões estavam afetados pelo susto e pelo medo. Mas não se tratava da asma costumeira. Artur nunca sofria de asma dentro da Casa.

— Descubra onde está minha mãe... onde estão todos — ele ordenou ao Espirrador. — Diga ao doutor Scamandros que se ocupe disso. Peça ajuda a todos que possam ajudar. Ah, e quanto a Folha? Ela está bem?

— Acredito que a srta. Folha seja uma das mortais abduzidas — falou o Espirrador cuidadosamente.

Sua voz estava bem fraca, como se tivesse o telefone muito distante da boca, quando continuou:

— Que faça parte do grupo principal de abduzidos, quero dizer. Embora exista a possibilidade de ela ter ido por vontade própria. Não pude obter uma visão clara da situação por causa da falta de nitidez resultante de alguma força contrária. No entanto, ao que parece...

— Saia! — gritou a telefonista de repente, abafando a voz do Espirrador.
— Não, eu não vou desligar a linha...

— Saia! Pare com isso! Ai! Socorro! Ele pegou meu pé! Puxem-me de volta, rapazes! Segurem firme!

Uma gritaria impediu que o Espirrador fosse ouvido. Depois de um berro ensurdecedor, como se alguém tivesse pisado na cauda de um lobo muito grande e muito bravo, o telefone móvel virou pó nas mãos de Artur. Sobrou apenas um fio que soltou uma pequena e patética faísca, fazendo com que o menino o largasse imediatamente.

— Temos que achar minha mãe — disse Artur.

— Seu destino não inclui uma família mortal — declarou a Primeira Dama.
— Como já lhe disse, você precisa se libertar desses problemas sem importância. De qualquer jeito, pelo que entendi, você e seus pais não têm o mesmo sangue.

— Eles são meus pais! — protestou Artur.

Há muito estava acostumado com a ideia de ser filho adotivo, mas ainda assim se sentiu atingido pelas palavras do Testamento.

— Emily e Bob me amam, e eu os amo. Eu amo toda minha família.

— Isso é invenção dos mortais — argumentou a Primeira Dama. — Não tem a menor utilidade na Casa.

— O quê?

— Amor — respondeu a Primeira Dama com os lábios retorcidos em um gesto de desgosto. — Agora, lorde Artur, realmente tenho que insistir para cumprirmos, pelo menos, os itens mais importantes da agenda. Já fiz os ajustes que pedi.

— Eu pedi?

A voz de Artur soou inexpressiva, já que ele continuava em estado de choque. Tinha se esforçado tanto para proteger a família... para manter todos a salvo... Sábado Superior havia ameaçado usar o Garoto sem Pele para tomar o lugar de Artur, além de apagar as mentes de seus familiares de modo que eles o esquecessem. Talvez com o fracasso do plano, Sexta-Feira ou Sábado tivessem sequestrado sua mãe... A mente de Artur corria, enquanto ele tentava tomar pé da situação.

— Pediu, sim. Durante nossa reunião na Sala de Estar de Segunda-Feira — confirmou a Primeira Dama. — Antes de o senhor ser levado. Preste atenção, lorde Artur.

— Estou tentando pensar — Artur se defendeu. — Capitão Drury, o senhor teria outro telefone? Preciso falar novamente com o Espirrador. E com o doutor Scamandros.

— Artur, isto não é...

A Primeira Dama interrompeu a fala, pois dois Guardas Legionários seguraram Artur de repente, puxando-o para trás, enquanto outros dois pulavam na frente dele, cerrando os escudos. A personificação do Testamento recuou também e o ambiente foi tomado subitamente pelo gemido das espadas. Logo se sentiu o cheiro acre de ozônio dos sabres carregados de relâmpagos, já que todos sacaram as armas.

Artur precisou ficar na ponta dos pés e olhar por sobre os escudos para enxergar o que havia causado tal reação nos guardas: alguém tinha acabado de aparecer a apenas alguns passos do lugar que ele ocupava anteriormente.

O “alguém” era uma Habitante alta e magra, coberta por um manto nem um pouco militar, feito de milhares de fitinhas de prata que se abriam quando ela andava. Por cima da belíssima vestimenta, ela usava um avental grosso de couro, com vários bolsos, onde se viam cabos de madeira do que poderiam ser armas ou, talvez, ferramentas. O estranho conjunto se completava com um galho de prata na mão direita, do qual pendia uma dúzia de pequenos frutos cilíndricos de ouro trançado que tilintaram loucamente quando seis Habitantes se jogaram sobre ela.

— Sou uma mensageira! — ela gritou. — Trago notícias! Não sou assassina! Vejam, carrego um ramo de oliveira, um símbolo da paz!

— Parece mais um galho de limoeiro, isso sim — comentou o Oficial Legionário, tomando o ramo da mão da Habitante.

Ele olhou para Artur e continuou:

— Desculpe, senhor! Nós a levaremos daqui num instante!

— Sou emissária da Sra. Sexta-Feira! — insistiu a Habitante no meio do amontoado de soldados. — Eu insisto em ter uma audiência com lorde Artur!

— Esperem! — falaram Artur e a Primeira Dama ao mesmo tempo.

Os Legionários pararam de arrastar para fora a inesperada visitante, embora continuassem a segurá-la com firmeza.

— Quem é você? — perguntou a Primeira Dama.

A pergunta de Artur foi disparada na mesma hora:

— Como você chegou aqui?

— Sou Emelena Coletora de Páginas, Segundo Grau, número 10. 218 em precedência na Casa — anunciou a Habitante. — Fui enviada através do espelho, como mensageira, com um recado da Sra. Sexta-Feira para lorde Artur.

— Do espelho dela? — indagou Artur.

Enquanto isso, a Primeira Dama perguntava:

— Que mensagem?

Artur e a Primeira Dama se olharam por um longo momento até que a personificação do Testamento abaixou levemente o queixo. Artur se voltou para Emelena.

— Que espelho?

— O espelho da Sra. Sexta-Feira. Estou certa ao supor que falo com lorde Artur? — completou Emelena hesitante.

— Sim, eu sou Artur.

Emelena resmungou algo que Artur não teve dificuldade em interpretar: ela esperava que ele fosse mais alto, mais imponente, com raios faiscantes saindo dos olhos e assim por diante. Desde que alguém na Casa escrevera um livro sobre lorde Artur, todo Habitante que o conhecia ficava desapontado com sua pouca estatura e aparência comum.

— O espelho da Sra. Sexta-Feira pode enviar alguém para qualquer lugar da Casa e dos Reinos Secundários? — quis saber Artur.

— Não sei, lorde Artur — respondeu Emelena. Eu nunca tinha sido mandada para lugar nenhum. Normalmente sou Organizadora de Páginas Sênior da Associação de Encadernação e Restauração na Casa Intermediária.

— Nós sabemos sobre o espelho de Sexta-feira, lorde Artur — explicou a Primeira Dama, franzindo os lábios.

Ela olhou em volta e apontou um escudo de metal altamente polido que era um dos troféus pendurados na parede.

— Alguém pegue aquele escudo e ponha no escuro.

Depois de observar a corrida dos Habitantes, que tentavam ao mesmo tempo cumprir a ordem, a Primeira Dama continuou:

— O espelho de Sexta-Feira é semelhante aos Sete Relógios na Casa Inferior. Com o poder da Quinta Chave, ela pode olhar para fora ou enviar Habitantes a qualquer lugar através de um espelho ou de uma superfície refletora, desde que ela mesma já tenha estado lá, por meios mais usuais. Isso nos leva a crer que ela esteve aqui para encontrar Quinta-Feira. No entanto, o

mais importante agora é a mensagem enviada pela Sra. Sexta-Feira. Por acaso, trata-se de sua rendição completa e incondicional?

— De certo modo — respondeu Emelena. — Eu acho. Talvez. Artur se manteve em silêncio enquanto a Primeira Dama respirava barulhentosamente, provocando um silvo muito parecido com o de uma serpente.

— Posso falar? Sei a mensagem de cor — perguntou Emelena.

— Prossiga — disse Artur.

Emelena respirou fundo, juntou as mãos e, sem olhar diretamente na direção de Artur ou da Primeira Dama, começou a falar um pouco depressa demais e sem respeitar pontuações, embora parasse de vez em quando para retomar o fôlego.

Lorde Artur saudações da Sra. Sexta-Feira Curadora da Arquiteta e Senhora da Casa Intermediária eu o saúdo através da minha porta-voz que deve transmitir exatamente as palavras que pronunciei sabendo perfeitamente que você procura a Quinta Chave e não descansará até conseguir tal como Sábado e o Tocador de Gaita

e no interesse de uma vida pacífica continuando minhas pesquisas sobre aspectos da mortalidade eu decidi abdicar do meu cargo de senhora da Quinta Casa e deixar a Chave para quem conseguir achá-la e manejá-la como achar melhor

peço apenas que me deixem sozinha no meu santuário localizado fora da Casa nos Reinos Secundários com tantos criados quantos quiserem me acompanhar meus mensageiros foram procurar Sábado e o Tocador de Gaita levando a mesma proposta

qualquer dos três que achar e apanhar a Chave no lugar em que ela se encontra dentro do meu escritório na Casa Intermediária será bem-vindo a Chave acolherá você ou Sábado ou o Tocador de Gaita deixo também na Casa Intermediária a Quinta Parte do Testamento e não assumo nenhuma responsabilidade adicional por sua guarda mas não a liberarei para que ela mesma não tome a Chave

minha abdicação acontecerá logo que vocês três tiverem recebido esta mensagem a ação será registrada na placa de metal que minha mensageira carrega

Emelena parou, tomou fôlego e fez uma reverência. Ao se erguer, acrescentou:

— Tenho a placa de metal aqui em um envelope, lorde Artur.

Ela pegou no bolso do avental um pequeno, mas pesado envelope amarelado, que estendeu a Artur. Instintivamente, ele esticou o braço para apanhá-lo. Ao vê-lo, a Primeira Dama gritou:

— Não, não o pegue...

O aviso chegou uma fração de segundo atrasado, quando os dedos de Artur se fechavam e os de Emelena se abriam. Artur sentiu uma súbita onda de energia mágica saltar de dentro do envelope, que se rompeu em uma chuva de confetes. Ele só viu de relance que segurava uma plaquinha redonda feita de algum tipo de metal prateado extremamente brilhante.

O ambiente em torno desapareceu, substituído por uma lufada de ar gelado, pelo nauseante choque da desorientação e pela assustadora constatação de que estava caindo e que, segundos depois, viria o impacto com o chão.





Capítulo 3

O susto deixou Artur imóvel por algum tempo. Não estava ferido, mas profundamente chocado pela súbita mudança do lugar onde estava para o lugar onde tinha caído de costas sobre um enorme monte de neve. Olhando para cima, tudo o que podia ver eram grandes e fofas nuvens cinzentas e alguns flocos de neve que desciam preguiçosos em espiral. Um deles aterrissou em sua boca aberta.

Fechando depressa a boca, Artur levantou um pouquinho a cabeça e observou o disco prateado da Sra. Sexta-Feira, que continuava em sua mão. Ide nunca tinha visto o metal *electrum*, porém o disco sem dúvida havia sido forjado com essa liga de prata e ouro tradicionalmente utilizada nas Placas de Transferência, conforme lhe ensinaram. Aquela era uma Placa de Transferência configurada para transportar instantaneamente qualquer pessoa que a tomasse das mãos da mensageira.

Em outras palavras, tratava-se de uma armadilha em que Artur tinha caído, sendo transportado, de imediato, da relativa segurança do Grande Labirinto para algum outro lugar. Um lugar onde ele estaria mais vulnerável...

Os pensamentos de Artur começaram a se organizar melhor quando o choque momentâneo da transferência foi anulado por uma súbita descarga de adrenalina. Ele se sentou e, respirando fundo, examinou cuidadosamente o local; queria ver se havia inimigos por perto. A respiração era para saber se a asma tinha voltado. Se tivesse, significaria que ele não estava na Casa, mas em algum lugar na Terra... ou em outro Reino Secundário.

Artur respirou com facilidade. Não havia sido afetado pelo choque nem pelo frio. Ainda assim, sentia-se confuso. Aquele lugar não se parecia com os que ele conhecia na Casa. Era natural demais.

Nos outros, dava para notar que o céu era de fato um teto bem lá em cima e que o sol se movia aos trancos, mecanicamente. Ali, tudo lembrava a Terra.

Fazia frio e o contato com a neve deixava Artur muito molhado. Ele estremeceu uma, duas vezes. Precisou se concentrar no esforço para conter o tremor. Na tentativa de não pensar no incômodo da situação, ficou de pé e sacudiu vigorosamente a roupa para retirar a neve. Não que isso desse muito resultado, já que o monte era alto e a neve batia em sua coxa.

— Será que vou morrer congelado? - Artur se perguntou em voz alta.

Embora ele falasse baixo, tudo à volta era tão silencioso que até a própria voz o incomodava. Bem como a pergunta. Sabia que não morreria de fome nem de sede na Casa e que a Quarta Chave lhe conferia certa proteção contra ameaças físicas, embora não o protegesse da dor e do sofrimento. Mas ele ainda era mortal e sentia muito frio.

A lembrança da Quarta Chave fez com que Artur, subitamente em pânico, apalpassse o lado do corpo. Mas o pânico logo foi substituído por alívio, quando sua mão tocou o bastão que felizmente não tinha caído. Ele nunca conseguiria encontrá-lo embaixo de toda aquela neve.

O fato de saber que possuía uma arma fez com que Artur se sentisse melhor, apesar de ter caído em uma armadilha. Não que pretendesse usar os poderes mágicos da Chave, mas o bastão poderia se transformar em uma espada que ele certamente seria capaz de manejar depois do treinamento no Forte da Transformação e da batalha contra os Novos Nadicas.

Artur franziu a testa. Não queria recordar a batalha. Bastavam os pesadelos; não queria nem por um momento aquelas lembranças que expulsavam tudo o mais de sua cabeça. Não queria reviver as cenas, os sons ou as emoções daquele dia.

Ele estremeceu de novo, tanto pelas lembranças quanto pelo frio, e outra vez olhou em volta. Precisava encontrar abrigo, e depressa, porém não havia uma direção óbvia em que pudesse caminhar. Ou onde pudesse entrar, já que era muita a neve acumulada.

— Tanto faz — disse Artur para si mesmo.

Ele concentrou o olhar em um ponto onde notou haver menos neve e menos nuvens. Em seguida, guardou a Placa de Transferência dentro do casaco, deu quatro passos desajeitados e parou. Ficou completamente imóvel, o coração acelerado.

Menos de cinquenta metros à frente, no limite da visibilidade, formas escuras emergiam da neve. Formas familiares, mas absolutamente indesejáveis. Do tamanho de um ser humano, vestindo ternos escuros e muito antiquados e usando chapéu-coco. Artur não conseguia ver os rostos, mas sabia que eram tão feios e bochechudos como cães de caça. Eram os caras de cachorro, servos dos Nadicas.

— Buscadores! — sussurrou Artur.

Sem que ele transmitisse uma ordem consciente, a Quarta Chave surgiu em sua mão: o bastão de marfim se alongou, transformando-se em uma pequena espada com lâmina de prata.

Eram seis Nadicas ao todo. Ainda não tinham visto ou farejado Artur, porque não havia vento. Observando tudo com atenção, ele arquitetava um plano. Se atacasse os dois da direita, provavelmente os pegaria antes que os outros reagissem. Bastaria um ligeiro toque da Chave para mandá-los de volta ao Nada, depois ele poderia atacar o seguinte...

Outros Buscadores apareceram atrás dos seis primeiros, em uma longa fila. No mínimo 50. Artur abaixou a espada e olhou para trás, avaliando sua linha de retirada. Eram muitos Buscadores. Ainda que destruísse uma dúzia deles, seria derrotado pelos restantes. A Chave poderia fazer alguma coisa para protegê-lo; seu poder explodiria os Nadicas a distância. Mas esse seria realmente o último recurso. A condição de ser humano era quase tão preciosa para Artur quanto a própria vida. Caso se tornasse um Habitante, não haveria mais esperança de voltar para sua família.... Se é que ainda tinha uma família.

Artur afastou esses pensamentos sombrios e disparou pela neve, para longe dos Buscadores. Pelo menos eles andavam devagar, com mais dificuldade do que ele, pois seus corpos atarracados e disformes afundavam nos montes de neve.

Quando Artur fez uma pausa e deu uma olhada para trás, viu que os Buscadores procuravam alguma coisa. Os primeiros seis formavam um grupo de batedores e a segunda fila era um grupo de busca, que examinava o chão cuidadosamente, chegando até a mexer a neve de vez em quando.

Artur foi em frente por um bom tempo, concentrando-se em manter a velocidade. Ele começava a se preocupar com a completa ausência de árvores, plantas ou construções; de qualquer coisa que lhe servisse de abrigo. Pelo que podia ver, encontrava-se em uma planície sem-fim, coberta de neve.

Sem alternativa, porém, seguiu adiante. Depois de uma hora ou mais, finalmente foi recompensado: à sua frente viu algo que só poderia ser um edifício. Foi uma visão muito rápida, logo bloqueada pelo rodopio das nuvens, mas serviu para lhe dar alguma esperança. Correndo e pulando ao mesmo tempo, Artur partiu naquela direção.

Alguns metros depois, conseguiu ver outra vez a construção e, instintivamente, reduziu a velocidade, tentando entender de que se tratava.

Sem dúvida era uma construção, porém estranhíssima. Através dos flocos de neve, deu para perceber um contorno retangular que parecia bastante normal: um edifício ou algo semelhante, com 9 ou 10 andares de altura, mais ou menos como um prédio de escritórios de porte médio. Mas por trás havia alguma coisa ainda maior... e a coisa estava se mexendo.

Artur tirou um floco de neve do olho esquerdo, piscou várias vezes para eliminar a umidade e continuou em frente decidido a se aproximar do edifício. Logo descobriu que a coisa em movimento era uma roda muito grande, de mais de 40 metros de diâmetro e cerca de 6 metros de largura, bem parecida com as rodas-gigantes dos parques de diversões, embora feita de madeira e sem as pequenas cabines que levam as pessoas. O eixo central ficava a cerca de dois terços da altura da construção revestida com tijolos vermelho-escuros. Nos três andares inferiores, não havia abertura alguma, mas acima desse nível se viam bonitas janelas com persianas azuis, todas fechadas.

A roda era movida a água, que, misturada a pedaços de gelo, escorria pelas ripas e raios. Mas outras coisas também eram levantadas pela roda para caírem do outro lado. Primeiro Artur pensou que fossem pedaços maiores de gelo. Porém, ao chegar mais perto, notou que eram livros, pequenos blocos de pedra e maços de papéis amarrados com fita.

Ele já tinha visto objetos semelhantes na Casa Inferior, por isso provavelmente sabia do que se tratava. Registros. Registros de pessoas e da vida nos Reinos Secundários.

A água que empurrava a roda, ou melhor, a corrente propulsora, vinha de um canal muito largo, tão largo que Artur não conseguia ver o outro lado, já que as nuvens baixas encobriam tudo por algumas centenas de metros. A margem do canal, absolutamente reta, estendia-se à esquerda e à direita da construção, perdendo-se em meio às nuvens e à neve em ambas as direções.

Junto da roda, a margem do canal aparecia coberta por blocos de gelo que sustentavam outros papéis, tabuletas, peças de bronze laminado, peles curtidas de ovelha marcadas a fogo com símbolos e outros objetos não identificáveis. Alguns documentos boiavam na água.

Artur estava mais interessado na fumaça que via sair da alta chaminé central, de um grupo de seis que havia em cima da construção. A esperança de uma fonte de fogo e calor fez com que ele se apressasse, pulando os montes de neve quando não conseguia andar sobre eles.

Ao chegar mais perto, Artur ouviu os rangidos e estalos da enorme roda acompanhados pelo ruído do gelo sendo triturado e da água caindo. Além disso, conseguia escutar o som monótono provocado pelos documentos que se espalhavam. Era difícil dizer qual a verdadeira função daquela roda. Caso fosse transportar os registros, havia falhas, já que eles escapavam pelos buracos nas ripas. A coisa toda parecia em péssimo estado de conservação.

Artur chegou à parede mais próxima do edifício, mas não viu uma porta ou qualquer outro ponto de entrada. Depois de hesitar por um momento, decidiu dar a volta pelo lado direito. De repente, a perspectiva de encontrar um local onde estivesse a salvo dos Buscadores, ou menos vulnerável caso tivesse que lutar, fez com que se animasse.

Então, ao contornar o canto do prédio, encontrou duas coisas: a primeira foi, como esperava, uma porta; a segunda foi um grupo de Buscadores sentados ou deitados na neve em frente à porta, como uma matilha à espera de comida. Eram oito e, assim que Artur parou, levantaram-se de boca aberta com os olhos ferozes fixos nele.

Sem hesitar, Artur atacou o Nadica Buscador mais próximo, enquanto os outros avançavam. Mal o inimigo foi tocado pela espada, dissolveu-se em um sopro de fumaça escura. Artur virou a arma rapidamente para a direita, fazendo a lâmina varrer outros dois Buscadores como se eles não fossem mais sólidos do que a fumaça em que se transformaram. Depois avançou sobre os restantes, que rosnaram e deram a volta, tentando se esconder atrás dele, fugindo assim do contato com a espada. Para impedir a manobra, Artur se encostou na parede, fazendo ao mesmo tempo pequenas investidas contra os Buscadores, que apenas simulavam uma reação, sem coragem de atacar de verdade.

Em seguida, o maior e mais feio dos Buscadores, o de chapéu menos amassado, falou com uma voz que era meio rosnado e meio latido, porém suficientemente clara:

— Mexeu com os meus, mexeu comigo.

Artur avançou sobre ele, enquanto um Buscador um pouco menor corria em disparada. O pequeno se safou, mas o líder pagou por sua incapacidade de falar e correr ao mesmo tempo, pois a ponta da espada rasgou a manga de seu casaco preto, fazendo com que ele desaparecesse em uma lufada de vapor oleoso e negro.

Choramingando, os três Buscadores restantes recuaram. Artur deixou que se fossem, já que o menor havia escapado. Por uns vinte ou trinta metros, o trio correu olhando para ele, depois virou de frente e disparou, desaparecendo na massa de neve.

Um ruído agudo e metálico vindo de trás e da esquerda fez com que Artur se voltasse. O barulho partiu da porta e, por um momento, ele pensou que fosse uma arma sendo engatilhada. Então, percebeu que na parte de baixo havia uma abertura para receber correspondência, e a tampa estava balançando.

Com a ponta da espada, Artur levantou a tampa da caixa de correspondência tentando ver o que havia lá dentro, sem chegar muito perto. Conseguiu enxergar alguém andando para trás, do outro lado, e ouviu alguns sons abafados, provavelmente reclamações.

— Abra! — exigiu Artur.





Capítulo 4

Ao abrir os olhos, Folha sentiu um estranho aperto no estômago. A fila de sonâmbulos ainda marchava por um corredor largo, grosseiramente talhado em uma pedra rosada, iluminado de tantos em tantos metros por bicos de gás que, saindo de cabeças de dragão em bronze envelhecido, cuspiam longas chamas azuis em todo o teto ligeiramente curvo. Folha tentava manter seu lugar na fila de sonâmbulos, mas deu um passo em falso e quase perdeu o equilíbrio. O movimento que fez para não cair, agitando os braços como um moinho, indicou que ela estava bem acordada.

Por alguns segundos, Folha balançou para a frente, tentando se manter de pé e ao mesmo tempo agir como se estivesse dormindo. Chegou a pensar que fosse tontura causada por algum problema na orelha interna. Para experimentar, andou um pouco mais depressa, exigindo demais das pernas enfraquecidas pelo longo tempo de permanência na cama. Com isso, avançou mais do que pretendia e por pouco não bateu em um dos bicos de gás, no teto, que ficavam a quase 3 metros do chão. Para evitar o fogo, acabou empurrando o sonâmbulo à sua frente.

Ainda que servisse para confirmar sua suspeita de se encontrar em algum lugar onde havia menos gravidade do que na Terra, a movimentação infelizmente chamou a atenção dos guardas Habitantes que vinham atrás. Dois dos quatro guardas do final da fila correram até Folha, enquanto os outros continuaram a acompanhar os poucos sonâmbulos que iam por último.

Folha só teve tempo de se endireitar e olhar rapidamente para trás. Foi agarrada pelos braços, tirada da fila e puxada para o lado. Ela relaxou o corpo, inclinou a cabeça e fechou os olhos como se tivesse voltado a dormir, mas, dessa vez, os Habitantes não se deixaram enganar.

— Ela está acordada! — disse um deles.

Embora a criatura, tal como os outros Habitantes, vestisse terno acinzentado e capa, Folha percebeu pela voz que se tratava de alguém do sexo feminino.

— Talvez — hesitou o outro Habitante. — Se estiver acordada, o que fazemos com ela?

— Pesquise aí. Não tem uma cópia das Ordens e Procedimentos?

— Eu estava de serviço ontem à noite e coloquei o manual embaixo de uma pedra para não perder. Depois esqueci qual era a pedra. Pode me emprestar o seu?

— Eu estava dourando as iniciais maiúsculas e deixei na minha mesa de trabalho — respondeu a Habitante.

— Será que podemos perguntar para Ela?

Folha não conteve um arrepio. Pelo jeito como o Habitante pronunciou “Ela”, era óbvio que se referia à Sra. Sexta-Feira.

— Não seja estúpido! Ela não quer ser incomodada. Certa vez, uma mortal acordou. O que fizemos?

— Comigo, ninguém acordou, Milka.

— Foi há uns vinte anos, horário local. Onde você estava?

— Onde gostaria de ainda estar, como Sexto Auxiliar Substituto na Grande Impressora. Só fui mandado para cá quando Jakem assumiu a linha de encadernação. Ele sempre teve raiva de mim e tudo porque sem querer eu acionei uma das prensas menores quando ele estava com a cabeça lá dentro. E isso foi há mais de mil anos...

— Lembrei! — exclamou Milka.

— Lembrou? Você nem estava lá...

— Não, idiota! Nada a ver com o que você fez. Eu lembrei que quem acorda fora de hora deve ser entregue à viradora de gente!

— A quem?

— À viradora de gente. Você sabe, a mortal encarregada de vigiar os sonâmbulos. Esqueci o nome dela. Ou talvez só tenha sabido o nome da anterior... ou de uma antes da anterior, sei lá. Elas ficam tão pouco tempo que não dá para a gente aprender o nome delas!

— Onde achamos esta viradora de gente, então? — perguntou o Habitante.

Folha decidiu chamá-lo de “Estúpido” enquanto não ouvisse o nome verdadeiro dele. Era bem apropriado.

— Em algum lugar. Procure no mapa. Você está com seu mapa, não está? Eu seguro esta mortal.

Quando sentiu que Estúpido a tinha largado, Folha começou a retesar os músculos pronta para fugir se Milka também a largasse. Mas a Habitante a segurou com mais força ainda, apertando-lhe o braço.

— Não vai fugir, não! — avisou Milka. — Trabalhei tempo suficiente com as crianças do Tocador de Gaita e sei como são os mortais. Trapaceiros, todos

eles. Não adianta fingir que está dormindo. Nem adianta correr de nós, porque você não tem para onde ir.

Folha levantou a cabeça e olhou em volta devagar. Muito desajeitado, Estúpido abria um mapa de papel grosso, que foi desdobrando até ter um quadrado de mais ou menos 2,50 metros de lado. Ao apoiar o mapa na parede, notou que infelizmente estava do avesso, o que o obrigou a repetir o processo, com toda a complicação.

Milka suspirou, mas não relaxou o aperto no braço de Folha.

— O que você quis dizer com “não tem para onde ir”? — perguntou Folha.

Estúpido continuava em luta com o mapa. Tinha conseguido colocá-lo do lado direito, mas parte voltou a se dobrar. Pelo que Folha pôde ver, parecia mais a planta de um edifício do que um mapa. Eram só quartos e corredores arrumados em um grande círculo, em torno de uma espécie de lago central. Ou de qualquer outra coisa redonda colorida de azul.

— Ah, desistiu de fingir que está dormindo, é? — “alfinetou” Milka.

Ela parecia bastante amigável. Ou pelo menos não francamente hostil ao continuar:

— Eu queria dizer o que disse. Que estamos no Retiro da Montanha que pertence à Sra. Sexta-Feira. Ela mandou construí-lo especialmente lá na Casa e o trouxe para cá, mas a parte intermediária afundou e a montanha diminuiu. Além da montanha, fica um dos piores e mais selvagens mundos de todos os Reinos Secundários. Ela gosta de privacidade. Ah, se gosta!

— Achei! — exclamou Estúpido.

Para mostrar o local no mapa, ele soltou uma das pontas, fazendo a coisa toda desabar de novo, dobrando-se por cima da cabeça dele.

— Realmente você não tem para onde ir — repetiu Milka, dando uma forte cutucada em Folha. — Fique bem encostadinha na parede e em um minuto será levada à viradora de gente. Se nos der trabalho, vai ver só.

Ela soltou Folha e tirou o mapa das mãos de Estúpido, dobrando-o com facilidade para mostrar a área que ele havia indicado antes.

Por um momento, Folha pensou em fugir. Mas suas pernas ainda estavam fracas, seu equilíbrio não era dos melhores e, afinal, ela acreditava em Milka. Por certo não havia mesmo para onde fugir ou pelo menos nenhum local imediatamente óbvio. Por enquanto, era melhor se deixar levar e recolher toda a informação possível sobre o lugar onde estava. Depois disso, poderia

elaborar um plano de fuga não só para ela, mas também para tia Manga e todos os outros que pudesse levar.

— Círculo 6, Passado 18 — falou Milka. — E estamos no Círculo 2 no Passado 43. De modo que temos que subir quatro círculos e recuar ou avançar. Ir para trás é um pouquinho mais rápido.

— Por quê? — perguntou Estúpido.

Milka suspirou.

— Porque seguindo pelo círculo em um movimento anti-horário, de 43 para 18, temos 25 segmentos, e no sentido horário, de 43 para 18 em sentido horário, são 35 segmentos.

— Ah, certo, eu não estava contando direito — disse Estúpido. Ele apontou para a direita: — Para lá é para a frente, não é?

— Não, é para trás — corrigiu Milka. — Você está de frente para o interior da cratera.

Ela cutucou Folha, dizendo:

— Vamos. Quanto mais cedo você for entregue, mais cedo começará o trabalho.

— Trabalho? — perguntou Folha. — Que trabalho?

— Você vai ver — cortou Milka. — Ande logo.

Folha obedeceu. Ela caminhava de modo estranho. Tinha que fazer, conscientemente, movimentos mais curtos e menos vigorosos. Não era como se estivesse na Lua; não se movia como os astronautas chineses que tinham aterrissado lá poucos anos antes. Ela imaginou que a gravidade devia representar uns 85% do normal na Terra. O suficiente para prejudicar o equilíbrio, com certeza.

A passagem escavada na rocha e iluminada por bicos de gás seguia por várias centenas de metros, sempre fazendo uma curva suave para a esquerda. De vez em quando, viam-se portas em um lado ou do outro, às vezes nos dois. Eram portas de madeira de aparência absolutamente comum, todas pintadas de azul-claro, com uma larga variedade de puxadores e maçanetas em bronze que talvez identificassem o que havia por trás delas. Ou não.

— Mais devagar! — avisou Milka. — Pegue a escada à direita.

Folha reduziu o ritmo. À direita havia um arco aberto, e à direita dele ela viu o número 42, que lhe pareceu pintado com tinta branca. Contudo, ao observar melhor, percebeu que os algarismos eram formados por um mosaico

de pequenas peças de marfim ou algum material parecido. No ponto mais alto do arco, havia outro número, desta vez, o 2.

O arco levava a um patamar com o número 2 incrustado no chão, em um mosaico igualmente feito de pequeninas pedras brancas ou de marfim. Por sua vez, o patamar dava acesso a uma ampla escada que subia à esquerda e descia à direita. Os degraus escavados eram revestidos por uma pedra azulada mais lisa. As escadas também eram iluminadas por bicos de gás, menores do que os anteriores, no formato de leopardos agachados presos à parede, e não ao teto.

— Suba! — ordenou Milka.

Folha virou à esquerda e começou a subir os degraus. A subida foi longa até o patamar seguinte, que tinha o número 3.

— Ainda faltam mais três — avisou Milka.

Apesar da gravidade menor, era uma subida cansativa. Folha contou trezentos degraus entre o nível 3 e o nível 4 e mais ou menos a mesma quantidade entre o 4 e o 5, embora tenha perdido a conta em determinado ponto, quando se distraiu, pensando preocupada na família e nela mesma.

Eles não encontraram ninguém na subida nem no nível 6, ou “círculo 6”, como Milka havia chamado. O corredor em que entraram se parecia muito com o outro por onde os sonâmbulos desceram lá para o fundo. As diferenças estavam apenas na cor e na textura da pedra.

— Agora, vamos contornar até o segmento 18 — informou Milka.

— Odeio este lugar — disse Estúpido. — Queria estar de volta à Casa.

— Calado! — interrompeu Milka. — Nunca se sabe quem pode ouvir!

— Eu só estava dizendo...

— Pois bem, não diga. Céus, o que fiz para merecer você grudado no meu pé, Feorin?

Folha ficou um pouco desapontada ao ouvir o nome verdadeiro de Estúpido. A partir daquele momento, ia ficar mais difícil pensar nele como Estúpido.

— Não sei — ele respondeu afinal. — Você esmagou alguém acidentalmente?

— Não. Eu me ofereci. Pensei em conseguir uma promoção. Agora fique calado. Quanto mais rápido entregarmos esta garota, mais cedo poderemos tomar uma xícara de chá e botar as pernas para cima.

— Chá? Você tem chá? — perguntou Feorin. — Sério?

— Tenho. Consegui uma caixa com aqueles atravessadores quando estive em casa. Ande logo.

Depois da simples menção ao chá, o trio passou a andar bem mais depressa, com Feorin na liderança. A julgar pelos números pintados a cada trecho de poucas centenas de metros e pelas breves olhadas no mapa, Folha concluiu que percorria uma passagem circular dividida em capítulos, ou segmentos, como num relógio.

A passagem corria ao longo da borda exterior do círculo e todos os cômodos, presumivelmente os corredores menores também, saíam da borda em direção ao lago. Ou pelo menos até o que quer que fosse aquela coisa azul e grande no centro do mapa.

Folha passou algum tempo imaginando de que tamanho seria o círculo. Se havia 60 segmentos, cada um com cerca de 300 passos, e ela sabia que seu passo tinha mais ou menos 45 centímetros, então a circunferência total era $60 \times 300 \times 45$ centímetros, o que corresponde a 810 mil centímetros ou 8,1 mil metros ou 8,1 quilômetros. Daí, usando a fórmula $c=27\pi$, ela poderia calcular o diâmetro...

Folha estava profundamente concentrada nos cálculos, por isso não reparou que Feorin tinha parado de repente. Assim, ela lhe deu um encontrão nas costas, perdeu o equilíbrio e caiu para trás, de traseiro no chão.

Ela ia se levantar, mas decidiu ficar onde estava ao ver Feorin jogar os braços para trás, fazendo voar seu casaco. As asas em azul bem claro se abriram, fazendo as penas roçarem no rosto de Folha. Ao mesmo tempo, da bainha que trazia na altura do quadril, ele sacou uma arma que se podia classificar como espada curta ou punhal longo. Uma arma de lâmina tão brilhante que espalhava reflexos pelas paredes.

Uma fração de segundo depois, Milka seguiu o exemplo de Feorin. Na verdade, ela pulou por cima de Folha, fazendo a chama de gás estremecer e chiar no teto. Tal como as de Feorin, suas asas eram de um azul pálido e ela também tinha um punhal de lâmina espelhada.

Folha não conseguia ver o que eles atacavam, ou de que se defendiam, porque as armas dos Habitantes eram brilhantes demais. Ela percebia apenas o movimento das asas e manchas luminosas, como os rastros de luz que aparecem nas fotografias do tráfego noturno após longa exposição.

Então Feorin foi lançado para trás, por cima dela, caindo a quase dez metros de distância e deslizando por pelo menos outros cinco metros, antes de

se chocar com uma curva da parede.

Foi quando Folha viu o atacante. Ou parte dele: um tentáculo cinza, cabeludo, tão grosso quanto a perna dela. Tinha 3 metros de comprimento e estava conectado a um objeto cinza manchado, na forma de uma bola oval de futebol americano, mas tão grande quanto uma geladeira. O atacante recuava rapidamente como um rato gigantesco, embora não se enxergassem suas pernas. Folha teve uma visão muito rápida antes que Milka cortasse a coisa em vários pedaços, para em seguida lhe cravar o punhal. Fez-se um clarão tão intenso que Folha ficou cega por um momento, além de sentir um terrível calor no rosto, como se estivesse sob sol forte.

Foram necessários alguns segundos até que a visão de Folha se normalizasse. Tempo suficiente para sua mente e seu corpo perceberem que a situação era assustadora e que ela devia fazer alguma coisa. Fugir, de preferência.

No entanto, quando Folha conseguiu enxergar, apesar da dificuldade causada por pontos e manchas flutuantes, o medo diminuiu. Isso aconteceu porque viu que Milka chutava pequenos fragmentos enegrecidos da coisa, formando uma pilha que de modo algum parecia representar uma ameaça. Além do mais, Feorin voltava aparentemente despreocupado.

— O que era *aquilo*? — perguntou Folha.

Ela estranhou a própria voz, que lhe pareceu baixa, insegura e distante.





Capítulo 5

— Abra a porta! — repetiu Artur. — Senão a derrubo!

Quando Artur retirou a espada da abertura da caixa de correspondência, ela se transformou novamente em um bastão. Ele desejou que isso significasse a ausência de inimigos nas imediações e um sinal de haver atrás da porta uma criatura amigável. Ou neutra, pelo menos. Ele calculou ter apenas alguns minutos antes que um grupo inteiro de Nadicas aparecesse, provavelmente liderado pelo chefe, que poderia ser qualquer pessoa ou qualquer coisa, desde Crepúsculo de Sábado até um dos oficiais dos Novos Nadicas do Tocador de Gaita. Fosse quem fosse, Artur queria estar dentro do prédio antes que chegasse.

De início não houve resposta ao comando de Artur. Ele já tomava fôlego para repetir a ordem pela terceira vez, pensando no que fazer caso ninguém respondesse, quando ouviu o ruído de vários ferrolhos sendo puxados e, em seguida, o rangido da porta se abrindo.

Um Habitante magro, mas forte, enfiou nervosamente a cabeça no vão da porta e disse:

— Entre, senhor, entre. Não vai matar todos nós, vai?

— Não vou matar ninguém — respondeu Artur.

O Habitante se afastou para que Artur entrasse e, com muito esforço, empurrou a pesada porta, com cerca de 30 centímetros de espessura, fechando os vários ferrolhos enormes. Em seguida, abaixou uma barra que com certeza seria mais adequada a servir de pilar central em uma mina muito profunda, onde suportaria toneladas e toneladas de rocha.

Artur olhou em torno do pequeno cômodo, mas não viu nada além das paredes de pedra ligeiramente úmidas e de uma porta oposta à primeira, de aparência menos pesada. Ainda fazia muito frio.

— Só queria me aquecer um pouco — esclareceu Artur. — Quem é você?

— Marek Auriplano, senhor. Primeiro Laminador, Segunda Classe, número 97. 858 em precedência na Casa. O senhor não vai nos matar nem destruir a usina, vai?

— Não — confirmou Artur.

Artur não parou para pensar nas razões pelas quais um Habitante muito mais alto do que ele sentia tanto medo de um menino, um jovem mortal. Marek hesitou, porém, abriu a porta interna e, com um gesto, convidou o recém-chegado a entrar.

Ao atravessar o portal, Artur se assustou com a onda de calor acompanhada de uma luz amarela muito forte que tomava o ambiente.

— Uau, está quente aqui!

Ele teve a impressão de estar passando diretamente da neve para a sauna. A porta dava acesso a uma enorme área aberta, tão grande quanto uma praça de esportes e muito maior do que seria possível imaginar pelas dimensões externas da torre. Artur estava acostumado a isso; muitos edifícios na Casa eram bem maiores por dentro do que pareciam ser por fora. Na verdade, surpreendeu-se com o calor, com a intensa luz amarela e com a fonte de tudo aquilo: uma enorme piscina de ouro derretido no meio do espaço. Do tamanho de uma piscina olímpica, tinha sido construída no alto, e não escavada na terra. As laterais, de cristal, chegavam a cerca de 2 metros de altura.

O ouro líquido quentíssimo escorria da grande piscina por uma longa calha, também de cristal e sustentada por estacas de ferro escuro que terminava em uma série de seis piscinas menores. Em cada uma, Habitantes recolhiam ouro usando ferramentas que pareciam xícaras grandes na ponta de varas de metal com uns 3 metros de comprimento. Em seguida, os carregadores de ouro levavam as xícaras para um canto, onde o metal era moldado em lingotes. Sempre em fila e sem parar, outros Habitantes, usando luvas acolchoadas que chegavam ao cotovelo, transportavam esses lingotes ainda quentes para outro local, parecido com uma olaria. A diferença era que, em vez de tijolos, havia lingotes de ouro empilhados por toda a parte. Descarregados os lingotes, os Habitantes iam buscar mais, novamente em fila. Aquela atividade incessante lembrou a Artur o trabalho das formigas.

Além do calor e da luz, o lugar era tomado por um ruído monótono de batidas mecânicas. O som vinha de uma extremidade onde um eixo alimentado pela roda de água externa fazia girar uma roda interna um pouco menor. Esta, por sua vez, acionava uma série de pequenos êmbolos e correias que forneciam energia a um conjunto de martelos mecânicos. A cabeça do martelo maior era tão grande quanto um carro utilitário, a do menor tinha o tamanho da cabeça de Artur.

As marteladas obedeciam a um ritmo regular, enquanto os Habitantes trabalhavam febrilmente, colocando o ouro embaixo do martelo grande, onde ele entrava como lingote e saía transformado em uma folha achatada e larga. Outra fileira de Habitantes carregava as folhas de ouro para o canto mais distante da sala, onde estavam instaladas de 200 a 300 bancadas de trabalho. Em cada uma delas, um Habitante martelava manualmente as folhas, produzindo assim lâminas de ouro finíssimas.

Havia atividade constante por toda a parte, a não ser em uma área bem perto de Artur, onde cerca de 50 Habitantes estavam deitados, parecendo adormecidos. Tinham colada no rosto uma estreita faixa de pergaminho ou papel azul-claro que começava na testa, passava pelo nariz e chegava ao pescoço.

Artur olhou rapidamente em volta. Viu os trabalhadores e a estranha cena dos Habitantes de rosto coberto, mas não perdeu tempo investigando o que era aquilo. Tinha preocupações mais sérias.

— Quem é o chefe aqui? — perguntou.

Ele precisou gritar para ser ouvido em meio ao barulho das marteladas, do falatório dos Habitantes e do gorgolejar e do chiado do ouro derretido correndo pela calha.

— Existe algum jeito de olhar lá fora e ver o que está acontecendo? — acrescentou.

— De verdade, senhor, não vai matar todo mundo? — perguntou Marek.

— Não! — gritou Artur. — Por que fica perguntando isso? Por acaso, pareço um maluco assassino?

— Não...

Marek dava a impressão de achar que sim, mas estava disfarçando isso para não irritar Artur.

— Desculpe-me. Estes são tempos estranhos... e vi o que o senhor fez com aqueles Nadicas.

— Por falar em Nadicas, um grande bando deles deve atacar em breve — avisou Artur. — Preciso ver o chefe deste lugar.

O barulho impediu que a resposta de Marek fosse ouvida. Então, frustrado, Artur recuou para o cômodo anterior, fazendo um gesto para que o outro o seguisse. Depois de encostar a porta obtendo relativo silêncio, Artur repetiu a pergunta.

— Eu não sei quem é o responsável — respondeu Marek, encolhendo-se a ponto de ficar quase do tamanho de Artur. — Nenhum dos telefones funciona. Recebemos uma carta hoje de manhã dizendo que a Sra. Sexta-Feira sumiu. Aurora de Sexta-Feira, o Mestre da Corporação, subiu o canal para descobrir o que aconteceu. Depois que ele partiu, recebemos uma carta de Sábado Superior comunicando que havia tomado a Casa Intermediária e que devíamos continuar trabalhando porque logo chegará outro Mestre de Corporação para nos supervisionar.

— Quem é o seguinte em precedência na Casa depois de Aurora de Sexta-Feira? — perguntou Artur.

Ansioso com a perspectiva de um ataque iminente dos Buscadores, ele continuou:

— E existe algum modo de observarmos da torre o que acontece lá fora?

— Elibazeth Auriplano é a Mestra Laminadora — explicou Marek. — Mas está muito ocupada com a laminação para ser incomodada. Eu sou o terceiro depois de Elibazeth e responsável pela coleta das letras. Kemen é o segundo, mas ele está em experiência e levará semanas para voltar. Para olhar o lado de fora da torre, basta abrir esta porta interna de maneira diferente. Mas, já que não pretende nos matar nem destruir nada, por que simplesmente não vai embora? Temos que trabalhar!

Artur se surpreendeu. Em questão de segundos, Marek tinha passado da submissão covarde a uma estranha agressividade.

— Saiba que sou lorde Artur, Herdeiro Legítimo da Arquiteta, Comandante do Exército da Arquiteta e um monte de outras coisas e estou assumindo a liderança aqui no lugar de Sábado Superior ou de qualquer outra pessoa. Entendeu?

Voltando imediatamente à covardia e à submissão, Marek pousou um dos joelhos no chão, enquanto dizia:

— Sim, senhor.

— Interrompa o que Elizabeth estiver fazendo...

— Elibazeth, senhor.

— Que seja, então. Vá e diga a ela que todos os Habitantes que serviram no Exército devem se reunir aqui, perto da porta, com todas as armas que tenham ou possam improvisar. E abra esta porta da “maneira diferente” para eu poder ver o lado de fora da torre.

— Sim, senhor.

Marek mostrou a Artur como fazer: puxar a maçaneta, girar 90 graus e empurrar novamente para o lugar. Dessa vez, o que apareceu além da porta aberta não foi o primeiro cômodo nem a porta externa, mas uma escadaria escura, fria e muito úmida, condições que nem as frestas de luz que eram filtradas pelas aberturas das venezianas das janelas fechadas conseguiam melhorar.

Artur subiu correndo a escada, enquanto Marek fechava a porta atrás dele. Ao alcançar a primeira janela, destrancou uma veneziana e a abriu só um pouquinho, o suficiente para olhai sem ser notado.

Pela abertura estreita, ele observou a planície nevada. A visibilidade era ainda muito limitada, com a neve caindo forte e as nuvens tão baixas que quase seria possível tocá-las. Artur estava preocupado com a possibilidade de descobrir uma massa de tanques dos Buscadores ou de outros Nadicas e ficou aliviado pela ausência de inimigos, pelo menos até então.

De repente, ocorreu-lhe que olhava para um só lado da edificação. Os Buscadores poderiam estar formados em um dos outros dois lados, já que o quarto lado dava para o canal e seria provavelmente mais seguro, a menos que os Buscadores tivessem asas ou barcos. O que, aliás, era perfeitamente possível, concluiu Artur. Teria que checar aquele lado também.

Para olhar pelas outras janelas, ele precisava subir os três níveis seguintes. Cada andar tinha uma janela que se abria para norte, leste, sul ou oeste, e Artur não sabia qual a posição de cada uma.

Ele correu pelas escadas e rapidamente olhou em cada direção, certificando-se de fechar bem as venezianas. Sabia que nos Reinos Secundários os Buscadores, com ou sem asas, só podiam entrar nos ambientes se fossem convidados, mas não tinha certeza se a regra valia na Casa.

Pensando nisso, lembrou-se de duas coisas. Uma era que ele ainda não tinha confirmado sua localização. Presumia, apenas, que estivesse em algum lugar na Casa Intermediária. A segunda era que, mesmo querendo, não poderia consultar o *Atlas Completo da Casa*, que continuava com a Primeira Dama. Artur se sentia um pouco desconfortável com isso. Melhor seria se o atlas ficasse com ele, pois em caso de absoluta necessidade teria como checar certas coisas. Além do mais, não queria o mapa nas mãos da Primeira Dama.

“Não é que eu não confie nela”, ele pensou. “É só que... Não estou certo se devo confiar nela.”

Artur abanou a cabeça e suspirou. Pensar no Testamento e em sua manifestação como a irritante Primeira Dama não melhorava em nada a situação.

“Foco!”, ele falou para si mesmo. “Foco!”

Não havia ameaças concretas em nenhuma direção ou, pelo menos, nada que Artur pudesse ver. Ele desceu hem mais devagar do que quando subiu, mas sua cabeça funcionava febrilmente, avaliando as circunstâncias e pensando no que fazer. Embaixo, retornou ao cômodo de entrada, girou a maçaneta e abriu a porta do local onde ficavam os trabalhadores e o ouro derretido.

Artur esperava encontrar lá uma força apreciável de ex-combatentes do Exército prontos para receber suas ordens, mas não foi o caso. Apenas três Habitantes estavam em fila, à vontade, segurando as varas de metal de 3 metros de comprimento. Não se viam armas mais efetivas. Tudo se parecia muito com o cenário de dez minutos antes; a atividade semelhante à de uma colmeia continuava. Apenas o número de Habitantes deitados, com tiras de papel ou pergaminho coladas na testa, dava a impressão de ter aumentado bastante. Havia mais 20 ou 30, no mínimo.

Marek não estava à vista em lugar algum, mas em pé na porta uma Habitante de camisa verde com babados e avental mais limpo e mais elaborado que o dos outros dava instruções a vários trabalhadores. Ela se virou e, ao ver Artur entrar, fez uma reverência.

— Elibazeth? — perguntou Artur.

— Sim, senhor.

— Estes são todos os Habitantes que serviram no Exército?

— Todos os que não estão em experiência — respondeu Elibazeth, indicando com um gesto os Habitantes adormecidos e “empapelados”.

— O quê?

Artur achou que não tinha ouvido direito devido ao barulho dos martelos e tudo o mais.

— Estão experimentando.

— Experimentando o quê? O sono?

— Não, senhor — explicou Elibazeth. — Eles não estão dormindo. Estão participando de uma experiência mortal. Só acordam daqui a um mês ou dois.

— O quê? — estranhou Artur. — E estes papéis colados neles?

— São experiências mortais — falou Elibazeth impassível.

Ela não parecia tão intimidada diante de Artur como Marek tinha ficado. Era simplesmente objetiva.

— Eles participam de uma experiência mortal descartada pela Sra. Sexta-Feira. Como as experiências não são proibidas explicitamente, são permitidas.

Artur olhou fixamente para ela e balançou a cabeça. Claro que iria precisar de muito mais informações, com o máximo de urgência.

— Espere aqui — ele disse a Elibazeth antes de se dirigir à lamentável pequena fila de ex-soldados.

— A-ten-ção! — comandou o Habitante da direita.

O trio ficou em posição de sentido.

— Apresentar arm...!

— Obrigado! — interrompeu Artur. — Não vamos nos preocupar com essas formalidades. Fiquem à vontade! Sou Artur, Comandante do Glorioso Exército da Arquiteta. Humm, vocês três são mesmo os únicos que prestaram serviço militar?

— Sim, senhor! — respondeu o Habitante que ia dar a ordem de apresentar armas. — Isto é, os únicos que não estão em experiência, senhor. Há provavelmente uns 20 entre os “experenciadores”, senhor.

— Certo... — falou Artur. — Não temos muito tempo. Quais são seus nomes, quais eram suas patentes e em que unidade serviram?

— Anspeçada Artilheiro Jugguth Auriplano da Moderadamente Honorável Companhia de Artilharia — respondeu o Habitante da direita. — Só estou fora há cinquenta anos. Estes são o Soldado Raso Lukin Auriplano do Regimento e o Cavalariano Raso Serelle Auriplano da Horda.

— Muito bem, Artilheiro Jugguth. Há pela redondeza um destacamento de Nadicas, Buscadores ou coisa pior. Provavelmente seremos atacados em breve. Quero que leve seu... ah... pelotão para a torre e mantenha vigilância em todas as quatro direções. Se surgir alguma coisa estranha, mande alguém se reportar a mim imediatamente. Estarei aqui com Elibazeth. Entendido?

— Sim, senhor — respondeu Jugguth. — Acontece que somos apenas três. Como vamos olhar nas quatro direções, senhor?

— Você cuida de dois lados — respondeu Artur, contendo a impaciência.

— Escolha um. De cinco em cinco minutos, dê uma espiada no outro por um ou dois minutos e depois volte para o lado que estiver cobrindo. Entendeu?

— Sim, senhor — confirmou Jugguth.

Mas Artur não teve certeza de ter sido entendido pelo Habitante. Enquanto o Artilheiro saía pela porta com seu pelotão, Artur correu de volta até Elibazeth, que inspecionava uma grande lâmina de ouro entregue por outro Habitante. Ela estava bem perto da piscina de ouro derretido, onde o calor era ainda mais intenso, suficiente para fazer o suor escorrer pela nuca de Artur.

— Elibazeth! — chamou Artur, interrompendo uma discussão técnica sobre a quantidade de marteladas extras que uma folha precisaria. — Como vocês normalmente se protegem dos Nadicas? Isto é, na Casa Inferior existem os Comissionários e tudo o mais. Que guardas vocês têm?

— Quando Aurora de Sexta-Feira está aqui, é acompanhado por um bando de Jovens Dourados com asas — respondeu Elibazeth.

Ao continuar, ela não parecia muito preocupada com a possibilidade de um ataque.

— Eles patrulham a Planície e a Primeira Encosta do Canal. Assim, impedem qualquer incursão dos Nadicas. Depois do pôr do sol, acredito que os Servos Alados da Noite façam o mesmo. Mas os Jovens Dourados partiram com o nosso Mestre da Corporação, isto é, com Aurora de Sexta-Feira. Não sei se os Servos Alados virão quando a noite cair nem se vai escurecer. Desde que o tempo foi interrompido, o dia e a noite têm sido bastante incertos por aqui. No entanto, a usina tem uma construção sólida, o portão é muito mais forte do que talvez pareça e possuímos outros recursos. Seria muito difícil para qualquer Nadica penetrar nesta área.

Artur limpou o suor da testa e tentou organizar os pensamentos. Foi bom saber que as defesas eram confiáveis. E, com as sentinelas a postos, pelo menos ele não seria surpreendido por um ataque Nadica. Então, o que precisava saber era... praticamente tudo.

— Certo. Vamos começar pelo básico. Onde exatamente nós estamos?





Capítulo 6

— Uma vagem ambulante — explicou Milka para Folha, apontando a casca fumegante da criatura que acabava de ser destruída. Às vezes elas vêm lá de fora. Talvez tenha a infelicidade de encontrar outra...

— O que eu faço? — perguntou Folha.

— Agradeça por vocês, mortais, morrerem facilmente. Os Habitantes podem viver meses com a planta crescendo por dentro.

Folha não respondeu, mas passou para o outro lado do corredor. Queria manter a maior distância possível dos fragmentos queimados daquela vagem estranha.

— Vamos — ordenou Milka. — Venha, Feorin! Aqui você não precisa usar isso!

Feorin embolou embaixo do braço o casaco que tentava vestir. Suas asas se dobraram em direção ao meio das costas e encolheram, chegando-lhe apenas à cintura, quando antes iam até os joelhos.

Folha não fazia ideia de quanto tempo levariam para chegar ao destino. Toda vez que Feorin hesitava ou diminuía a velocidade, ela sentia uma tremenda vontade de fugir. Mas o medo de encontrar outra vagem era maior. Com o susto causado por aquele incidente, estava ainda mais nervosa, à beira de um ataque de nervos. Só mesmo a certeza de que isso não ajudaria em nada fez com que se controlasse.

— Feorin... pare! — mandou Milka com um suspiro de impaciência.

Ela apontou a porta à esquerda, marcada com o número 18 feito de pedacinhos de pedra azul, diante da qual Feorin acabara de passar.

— É aqui.

O cômodo ao qual a porta dava acesso era mais ou menos do tamanho do quarto de Folha em casa. Na parede mais distante, destacava-se um janelão, o primeiro encontrado por ela. Feito do que parecia vidro fosco, impedia a visão da paisagem do outro lado, embora deixasse passar a luz avermelhada do sol, suficientemente forte para encobrir o brilho das chamas azuis dos bicos de gás encontrados em toda parte.

No centro do cômodo, havia uma mesa de madeira e uma cadeira. Em uma cama, no canto, um homem, aparentemente um mortal comum, dormia sobre

as cobertas totalmente vestido, com o mesmo tipo de uniforme verde usado pela faxineira na enfermaria do hospital na Terra.

— É ela? — perguntou Feorin.

— Ele — corrigiu Milka. — Eu disse que eles mudam o pessoal o tempo todo. Acorde!

Com um grito de surpresa, o homem se sentou. Folha observou que ele não era jovem. Mais velho que seu avô, tinha os cabelos curtos bem branquinhos.

— O que foi? — perguntou o homem. — Eu só me deitei um pouco!

— Nós lhe trouxemos um acordado sonâmbulo — explicou Feorin.

— Um sonâmbulo acordado — corrigiu Milka novamente. — Precisamos de um recibo.

O homem esfregou os olhos para observar melhor.

— Olá — ele cumprimentou. — Meu nome é Harrison. Tomara que não mandem mais ninguém. Você é uma das crianças do Tocador de Gaita, não é?

— Não... — disse Folha.

E tentando aparentar desorientação, o que não era difícil, continuou:

— Eu estava no hospital...

Com ar sério, Harrison saltou da cama.

— Ela nunca pega gente com menos de 50 anos!

— Precisamos de um recibo! — interrompeu Milka. — E depressa! Temos mais o que fazer.

— Como tomar chá, por exemplo — disse Feorin.

— Está bem, está bem!

Harrison sacudiu a cabeça várias vezes, piscou e esfregou os olhos, depois foi até a mesa. Lá, com uma caneta esferográfica, escreveu rapidamente alguma coisa em um pedaço de papel. Milka pegou o recibo e fez uma careta em sinal de desaprovação.

— Muito mal escrito — ela comentou. — Essas coisas pontudas não são instrumentos adequados para escrever!

— Mas vai servir? — perguntou Harrison.

— Acho que sim — respondeu Milka.

Com precisão, ela dobrou o papel, formando um quadradinho cujo tamanho era um oitavo menor que o original, e o guardou no bolso, encerrando o encontro:

— Feorin! Vamos!

Com passos firmes, os dois Habitantes se retiraram, deixando Folha em pé diante da mesa. Harrison esfregou os olhos mais uma vez, inclinou-se para a frente e apoiou o queixo nas mãos, mantendo os olhos fechados. Por um momento, pareceu cochilar. Então se sacudiu, empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

— Sinto muito — ele disse. — É melhor você se sentar. Vai levar um choque com o que vou revelar.

Folha se sentou na cadeira.

Harrison andava para lá e para cá em frente à mesa, coçando a cabeça. Finalmente parou, encarando Folha.

— Olhe, não sei como lhe dizer isto. Humm, deixe-me ver... Como posso explicar? As duas... ah... criaturas que a trouxeram aqui. Bem, não são seres humanos. São uma espécie de alienígenas, chamados Habitantes, e normalmente vivem em um lugar... um mundo, imagino... chamado Casa, que fica em outro planeta, talvez na Nuvem Magelânica Inferior, eu acho, ou... Oh... Estou cansado demais para pensar, quanto mais para explicar. De qualquer maneira, aqui a maioria das pessoas de verdade está adormecida e vai ficar assim até... Mas alguns seres humanos normais como eu estão acordados... Também somos prisioneiros... Ah, aposto como nada do que estou dizendo faz sentido...

— Você disse que é prisioneiro neste lugar? — perguntou Folha.

Ela queria se assegurar de que ele não era um servo dedicado da Sra. Sexta-Feira.

— Sou — confirmou Harrison. — Fui tão burro que aceitei um emprego no hospital da “Dra. Sexta-Feira” lá na Terra. O que sei... é que vim parar aqui e aqui fiquei. Em que ano nós estamos em casa?

Folha disse o ano. Harrison pediu que ela repetisse. Ao ouvir a resposta pela segunda vez, ele ficou completamente imóvel. Apenas os músculos da garganta se mexiam, como se ele quisesse conter um soluço.

— Então, estou aqui há quatorze anos... Pensei que fosse mais. Coisas estranhas acontecem quando você passa pela Casa, entre a Terra e este lugar.

— Chegamos aqui pela Casa? — perguntou Folha.

— É o que diz Axilrad — respondeu Harrison. — Uma Habitante. De vez em quando, ela fala comigo. Ah, de que adianta... Eu estou preso, você está presa, mas temos mais sorte que os sonâmbulos...

— O que acontece com os sonâmbulos?

Folha sentiu o corpo se contrair quando perguntou, porque, na verdade, o que ela queria dizer era: “O que vai acontecer com a minha tia?”

— Nem queira saber — resmungou Harrison.

Ele continuava a andar de um lado para o outro. E prosseguiu:

— Não queira. Você provavelmente já está apavorada. Não vá piorar as coisas.

— Eu quero saber — insistiu Folha.

Ela inspirou profundamente. Preparando-se para a notícia que estava prestes a receber, disse:

— Já sei sobre a Casa e os Habitantes. Sei que a Sra. Sexta-Feira é Curadora do Testamento e tudo o mais.

Harrison parou de andar e olhou espantado para ela.

— Como? Você é um ser humano, então?

— Sou — confirmou Folha. — Mas já estive na Casa antes. Sou amiga de Artur, o Herdeiro Legítimo da Arquiteta.

— Quer dizer que Artur existe?

Harrison se sentou na ponta da mesa e, pela primeira vez, olhou diretamente para Folha. Tinha os olhos muito abertos sem nenhum sinal de cansaço.

— Os Habitantes falam sobre ele, às vezes. Axilrad disse que ele não existe, que as histórias sobre um Herdeiro Legítimo não passam de boatos... Mas, se ele pode derrotar a Sra. Sexta-Feira... talvez... apesar de tudo, haja uma possibilidade de eu voltar para casa...

— Ele é bastante real. Já derrotou o Sr. Segunda-Feira, o Terrível Terça-Feira, a Quarta-Feira Submersa... e, provavelmente, o Furioso Quinta-Feira também, mas disso eu não tenho certeza. Agora me diga... o que acontece com os sonâmbulos?

Harrison desviou o olhar mais uma vez e estalou os dedos nervoso.

— Ela costumava trazer só uma dúzia por mês, mais ou menos — ele começou a explicar. — Não sei a razão deste súbito aumento. Milhares deles e, a cada doze horas, tenho que virar todos nas camas até que... até a hora...

A voz de Harrison sumiu por completo.

— Até a hora de quê? — insistiu Folha.

— De comparecer diante da Sra. Sexta-Feira — conseguiu dizer Harrison.

— Então...

Ele foi interrompido por um ruído eletrônico repentino, seguido de um estalo na caixa de madeira que havia sobre a mesa. Folha pensou que o objeto fosse um grande peso de papel ou algo assim, mas, na verdade, tratava-se de um interfone.

— Harrison! Soube que você tem ajuda extra. Vá agora para a Sala Amarela de Preparação e apronte uma dúzia para a chefe.

— É Axilrad — explicou Harrison. — A Habitante para quem eu trabalho. Ela não é má, comparada à maioria. Vamos!

— Mas o que acontece com os sonâmbulos? — insistiu Folha, enquanto Harrison a empurrava para a porta.

— Você vai ver — disse Harrison. — Venha comigo.

Apesar do comentário de que Axilrad não era tão má, Harrison parecia apavorado com a possibilidade de deixá-la esperando e andava muito depressa, quase correndo. Folha se esforçava ao máximo para segui-lo, embora suas pernas ainda não estivessem perfeitamente recuperadas.

Quando haviam percorrido mais ou menos cem metros do corredor, passaram por uma grande janela retangular de vidro transparente, em uma parede interna. Através dela, Folha pôde ver um grande lago circular, aproximadamente trinta metros abaixo, e perceber claramente que todos os corredores e cômodos em que ela estivera ficavam, com certeza, nas paredes de uma cratera semelhante à de um vulcão extinto.

Olhando para cima, Folha teve a impressão de ver um estranho céu avermelhado. Ao observar melhor, porém, notou um delicado ornato em ouro de tom claro que, em um padrão original, arqueava-se desde a borda mais distante da cratera. O rendilhado parecia uma teia de fios finíssimos ou uma estrutura metálica, só depois de alguns segundos ela percebeu que os espaços eram preenchidos com vidro ou um material parecido. O conjunto compunha uma cobertura abobadada sobre a cratera: uma cúpula de, pelo menos, 1, 5 quilômetro de diâmetro por 300 a 400 metros de altura.

— Depressa! — exclamou Harrison.

Ele tinha se adiantado bastante, enquanto Folha olhava pela janela. Ela correu atrás dele. Contudo, ao alcançá-lo, voltou a reduzir o passo perdida em lembranças despertadas pela visão do lago, uma grande massa de água onde uma pequena embarcação poderia navegar confortavelmente.

“Água... lago... mar... barco... navio... Marinheiro”, pensou Folha.

Ela deixou Harrison ganhar uma boa dianteira de novo, mas não parou. Só andou mais devagar, de modo que ele desapareceu de vista na curva adiante. Depois, pegou o medalhão do Marinheiro no cordão mal trançado de fio dental e o aproximou da boca.

— Por favor me ajude — ela sussurrou para o pequeno disco de osso de baleia. — Aqui é Folha, amiga do Artur. Ele me deu este medalhão. Por favor me ajude. Estou prisioneira da Sra. Sexta-Feira em algum lugar dos Reinos Secundários. Por favor me ajude. Ou avise Artur. Ou Suzy Azul Turquesa. Ajude-me por favor.

Folha teve tempo de repetir várias vezes aquelas palavras, quase como uma oração, antes de avistar de novo Harrison, que esperava diante de uma porta marcada com o número 5. Com ar aborrecido, ele só bateu na porta quando ela se aproximou. Sem esperar resposta, abriu e entrou. Folha foi atrás, cautelosamente, preocupada com o que iria encontrar.

A Sala Amarela de Preparação era, de fato, amarela, com paredes cor de miolo de margarida e teto muito brilhante, cor de gema de ovo. No amplo espaço retangular, aproximadamente do tamanho do ginásio da escola de Folha, encontravam-se 30 camas simples, iguais às do hospital de Sexta-Feira, na Terra, todas ocupadas por sonâmbulos. Folha olhou para os mais próximos tentando reconhecer alguém, especialmente tia Manga. Todas aquelas eram pessoas idosas, mas ninguém lhe pareceu familiar.

Uma Habitante estava de pé no meio do aposento, atrás de uma mesa de madeira sobre a qual estavam diversas garrafas, de diferentes tamanhos e formas, contendo um líquido de aparência estranha. A Habitante vestia um uniforme de enfermeira em estilo antigo, complementado por um chapéu branco engomado que a tornava ainda mais alta. Embora muito atraente e com pelo menos 1,80 metro de altura, fora o chapéu, ela não era espetacularmente bonita nem muito mais alta do que o normal Assim, Folha concluiu que se tratava apenas de uma serva de médio escalão da Sra. Sexta-Feira. Naquele momento, a Habitante tentava despejar um líquido azulado grosso, de uma garrafa de gargalo muito longo, em um copo medidor. Por isso não viu quando Harrison e Folha entraram.

— Humm, com licença, Axilrad, chegamos — disse Harrison, inclinando a cabeça em uma reverência nervosa.

Axilrad despejou o conteúdo do copo de medição em outro frasco e só então viu Folha. Com expressão ainda mais concentrada, colocou os objetos

sobre a mesa e caminhou até a menina.

— Você não é sonâmbula! É jovem demais! Quem é você?

— Sou Folha. Eu estive dormindo e acordei...

Axilrad estendeu o braço e segurou o queixo de Folha, virando o rosto dela na direção do bico de gás no teto, para ver melhor.

— Você é uma criança do Tocador de Gaita, não é? Quem a mandou? O que pretende?

— Eu estava no hospital e a Dra. Sexta-Feira veio. Acho que dormi de novo...

Axilrad soltou o queixo de Folha, que sentiu uma pontada de dor no pescoço quando sua cabeça voltou à posição normal.

— Estranho... — disse a Habitante.

Sem olhar diretamente para Folha, ela parecia falar consigo mesma, quando continuou:

— Ela nunca pega gente tão jovem. Deve haver um motivo. E eu tenho que descobri-lo. Não gosto de surpresas desse tipo.

— O que é uma criança do Tocador... — começou Folha.

Mas nem para ela mesma a pergunta soou convincente. Axilrad a ignorou e, caminhando para a porta, gritou:

— Harrison, prepare uma dúzia de sonâmbulos. O medicamento está na garrafa xadrez. Eles devem ir para a cratera assim que estiverem prontos. Volto logo, mas não me espere. Peça à garota para ajudar. E não a perca de vista.

— Sim, senhora — confirmou Harrison, fazendo uma mesura na direção da porta fechada.

Folha observou a cena com apreensão. O homem se comportava como um escravo e provavelmente não a ajudaria em nada.

— Examine cada pessoa adormecida — ensinou Harrison. — Elas precisam estar deitadas de barriga para cima. Se não estiverem desse jeito, ponha-as na posição.

— Por quê? — perguntou Folha.

Ela andou até a porta e forçou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

— Faça o que eu digo! — gritou Harrison.

Ele correu até a mesa, onde pegou uma colher de prata com um cabo muito longo e uma garrafa de vidro quadriculado. Dentro dela, havia um líquido grosso, cor de grama seca.

— Não vou fazer nada enquanto você não me disser o porquê — insistiu Folha, começando a andar na direção da porta que ficava na outra extremidade.

— Se eles não estiverem prontos, nós dois vamos ser castigados — alertou Harrison.

Em seguida, dirigiu-se ao sonâmbulo mais próximo, uma mulher, e manejando uma colher com habilidade derramou-lhe na boca uma medida do líquido marrom-esverdeado. Ela o engoliu, estremeceu e se sentou sem abrir os olhos.

Trabalhando com rapidez, Harrison deu o misterioso líquido a mais dois adormecidos. Depois, teve que largar a garrafa e a colher para reposicionar um que dormia de lado. Enquanto despejava outra colherada, ele falou:

— A mistura faz com que eles passem de um sono muito profundo, semelhante ao estado de coma, para um nível mais leve, em que podem receber ordens e se movimentar. Quando estiverem prontos, vou mandá-los sair pela porta que leva à cratera.

— Esta porta? — perguntou Folha.

Ela estivera a ponto de abrir a tal porta.

— Sim — confirmou Harrison. — Você não pode fugir, sabe? Não tem para onde ir. Mesmo que pudesse deixar a montanha, seria atacada pelas plantas. Nem imagina como é horrível...

— Sei como é, sim — corrigiu Folha. — Com que frequência as vagens entram aqui?

— Só respondo se me ajudar — resmungou Harrison.

Ele tentava virar de barriga para cima um homem gordo e pesado.

Folha olhou para ele, depois para os outros adormecidos, e abanou a cabeça.

— Não vou ajudá-lo a ajudar a Sra. Sexta-Feira a matar estas pessoas, ou seja lá o que ela faça!

— Isso você diz agora — falou Harrison. — Eu tentei a mesma coisa assim que cheguei aqui. Mas, se quiser comer e beber e ter um cantinho seguro para dormir, logo, logo, vai mudar de ideia.

Folha não respondeu. Tinha esquecido que não estavam na Casa e que, portanto, precisava se alimentar. Na verdade, só o fato de pensar em comida e bebida fez com que de repente sentisse sede. Mas não o suficiente para se decidir a ajudar Harrison. Ela teria que estar à beira da desidratação para tomar

a decisão de auxiliar alguém no preparo de um monte de pessoas inocentes para a morte... ou coisa pior.

Portanto, tentou arquitetar um plano. Ela não podia contar com o Marinheiro. Se, de alguma forma, ele aparecesse, provavelmente chegaria tarde demais.

“Tenho que achar tia Manga”, pensou. “Depois nos escondemos e entramos em contato com Artur ou Suzy. Mas o que posso fazer pelos outros? Preciso tentar alguma coisa. Talvez fosse melhor achar primeiro um telefone para falar com a Casa...”

— Tudo certo, eles estão prontos — avisou Harrison.

Dizendo isso, voltou à mesa e pegou um pequeno cone de prata. Folha havia pensado que aquilo fosse um funil, mas Harrison o usou como megafone, falando no lado mais estreito.

— Sentem-se! — ele mandou.

Embora mais suave, a voz que saiu do cone de prata era muito parecida com a da Sra. Sexta-Feira quando chamava os sonâmbulos. Outra vez Folha sentiu as palavras ecoarem dentro de sua cabeça, porém ignorou sem dificuldade a vontade de obedecer.

Atendendo imediatamente ao comando, todos os sonâmbulos se sentaram.

— Escorreguem para fora da cama e se levantem!

Folha nem queria imaginar o que viria depois.





Capítulo 7

— Estamos na Usina de Laminação da Corporação de Douramento e Iluminação, na Planície da Casa Intermediária — falava distraidamente Elibazeth como se tivesse o pensamento longe, enquanto respondia à pergunta de uma criança.

— Certo — disse Artur com um gesto que a convidava a prosseguir.

Mas Elibazeth não forneceu nenhuma outra informação; estava interessada em observar os Habitantes que manejavam o ouro.

— Preciso saber mais!

Artur levantou a voz irritado pelas batidas constantes dos martelos:

— O que é a Planície da Casa Intermediária? Existe um mapa que eu possa consultar? Tenho que chegar ao Escritório da Sra. Sexta-Feira onde quer que isso seja. E depressa!

— Estou muito ocupada, lorde Artur.

Com essa explicação, Elibazeth se voltou para de.

— Os douradores no Centro dos Letristas e na Vista usam mais de 4 mil folhas metálicas por dia e eu sou a funcionária da corporação responsável...

— Quanto mais rápido você responder às minhas perguntas, mais depressa poderá voltar a seu trabalho normal — Artur cortou friamente. — Isso, se os Nadicas permitirem. Então, você tem um mapa da Casa Intermediária?

— Oh, certamente — respondeu Elibazeth. — Venha a minha sala.

Ela caminhou em direção às pilhas de lingotes de ouro. Artur engoliu o aborrecimento e foi atrás. Por mais que convivesse com os Habitantes, ele não se acostumava com a obsessão pelo trabalho e com a total ausência de bom senso demonstradas por eles.

Elibazeth conduziu Artur por uma passagem muito estreita, entre as pilhas de lingotes, que terminava em uma porta de madeira com uma abertura em vidro fosco, onde estava escrito “M_{stre} Folhe_{dor}”, em brilhantes letras douradas.

A sala grande e confortável tinha paredes forradas de ouro, teto revestido em madeira e, o mais importante, era bastante silenciosa. Lá, o ruído dos martelos ficava reduzido a uma vibração distante, mais sentida do que ouvida.

Elibazeth entrou, sentou-se atrás da mesa de mogno com tampo de couro vermelho e começou a mexer nas gavetas. Artur permaneceu de pé, ignorando a cadeira simples de madeira em frente à escrivaninha e a espreguiçadeira de couro gasto coberta por um tapete estampado de losangos.

— Estamos aqui — falou Elibazeth.

Com o braço, ela empurrou para o lado os vários documentos espalhados sobre a mesa e aproveitou a parte livre para abrir um pequeno mapa.

Artur se inclinou sobre ele, tentando entender. Tudo o que via eram rabiscos desconexos e sem sentido. Concentrada, Elibazeth franziu a testa e bateu no papel com os nós dos dedos. Os rabiscos rapidamente se organizaram, mostrando um desenho em três dimensões da encosta íngreme de uma montanha cortada por três amplos platôs.

— Esta é a Casa Intermediária — continuou a Habitante, deslizando a mão sobre a montanha inteira.

No momento em que ela apontou o platô mais baixo e maior, o mapa obedientemente ampliou aquela área e mudou a perspectiva para uma vista aérea, revelando os vários locais com os nomes marcados por pontos de ouro.

— Aqui é a Planície onde estamos, que pertence à Corporação de Douramento e Iluminação. Seus principais locais de trabalho são a Usina de Laminação aqui, o Salão da Vista Excelente aqui, o Centro dos Letristas e a Associação dos Enfitadores aqui. Nosso lugar de descanso é a cidade de Auriamburgo, que, como pode ver, fica à mesma distância de todas as oficinas.

— O que é esta linha que sobe pela encosta, vai ao primeiro e depois ao segundo patamar? Uma estrada? — perguntou Artur.

Quando ele apontou, o mapa voltou para o corte transversal em três dimensões.

— É o Canal Extremamente Grande, utilizado para transportar os registros das três corporações até o lago de armazenamento antes que sejam concluídos e levados para o arquivo da Casa Inferior.

— Mas o canal sobe pela encosta? — perguntou Artur. — E a água corre montanha acima?

— A água do canal é movida a texto — explicou Elibazeth com um suspiro de tédio. — Existem correntes regulares que se movem para cima e para baixo em várias velocidades. Qualquer coisa que contenha textos digitados ou escritos à mão é levada pela corrente. Para nós, aqui, o canal não tem muita

serventia. Nossas lâminas são levadas por terra para o Centro dos Letristas, e as quantidades menores...

— Está bem, está bem — interrompeu Artur.

Ele não queria saber que destino as lâminas tinham.

— Como se chama o próximo nível? E onde fica o Escritório da Sra. Sexta-Feira?

Com mais um suspiro, Elibazeth respondeu:

— O próximo platô é chamado de Meio do Meio. É o território da Corporação de Ilustração e Arte e de um bando horroroso que você nunca vai encontrar, a menos que suba até a Plataforma Superior, onde a chamada Alta Corporação de Encadernação e Restauro não faz praticamente nada. Ouvi dizer que o Escritório da Sra. Sexta-Feira fica ainda mais acima, no pico da montanha, mas não sei se é verdade. Agora posso voltar ao meu trabalho?

— Haveria um jeito de alguém ir diretamente para a Plataforma Superior? — perguntou Artur.

— Normalmente se podia usar o elevador. Só não sei por que você quer ir. Mas, de todo modo, os elevadores não estão funcionando. Presumo que estejam desregulados, como o tempo. Agora, eu realmente preciso insistir...

— Só mais umas perguntinhas — pediu Artur. — Pessoas... ou Habitantes... podem viajar pelo canal? Já ouviu falar de uma Parte do Testamento da Arquiteta que estaria escondida na Casa Intermediária?

— É melhor fazer perguntas sobre a natureza e o funcionamento do canal aos Empurradores de Papel, que trabalham lá. Não sei nada sobre o Testamento da Arquiteta, a não ser que há cerca de onze mil anos foi feita especialmente para ele uma folha de ouro finíssima. Ainda temos uma amostra aqui. Normalmente não deixamos que estranhos a vejam, mas já que é o Herdeiro Legítimo... Ela é interessante por várias razões...

— Não, não precisa — falou Artur apressadamente.

Mas Elibazeth já tinha pressionado um dos cantos da mesa, fazendo aparecer uma gavetinha secreta. De lá, tirou um prisma de cristal minúsculo, do tamanho de seu dedo mínimo, que entregou a Artur.

Sem entender, ele pegou o prisma.

— Onde está a amostra? — perguntou.

— Segure-o contra a luz — ela ensinou.

Artur fez como Elibazeth disse e viu um pequeno fragmento de ouro suspenso bem no meio do prisma.

— Ela mesma o fez, aqui — falou Elibazeth de modo respeitoso. — A Arquiteta. E nos deu este pedaço que sobrou.

— Vocês viram o verdadeiro Testamento? — perguntou Artur curioso. — O documento, quero dizer. Será que a Arquiteta dourou as letras aqui?

— Não, ela levou a chapa. Agora, se puder me devolver...

Artur abanou a cabeça lentamente. Estava interessado na amostra por ter se lembrado de um ensinamento do doutor Scamandros: coisas que estiveram juntas uma vez e foram separadas podem ser reunidas por meio da magia, já que afetam umas às outras. Talvez aquele fragmento de metal servisse para localizar as outras partes do Testamento douradas pela Arquiteta. Não que ele soubesse como fazer isso, mas se conseguisse entrar em contato com Scamandros...

— Acho que esta amostra pode ser útil — ele disse.

— Mas esse é o tesouro mais importante da corporação! — protestou Elibazeth. — Com certeza...

— Posso precisar dela! — exclamou Artur.

Ele se sentiu especialmente bem ao se dirigir à Habitante com firmeza. Embora a demonstração de raiva reduzisse um pouco a tensão que crescia dentro dele, gerou certo desconforto para ele. Sua mãe definitivamente não aprovaria aquele comportamento, mas acabaria entendendo sua necessidade de fazer os Habitantes cooperarem. Afinal de contas, ela corria perigo, e ele tinha que fazer o que fosse preciso para salvá-la.

Artur tentou não pensar na mãe.

“Tenho que me concentrar. Não posso perder tempo pensando no que não é imediatamente necessário. Recebi uma missão e vou me empenhar para cumpri-la, exatamente como aprendi no forte da Transformação. Vou esquecer tudo que não esteja ligado ao meu compromisso.”

— Também vou precisar de roupas mais quentes. Você tem algum casaco que me sirva?

— Não — respondeu Elibazeth. — O ouro nos mantém aquecidos. Se não há mais nada que queira saber... ou pegar... Lorde Artur, devo insistir na minha volta ao trabalho.

— E asas? Tem alguma?

Artur não queria tentar voar sobre a neve nem no meio das nuvens. Mas, se o tempo melhorasse, um bom par de asas poderia levá-lo rapidamente ao Escritório.

— Não temos asas de espécie alguma — falou Elibazeth com firmeza.

Ela se levantou e saiu. Artur foi atrás, ainda pensando no que fazer. Uma vez que voar estava certamente fora de questão, o canal parecia a melhor opção para subir a montanha, mas sem roupas adequadas ele ficaria congelado. Havia também o risco de um ataque dos Nadicas ou de outros inimigos. Seria melhor se manter em movimento para evitar um confronto direto.

Ao entrar atrás de Elibazeth na câmara de distribuição do ouro, Artur imediatamente voltou a sentir o incômodo causado pelo barulho e pelo calor.

— Ei, Elibazeth! — ele chamou. — Onde posso encontrar um Empurrador de Papel? Você tem algum avental de couro sobrando?

Elibazeth se voltou de cara feia.

— Os Empurradores de Papel mantêm um cais a meia parassanga a oeste da usina — ela disse, apontando para uma direção onde Artur pensava ficar o sul. — Os aventais se destinam exclusivamente aos membros da corporação que foram aprovados...

— Preciso de dois — interrompeu Artur.

Ele teve a ideia de usar um na frente e outro atrás, formando uma espécie de manto. Os aventais eram de couro grosso e serviriam para isolar o frio e a neve, evitando a hipotermia sem que fosse preciso utilizar os poderes da Chave.

— Suponho que, no seu caso, tenhamos de abrir uma exceção — disse Elibazeth.

Ela bateu palmas, produzindo um som surpreendentemente agudo que superou o ruído surdo dos martelos. Um Habitante que voltava da descarga dos lingotes atendeu ao chamado e, depois de ouvir as instruções, correu para buscar os aventais.

— Agora, eu realmente preciso voltar ao trabalho — completou Elibazeth com um delicado aceno de cabeça.

Em seguida, dirigiu-se com passos firmes para a piscina de ouro, aproximando-se do metal fundido mais do que Artur seria capaz, sem qualquer tipo de proteção mágica.

Artur pegou os aventais e andou rápido em direção à saída. Estava quase lá, quando a porta se abriu, e Jugguth entrou apressado. Ao ver Artur, porém,

parou bruscamente, fazendo uma saudação.

— Eles estão chegando, senhor! Vindos do sul!

— Quantos? A que distância estão?

Artur enfiou um avental por sobre a cabeça e o amarrou atrás. Depois vestiu o outro para trás e o amarrou na frente. Como eram feitos para os Habitantes, eles lhe chegaram quase aos tornozelos, parecendo um vestido de couro, mas Artur nem se importou.

— Três, senhor!

— Três? Só três Buscadores?

— Não, não, não são Buscadores, senhor. Eu não sei o que eles são. Dois têm o seu tamanho e o terceiro é mais ou menos duas vezes mais alto e mais forte. Eles usam uniformes, senhor.

— Uniformes de que cor? — Artur se apressou a perguntar.

— Casacos de um amarelo-clarinho. Chapéus pretos, grandes e felpudos. Um deles tem uma lança comprida.

— É o uniforme dos Novos Nadicas — concluiu Artur. — Um quase Habitante ligado ao Tocador de Gaita e duas crianças do Tocador de Gaita... Eu me pergunto... De qualquer forma, a que distância eles estão?

— A esta altura já devem estar aí fora — respondeu Jugguth. — Fiquei observando por muito tempo, para ter certeza de saber descrever o que vi. O senhor pode espiar pela abertura da caixa de correspondência se quiser.

Artur suspirou.

“Tanta coisa para acabar em uma fuga rápida antes de os inimigos chegarem”, ele pensou.

— Vou dar uma olhada — disse Artur. — Você volta lá para cima e fica de vigia. Dessa vez, se aparecer mais alguém ou alguma coisa, venha me avisar imediatamente.

— Sim, senhor!

Jugguth fez uma continência e girou tão rápido que perdeu o equilíbrio e quase derrubou Artur, obrigando-o a se afastar. O Habitante girou mais duas vezes antes de conseguir parar e correr porta afora. Assim que ele saiu, Artur mexeu na maçaneta, fazendo surgir o pórtico, por onde passou.

A batida na porta foi um delicado *rat-a-tat-tat*, e não o baque forte de uma arma.

— Olá, alguém em casa? — perguntaram do lado de fora.

A voz chegou pela abertura da caixa de correspondência.

De testa franzida e cabeça inclinada para um lado, Artur era a imagem da concentração. A voz lhe soou familiar, mas o eco impedia a identificação. Ele avançou um pouco, com o cuidado de não ficar em frente à porta. Não queria ser espetado por uma espada que alguém enfiasse pela abertura.

Mesmo assim, ele foi visto. Do lado de fora, alguém suspirou profundamente.

— Artur? — chamou a voz. — Artur?

— Suzy!

Artur ia abrir, mas parou. Como ter certeza se era mesmo Suzy ou apenas alguém imitando a voz dela? Ainda que fosse ela, podia estar sendo forçada ou enfeitiçada pelo Tocador de Gaita e, nesse caso, tratar Artur como inimigo. Jugguth havia descrito os uniformes dos Novos Nadicas e talvez um dos três recém-chegados fosse um soldado do Tocador de Gaita.

Depois do som abafado de passos do lado de fora, como se dois dos visitantes tivessem trocado de lugar, outra voz se fez ouvir pela abertura da caixa de correspondência.

— Raio... Quer dizer, Artur... Sou eu, Fred. Pode nos deixar entrar? Estamos congelando aqui fora.

“Fred e Suzy”, pensou Artur. “Com um soldado Novo Nadica. ”

— Afastem-se! — gritou Artur.

Somente depois de ouvir passos na neve, ele se abaixou cuidadosamente a pouco menos de meio metro da abertura e olhou para fora... na esperança de ver o melhor, mas com medo de encontrar o pior.





Capítulo 8

Escurecia lá fora. O sol — ou os sóis, já que poderia haver mais de um acima das nuvens — caía. No crepúsculo, ainda mais escuro por causa da nevasca, Artur estudava as duas crianças do Tocador de Gaita e o Habitante ou Novo Nadica, que estava de pé entre os dois.

As crianças se pareciam mesmo com Suzy Azul Turquesa e com Fred Números Iniciais de Ouro, mas vestiam o uniforme do exército do Tocador de Gaita, e o soldado entre eles era, com certeza, um Novo Nadica. À primeira vista, Artur pensou se tratar de um Habitante, mas logo viu que a criatura tinha sete dedos em cada mão. Além disso, a pequena saliência que aparecia no meio da testa, sob o chapéu preto de pele, não era um galo, e sim um terceiro olho, cujo tamanho não passava da quarta parte dos outros dois.

Sem saber o que fazer ou pensar, Artur ficou olhando pela abertura durante dez longos segundos. Precisou piscar os olhos para protegê-los do vento frio. Ele queria muito deixar Suzy e Fred entrarem, porém não conseguia esquecer as palavras duas pela Primeira Dama: todas as crianças do Tocador de Gaita eram suspeitas. E ele estava sozinho.

Finalmente desviou o olhar e, fixando o chão, disse:

— Acho que não posso deixar vocês entrarem. Estão com o uniforme do Tocador de Gaita, portanto servem a ele.

— Contra a nossa vontade! — exclamou Suzy. — Ele nos fez vestir os uniformes, mas nunca nos mandou fazer mais nada. Sou eu, Suzy Azul Turquesa! De qualquer forma, nunca faço o que me mandam. Não vou obedecer ao Tocador de Gaita de jeito nenhum... ah... uh...

Artur olhou para fora de novo e viu Suzy de joelhos na neve, lutando para se livrar de uma corda ou coisa semelhante que lhe envolvia o pescoço. Ele não enxergava bem, mas parecia que a coisa a estava estrangulando. Fred tentava ajudar, enfiando os dedos sob a corda. O soldado Nadica não prestava a menor atenção; olhava na direção contrária, inspecionando a planície nevada.

— Claro que ela vai obedecer! — gritou Fred. — Nós dois vamos! Nós seguimos ordens! Diga que sim com a cabeça, Suzy!

Assim que Suzy desesperadamente fez sinal de que obedeceria, Fred conseguiu afrouxar a corda. Ela inspirou com força, para logo explodir em um

acesso de tosse.

— O que foi isso? — perguntou Artur.

Fred se aproximou da porta e abriu a gola da roupa. Não dava para ver bem, mas havia uma tirinha com palavras escritas em volta do pescoço dele. Uma tatuagem, talvez.

— O Tocador de Gaita nos lançou um feitiço — explicou Fred. — Se desobedecermos a uma ordem direta, ou ameaçarmos desobedecer, esta coisa nos sufoca. Mas nunca recebemos ordem de atacá-lo, Artur, nem nada parecido. Viemos embora antes. Podemos entrar para nos aquecer e conversar?

Artur hesitou. Queria muito ter Fred e Suzy como amigos novamente e conversar com eles, porém não estava certo de serem confiáveis.

— E quanto ao soldado Novo Nadica? — ele perguntou.

— Banneret Ugham? — falou Suzy com dificuldade, enquanto se levantava, massageando a garganta. — Ele disse que as ordens que recebeu se referem apenas a tomar conta de nós, e é exatamente o que vai fazer. Ninguém o mandou atacar Artur ou coisa assim, não é, Uggie?

— Não tenho divergências com lorde Artur — respondeu Ugham.

Surpreendentemente, a voz do soldado era fina e anasalada como o som de uma flauta e completamente em desacordo com seu tamanho avantajado e sua aparência assustadora. Além da lança carregada eletricamente, ele portava no lado esquerdo do cinto uma espada de lâmina larga e no lado direito uma arma do tipo soco-inglês, com cabo de bronze e espaço para encaixar seus sete dedos.

Artur notou que Suzy e Fred traziam nos cinturões facas menores, também com soco-inglês, proporcionais ao tamanho de suas mãos. Assim, caso estivesse diante de inimigos, ele teria que enfrentar, no mínimo, três lâminas.

— Na verdade, devemos unir nossas forças à de lorde Artur — continuou Ugham, apontando com a lança.

Ao olhar para onde ele apontava, Artur viu se materializar a cerca de cem metros de distância uma longa fila com centenas de Buscadores e uma massa escura de Nadicas que se destacava contra a neve. Eles avançaram alguns passos, mas pararam ao ouvir um grito distante e perturbador vindo de algum lugar atrás deles. O grito agudo, que não parecia de um ser humano, nem de um Habitante, nem mesmo de um Buscador, foi imediatamente abafado, como se tivessem tapado a boca da criatura que gritou. Os Buscadores

estremeceram, e o tremor foi visivelmente transmitido a Fred e Suzy. Até Artur o sentiu. Havia algo de errado ali.

— Estou pedindo... — gemeu Suzy.

— Por favor! — pediu Fred.

Os dois se aproximaram da porta e falaram ao mesmo tempo:

— Artur?

“Tomara que não seja um truque”, pensou Artur. “Em caso de extrema necessidade, acho que posso usar a Chave...”

— Está bem — ele disse, enquanto levantava a trava e abria os ferrolhos.

No momento seguinte, os três estavam lá dentro. Suzy deu um tapinha nas costas de Artur, mas Fred apenas balançou a cabeça com firmeza, encarando-o. Parecia o olhar de dois soldados que se reencontravam em circunstâncias adversas. Ugham fez uma reverência e, em seguida, ajudou Artur a recolocar a trave e fechar a porta, antes de se agachar para espiar pela abertura da caixa de correspondência.

— Obrigada. Foi bom sair daquela neve — agradeceu Suzy com um calafrio. — Não entendo por que o pessoal do Fred gosta tanto daqui.

— Nós não gostamos da neve — corrigiu Fred. — O tempo está ruim há anos. Sem falar no ciclo diário.

— O que é isso? — perguntou Suzy.

— A rotina do dia e da noite — explicou Fred. — Uma vez, tivemos uma noite que durou um ano até alguém conseguir que o sol subisse de novo.

— É bom ver vocês dois — falou Artur um tanto bruscamente. — Pensei... Pensei que isso poderia não acontecer depois que foram capturados.

— Bem, somos como moedas sem valor — respondeu Suzy alegremente. — Sempre aparecemos onde menos se espera. Como aqueles Buscadores lá fora. Estão a serviço de quem, você sabe? Será que podemos nos acomodar lá dentro? Em algum lugar com fogo?

Ela começou a girar a maçaneta para abrir a porta interna, mas Artur interveio.

— Não, aí dentro tem muito barulho. Vamos conversar um pouco aqui mesmo, caso os Buscadores não estejam avançando.

— Acho que esperam o comandante ou alguma autoridade — disse Ugham. — Nunca lutei contra Buscadores. Ouvi falar que são subordinados e vão na frente para reconhecer o terreno e roubar. Não seriam adversários à altura da nossa coragem, a menos que viessem em grande número.

— Realmente, não sei o que eles estão esperando — disse Fred. — O que foi aquele grito horrível?

— Provavelmente esperam Crepúsculo de Sábado ou algum outro de seus principais agentes — sugeriu Artur. — Embora isso não combine com o Crepúsculo que eu conheci no Fosso. Mas é melhor não perdermos tempo... O que quero saber é como chegaram aqui. Por que o Tocador de Gaita os mandou para cá... e... Banneret Ugham também. O que aconteceu depois que foram capturados?

— Bem, não foi o Tocador de Gaita quem nos mandou aqui — corrigiu Fred sério. — A história é longa. Acho melhor começar do começo, ainda que eu não saiba bem o que aconteceu. Ficou tudo escuro quando o Tocador de Gaita subiu a rampa...

— Comigo foi a mesma coisa — interrompeu Suzy. — Eu simplesmente apaguei quando ouvi o som da gaita. Não sei o que aconteceu depois.

— Vocês ficaram completamente paralisados — disse Artur. — Como estátuas. Quinta-Feira subiu a Escada Improvável e eu fui com ele, mas primeiro joguei a bolsa no Pico, o que foi ótimo porque ela explodiu o Pico, ou coisa parecida, e assim o Labirinto pôde se mover novamente.

— Depois, soubemos pelos Novos Nadicas que o Pico tinha desaparecido. Foi quando acordei de novo, no acampamento deles, com esta coisa na garganta — contou Fred, apontando a linha em volta do pescoço.

Com um exame mais detalhado, Artur viu que se tratava de uma tatuagem ou talvez algo escrito com um tipo de tinta indelével. Aproximando-se, percebeu que as letras minúsculas formavam palavras. Tal como no Testamento, aquelas se moviam, brilhavam fracamente e mudavam de alfabeto, tornando-se, portanto, muito mais difíceis de serem identificadas.

— Servirei... e obedecerei... ao Tocador de Gaita até... o meu último suspiro — leu Artur.

— Um dos Novicas... como eles se denominam... me disse que era isso o que estava escrito — continuou Fred. — Eles me trataram... a todos nós, aliás... bastante bem, mas nos fizeram vestir estes uniformes e nos mantiveram presos. Ugham era o nosso guardião. E isso porque o Tocador de Gaita foi para outro lugar e não deixou instruções. Acho que depois de umas doze horas, talvez mais, ele voltou e fomos levados a sua presença. Ele estava furioso por algum motivo e agia de maneira estranha. Apesar de quebrar as coisas e gesticular muito, falava baixo o tempo todo; não dava um grito. Era

muito difícil entender o que ele dizia. Isso continuou durante um tempo até que os guardas trouxeram este Habitante arrastado. Ele disse que precisava transmitir uma mensagem da Sra. Sexta-Feira: ela iria abdicar e deixar a Chave...

— É, eu também recebi essa mensagem — interrompeu Artur.

— Depois, ele tentou entregar ao Tocador de Gaita esta placa de metal. Dizendo que ninguém tocasse nela, o Tocador de Gaita fez com que o Habitante a deixasse no chão, pois provavelmente se tratava de um dispositivo perigoso, destinado a nos fazer mal. Um dos Novicas abriu o pacote com a ponta da espada, e o Tocador de Gaita começou a falar sobre ela, quando Suzy cochichou no meu ouvido...

— Eu disse “Acho que isso é uma Placa de Transferência” — contou Suzy. — Então, pulei em cima dela, Fred pulou atrás e Ugham tentou nos pegar. Estávamos os três juntos quando eu toquei a placa... e viemos parar aqui. Tem uma lareira lá dentro? Ou um pouco de água quente? Meus dedos parecem que vão cair.

— E o mensageiro da Sra. Sexta-Feira? — perguntou Artur. — Vocês o ouviram dizer que a Quinta Chave tinha sido deixada no Escritório de Sexta-Feira para ser achada por mim, por Sábado ou pelo Tocador de Gaita?

— Ouvimos — respondeu Fred.

Suzy confirmou com um gesto de cabeça. Ugham abandonou seu posto de observação na abertura da caixa de correspondência e também concordou sério.

— Na mensagem, Sexta-Feira também disse que a Quinta Parte do Testamento está em algum lugar na Casa Intermediária — continuou Artur — Duvido que seja verdade.

— Acho que o Tocador de Gaita acreditou nessa história — disse Suzy. — A parte da Chave, com certeza. Antes de pularmos na placa, ele estava cochichando com seus generais sobre como pegar a Chave antes dos outros.

— Imagino que Sábado Superior também acredite que a Chave está aqui — acrescentou Artur. — Aqueles Buscadores devem ser dela... Ela controla os elevadores; pode mandar o que quiser aqui para baixo. Isso me faz lembrar que não sei por onde andam meus vigias.

Por alguns momentos, ele olhou para o teto, como se estivesse pensando, e, em seguida, sacudiu a cabeça.

— Ah, esqueci, eles provavelmente foram me procurar na câmara principal. Esta porta dá acesso a dois lugares, dependendo da maneira como se gira a maçaneta.

— Então, vamos para um lugar mais quente — chamou Suzy. — Será que posso tomar um chá?

— O que os Buscadores estão fazendo? — perguntou Artur.

— Estão parados, fora da formação — respondeu Ugham. — Mas por acaso estou vendo outro... sim... um Habitante Superior, de asas de prata, saiu das nuvens e pousou.

— Crepúsculo de Sábado, provavelmente. Isso não é nada bom — concluiu Artur.

— As velhas asas de prata? O Tenente Guardião viu quando ele levantou voo. Eu estava na Porta — contou Suzy. Então, Artur, você não deve ter problemas com a Chave em seu poder.

— Vocês sabem que não quero usar a Chave — argumentou Artur.

— É melhor entrar e perguntar se existe alguma saída alternativa.

Ele girou a maçaneta e abriu a porta, mas em vez de sair no espaço onde ficava a piscina de ouro, viu-se no interior sombrio da construção.

— Acho que fiz alguma coisa errada — disse Artur.

Ele fechou a porta e girou a maçaneta para o outro lado. No entanto, a situação se repetiu: só encontrou o interior do edifício.

— Você esperava outra coisa? — perguntou Suzy.

— Esperava — Artur se apressou a responder. — O espaço interno! Elibazeth disse que tinham outras defesas. Suponho que esta seja uma delas. Vou perguntar aos meus sentinelas.

Quando alcançou o primeiro patamar, seguido por Suzy e Fred, Artur concluiu, pelo silêncio reinante, que Jugguth e os outros dois Habitantes tinham provavelmente voltado para a câmara principal e Elibazeth havia fechado tudo. A corrida escada acima, pelos dois patamares seguintes, só serviu para demonstrar que ele estava certo. Com a torre deserta, a única saída era descer e escapar pela porta da frente.

“A única saída óbvia”, pensou Artur. “Mas quem sabe existe outra, afinal...”

— O que os Buscadores estão fazendo? — ele perguntou aos gritos, para ser ouvido pelos outros três.

Ao mesmo tempo, Artur abriu uma das venezianas no lado norte da torre.

— Continuam parados feito gado, que é o que eles são! — respondeu Ugham. — Mas o Habitante de asas prateadas vem vindo e agita um pano branco. Acho que quer negociar. Sem dúvida, ele teme que o grupo não tenha forças para vencer a Chave de lorde Artur.

Pela janela, Artur olhou para a roda de água que gemia coberta de gelo. A imensa e ameaçadora máquina assustava ainda mais por causa da escuridão. A visão lhe deu uma ideia: se a roda girasse suficientemente devagar, daria para ele subir em uma das ripas, ser transportado por ela e escorregar para o chão do outro lado, fora da vista dos Buscadores, que estavam nos lados sul e leste. Havia, porém, a possibilidade de cair no canal e se afogar ou congelar.

Artur concluiu que a roda era lenta o bastante, porém o trajeto até a margem do canal oferecia perigo. Então, a alternativa seria abrir caminho, lutando contra os Buscadores e Crepúsculo de Sábado, o que ele não considerava garantia de sucesso. Pelo menos não sem usar plenamente os poderes da Chave.

— Ugham! — chamou Artur. — Diga a Crepúsculo de Sábado que tem que entrar para falar comigo. Diga a ele que volte dentro de meia hora. Isso nos dará uma vantagem razoável.

— O que vamos fazer? — perguntou Fred.

Artur apontou a janela.

— Vamos subir em um degrau da roda e ser transportados por ela, pulando fora antes que atinja a água. Depois seguimos ao longo do canal para oeste, onde se encontram os Empurradores de Papel.

— Humm — fez Suzy. — Em outras palavras, de volta ao frio.

— Isso mesmo — confirmou Artur. — De volta ao frio.





Capítulo 9

Folha estremeceu ao ver os sonâmbulos saírem das camas e entrarem em fila, obedecendo às ordens de Harrison. Havia algo de terrivelmente assustador naqueles olhos entreabertos que não enxergavam e naqueles movimentos mecânicos. Os sonâmbulos pareciam perfeitas representações de marionetes humanas, só que com cordões invisíveis.

— Sigam-me! — convocou Harrison, dirigindo-se à porta mais distante.

Sem usar o cone de prata, ele acrescentou em voz normal:

— Você também, Folha! Cuide da retaguarda.

— E se eu não quiser? — perguntou Folha desafiadora.

Ela tentou parecer agressiva, mas não convenceu nem a si mesma, pois sua voz soou fraca e infantil.

— Eu tenho como obrigar os sonâmbulos a trazerem-na. Não faço isso porque eles podem se machucar — disse Harrison. — Por favor, é mais fácil para todo mundo se você obedecer.

— Não quero ajudá-lo a levar essas pessoas para a morte.

— Elas não vão morrer. Chegarão vivas ao fim do dia, quando Ela terminar. Venha! Se nos atrasarmos, vai sobrar castigo para nós dois.

Harrison falava sem encarar Folha.

— Eu me recuso! — ela disse. — Só estou junto porque quero ver o que tem lá fora.

— Você vai aprender.

Harrison já estava impaciente. Puxou para trás os dois ferrolhos que prendiam a porta de fora, girou com dificuldade a grande maçaneta e, afinal, ouviu-se o clique da fechadura que se abria. Então, gemendo por causa do esforço, ele usou o ombro para empurrar a porta de vários centímetros de espessura revestida por uma chapa de aço.

Raios de luz de um vermelho arroxeadado lançavam um brilho estranho sobre o rosto de Harrison e dos sonâmbulos. Folha apertou os olhos, não porque estivesse muito claro, mas pela intensidade da cor, que lhe causou mal-estar.

Do lado de fora, sob o sol, fazia mais calor. Uma brisa suave agitou os cabelos de Folha, trazendo um estranho cheiro que, além de lembrar terra e florestas há muito percorridas, tinha o toque de um tempero exótico.

O chão de rocha crua, cinza e lisa mantinha o aspecto de lava sedimentada ao longo de muito tempo. A parede de rocha se inclinava suavemente para o centro, na direção do lago, cuja aparência era normal, a não ser pela luz que coloria suas águas naquele momento.

Folha calculou que as paredes da cratera tivessem de 90 a 120 metros de altura. As paredes eram pontilhadas por janelas de vários tamanhos e também por algumas portas no alto, com passarelas suspensas na rocha. Em um ponto da borda da cratera imediatamente abaixo do começo da cúpula, onde provavelmente seria o "12" no mostrador de um relógio imaginário, havia uma ampla sacada de ferro. Uma escada em espiral, de ferro fundido vermelho, descia da sacada até o chão da cratera.

— Depressa! — chamou Harrison.

Ele conduzia os sonâmbulos para a beira do lago, e o grupo já ia à frente uns trinta ou quarenta metros, mas Folha ignorou o chamado e continuou a olhar para cima, observando as paredes da cratera e a abóbada. Além da porta por onde tinham saído, havia pelo menos uma dúzia de portas ao redor da borda da cratera. Fazia sentido imaginar que todas levassem ao complexo da Sra. Sexta-Feira; de nada serviriam, portanto. Ou pior, podiam conduzir à selva para lá da montanha. Depois do encontro com a vagem ambulante, Folha passou a acreditar piamente em Milka e de modo algum gostaria de parar lá.

Ela também preferia não ver o que ia acontecer com os sonâmbulos, mas aparentemente não tinha escolha. A cratera em pedra cinza era totalmente uniforme. Não era possível enxergar nenhum esconderijo. E o lago estava fora de cogitação, a menos que Folha pudesse respirar embaixo da água.

— Vamos!

Harrison tinha chegado à margem do lago e mandava os sonâmbulos ficarem de pé, em fila, de frente para a água. Ou, como Folha reparou, voltados para uma estaca de pedra mais escura que se erguia no meio do lago, exatamente no centro da cratera. A estaca media cerca de 6 metros de largura na base e terminava em uma ponta achatada de mais ou menos 1,20 metro de largura, uns cinco metros acima da superfície.

Folha começou a andar na direção de Harrison, mas, ao mesmo tempo, procurava um lugar para se esconder. Foi então que percebeu movimento na sacada, na posição de 12 horas. Vários Habitantes agitavam as asas, cuja cor não tinha sido afetada pelo sol: eram de um amarelo vivo, como o miolo das margaridas. Folha viu quatro se lançarem da sacada, carregando, suspensa por

cordas, uma cadeira de prata com encosto alto e curvo, parecida com um trono.

“Um trono portátil”, pensou Folha. “E é fácil adivinhar para quem...”

Ela seguia devagar, sempre à procura de um esconderijo. Harrison se ocupava dos últimos sonâmbulos, chegando a ajeitar a cabeça de uma idosa, de modo que ela olhasse para a estaca no lago, como os demais.

Folha viu uma rachadura na pedra, um lugar mais escuro que devia ter o tamanho exato para ela passar. Então, correu até lá, ajoelhou-se e olhou. A fenda se alargava no interior da rocha. A profundidade não ia além de 1, 20 metro, mas parecia haver um buraco que poderia levar adiante.

Folha respirou fundo e se meteu na fenda. O espaço era tão apertado que ela esfolou a pele na altura do quadril, mas conseguiu entrar. Respirando fundo novamente, arrastou-se em direção ao buraco. Como esperava, o espaço aberto avançava pela rocha, embora fosse impossível dizer por quantos metros, já que a luz do sol iluminava apenas a parte inicial. O buraco com certeza ia muito além. Rumo à escuridão.

Folha pensava em prosseguir rastejando, quando sentiu um cheiro familiar. Familiar, mas repulsivo. Ela recuou instintivamente, mesmo sem reconhecer do que se tratava. Parecia haver por perto alguma coisa úmida e podre, o que lhe provocou ânsias de vômito. Ela então lembrou.

O fungo de controle da mente que tinha vomitado cheirava exatamente igual...

Folha recuou mais ainda e arranhou os cotovelos ao se espremer na fenda, tentando sair mais depressa do que havia entrado. Logo o que parecia um fiapo de fungos cinzentos saiu da escuridão e, lentamente, ocupou o lugar onde ela havia pisado segundos antes.

Folha se jogou para fora e caiu de mau jeito, mas não parou. E continuou a rastejar até que encontrou os pés de Harrison. Enquanto ele a ajudava a se levantar, ela gritou:

— O fungo! O fungo de controle da mente!

— A trepadeira cinza? — perguntou Harrison. — Às vezes, as sementes entram e se enraízam nas rachaduras. Esta não é das piores. Só provoca pesadelos. Mesmo assim, vou fazer a notificação. Um dos guardas virá queimá-la. Vamos lá. Temos que sair daqui e manter uma distância segura.

Obedientemente, Folha foi atrás de Harrison. O cheiro do fungo cinza permanecia em seu nariz. Ela podia sentir aquele gosto e se lembrava da

pressão terrível em sua cabeça quando o fungo estava se instalando...

Folha parou por um momento, tentando se recuperar do desconforto, porém Harrison voltou e puxou-a pelo pulso.

— Vamos! Eles já abaixaram a cadeira. Ela vai voar para cá a qualquer momento e temos que voltar para a porta, ou pelo menos estar bem perto dela, senão Ela nos pega também!

Com dificuldade, os dois chegaram à porta a tempo, e Folha tossia sem forças. Suas pernas estavam doloridas e o gosto desagradável permanecia em sua boca. Os fios que grudavam na língua toda vez que ela passava a manga da roupa no rosto pioravam ainda mais a situação. Folha cuspiu os fiapos, sempre olhando para cima e para o lago.

A cadeira de prata estava sobre a estaca de pedra escura. Os quatro Habitantes pairavam em torno dela, encrespando as águas do lago com o bater das asas.

No alto da varanda, uma estrela acendeu de repente — ou assim pareceu a Folha. A luz ofuscante saltou no ar e, então, desceu lentamente na direção da estaca e da cadeira.

A intensidade da luz foi diminuindo conforme a estrela baixava. Apertando os olhos, Folha viu quem era: a Sra. Sexta-Feira, com suas longas e cintilantes asas amarelas estendidas 3 metros para cada lado e as penas das pontas se arrepiando à medida que Ela deslizava para baixo, até se sentar na cadeira de prata. O brilho vinha de um objeto em suas mãos, o mesmo objeto brilhante que ela segurava ao conduzir os sonâmbulos para a piscina no hospital.

Os doze sonâmbulos levantaram os braços, enquanto a Sra. Sexta-Feira se acomodava no trono. Harrison inspirou e prendeu o ar com um som estranho, como se estivesse sufocado. Folha sentiu a própria respiração suspensa. Bem devagar, a Sra. Sexta-Feira ergueu o objeto brilhante que levava. A luz que saía dele ficou mais fraca, mas de repente piscou forte, iluminando tudo em volta, como o flash de uma câmera gigante. Nesse instante, a superfície do lago, semelhante a um vidro espelhado, ganhou o mesmo tom de prata visto no teto.

O tempo pareceu parar. Apanhada pela luz, Folha ficou imóvel como em uma fotografia. Nada se movia e ela não escutava nenhum som, nem o próprio coração batendo. Então, viu que, tão lentamente quanto se possa imaginar, algo saiu da boca e dos olhos dos sonâmbulos. Fios de muitas cores se

esticavam sobre a água, entrelaçados e retorcidos, rumo à estrela brilhante na mão de Sexta-Feira.

A Curadora parecia puxar as linhas coloridas dos corpos dos sonâmbulos. Conforme as linhas chegavam a Ela, a luz em sua mão mudava de cor: o branco dava lugar a uma combinação de vermelhos, azuis, verdes e violeta.

Naquele momento, os fios se soltaram dos corpos dos sonâmbulos. Livres, as pontas tocavam a superfície do lago e se enrolavam. Os sonâmbulos iam se curvando devagar até caírem no chão. A queda era tão lenta que Folha teve a impressão de durar vários segundos.

Com a cabeça inclinada para trás, Sexta-Feira bebeu a mistura brilhante e multicolorida, fazendo com que a maioria dos fios entrasse em seu corpo. Por falta de cuidado, porém, Ela deixou caírem alguns fragmentos, que bateram na rocha e deslizaram para o lago.

Enquanto Sexta-Feira bebia a mistura, o mundo voltava ao esta do normal. Folha tornou a ouvir seus batimentos cardíacos, a sentir a respiração fluir pelo nariz e pela boca, a ver a luz do sol banhar as paredes através da cúpula.

A Sra. Sexta-Feira arqueou as asas e levantou voo. Seus comandados desceram para suspender a cadeira pelas cordas.

— O que ela fez? — perguntou Folha baixinho.

Os sonâmbulos permaneciam deitados sobre a pedra. Estariam vivos ou não?

— Ela os vivenciou — respondeu Harrison.

Ele falava em tom inexpressivo, vazio, como se também estivesse chocado com o que acabara de presenciar, apesar de aquela ser uma experiência muitas vezes repetida.

— Ela absorveu as vidas, as lembranças e as experiências deles. Só as melhores partes, que são o que lhe interessa. Para sentir como viveram, como amaram. Para conhecer todos os seus interesses, triunfos e alegrias.

— O que acontece aos sonâmbulos depois... mais tarde?

— Eles nunca acordam realmente — sussurrou Harrison. Costumam ser devolvidos à Terra. Mas agora não sei. São tantos... Oh, não! Ela está vindo para cá...

Harrison curvou a cabeça e se ajoelhou. Folha ficou de pé, tentando olhar para a Curadora, que voava em sua direção. Mais uma vez, porém, o objeto que Ela segurava ofuscou a visão de Folha, que teve que abaixar a cabeça e

proteger os olhos com a mão. Ao pousar, a Sra. Sexta-Feira provocou uma lufada de frio com o bater de suas asas.

— Ah, é você então a pequena encrenqueira que derrotou Cocigrue, o Comedor de Espíritos de Sábado! — falou a Curadora com voz suave e firme.

— Folha, amiga do suposto Herdeiro Legítimo, o tal Artur Penhaligon. Que gentileza a sua vir nos visitar...





Capítulo 10

— O sujeito desconfiou de mim — contou Ugham, referindo-se a sua breve conversa com Crepúsculo de Sábado. — Acho que ele tem medo de alguma trapaça ou emboscada e com certeza está preocupado com o seu poder, lorde Artur. Ele concordou em esperá-lo na meia hora combinada, mas duvido que pretenda cumprir a promessa. É mais provável que ele aguarde a chegada de outros guerreiros antes de ordenar o ataque.

— Como aquela coisa que fez um barulhão antes — disse Fred com um arrepio.

— Só espero que os Buscadores, ou algo pior, não estejam vigiando o lado do canal — acrescentou Artur.

Antes de prosseguir, ele abriu as venezianas, deixando entrar uma lufada de neve e ar frio.

— Esperem até eu chegar lá embaixo em segurança, depois me sigam, um de cada vez.

— Ei! — protestou Suzy. — Melhor eu ir primeiro. Assim posso pegá-lo quando cair no canal.

— Ou eu — emendou Fred. — Eu devo ir primeiro. Você é importante demais.

— Eu vou primeiro — insistiu Artur. — Lembrem o que disse o sargento Helve sobre liderança. Sigam-me!

E, com esse chamado, saltou sobre a abertura entre a janela e a roda com a intenção de alcançar o degrau que estivesse quase no mesmo nível do edifício. Mas se atrasou um segundo e o degrau já estava se afastando. Ele se agarrou desesperadamente à madeira congelada, porém começou a deslizar e suas pernas penderam para o lado mais distante. O lado do canal.

Quase caindo, Artur esticou as pernas e conseguiu colocar o joelho de volta no degrau. Então, com um esforço que pareceu distender todos os músculos, ele se lançou para cima e deslizou bem a tempo, meio rolando, meio caindo, sobre a margem do canal coberta de neve. Atrás dele, a parte mais baixa do degrau de onde tinha acabado de saltar afundou na água, gemendo ameaçadoramente e fazendo estalar o gelo que se quebrava.

Embora soubesse que ficaria molhado e com frio, Artur sentiu vontade de continuar deitado na neve, mas não podia. Então, com esforço, levantou-se e olhou em volta para verificar se havia perigo de sofrer um ataque. Quando se certificou de que nem Buscadores nem coisa pior estavam por perto, voltou a atenção para a roda.

Suzy já se encontrava nela e, como uma surfista sobre a onda, deslizava pelo degrau que descia. Com uma sincronia perfeita, ela saltou, borrifando Artur de neve ao tocar o solo.

— Que divertido! — gritou.

Artur olhou para ela de cara feia, enquanto sacudia a neve da roupa à espera de que Fred ou Ugham descessem em seguida.

Embora sem o estilo de Suzy, Fred pulou habilmente sobre o degrau, onde ficou agachado até o momento de saltar como um cachorro, caindo perto de Suzy e de Artur.

Aproveitando a experiência dos outros, Ugham escolheu um método completamente diferente. Ao pular, levava na mão um punhal, que cravou na madeira, firmando-se. Assim, posicionou-se no meio do degrau, pegou de volta o punhal, escorregou para a borda interna da roda, ficou de pé e saltou na margem do canal tão facilmente quanto Artur faria, na Terra, ao descer de uma escada rolante.

— Vamos! — chamou Artur.

Com isso, tomou o rumo do oeste ao longo do canal e começou a lutar contra a neve que lhe chegava à cintura. Depois de poucos passos, foi ultrapassado por Ugham, que disse:

— Melhor eu abrir caminho.

Ugham torceu o punho da lança e apontou-a para a neve, ativando assim a carga elétrica, o que fez com que a ponta imediatamente começasse a brilhar e a se aquecer. Ele então foi derretendo a neve e criando um sulco que alargava com a passagem do próprio corpo. Aos três jovens bastava seguir a trilha, o que tornava a caminhada muito mais fácil.

— Assim é bem melhor — comentou Artur. — Mas estamos deixando uma pista absolutamente óbvia, sem falar na luz.

— Nós deixaríamos rastros de qualquer jeito — disse Fred. — Não está nevando bastante para cobrir nossas pegadas.

— E Uggie mantém a lança voltada para baixo — acrescentou Suzy. — A luz não aparece tanto.

— O problema é que não há outra luz por aqui — argumentou Artur, olhando ao redor.

Estranhamente, não achou que estivesse mais escuro do que quando tinha olhado para fora pela primeira vez. No entanto, fazia muito mais frio. Ele sentia congelar até os ossos e tiritava sem parar. De nada adiantavam os pesados aventais que usava.

— Mas acho que não temos alternativa — ele continuou. — Precisamos encontrar logo o cais dos Empurradores de Papel. Espero que haja lá um lugar para nos abrigarmos durante a noite.

— Não creio que vá anoitecer — disse Fred, apertando os olhos para observar por um momento o céu nublado. — Acho que o sol emperrou novamente. Também não vai amanhecer. Vai ficar assim até alguém consertar.

— Maravilha — resmungou Suzy. — Anoitecer perpétuo e neve congelante. E eu que achava a Casa Inferior mal administrada...

— Não é tão ruim — argumentou Fred. — É bastante agradável nas oficinas ou na cidade.

— Com certeza — concordou Suzy. — E nós aqui, congelando, não?

— É melhor todo mundo calar a boca — cortou Artur.

Realmente fazia muito frio e ele já se sentia tentado a usar a Chave para facilitar o aquecimento de todos, embora os outros provavelmente estivessem mais preparados para enfrentar o frio por serem menos mortais. Se não encontrassem abrigo, teria que utilizar a Chave.

Em silêncio, o grupo avançou com dificuldade. Como Fred havia previsto, o céu não escureceu, mantendo o lusco-fusco. As condições do tempo também pouco se alteraram, com nevascas esparsas.

Os quatro caminhantes tinham percorrido cerca de um quilômetro e meio quando Artur decidiu parar um pouco. Estava muito cansado, especialmente por causa do frio. Eles se amontoaram em torno da lança de Ugham, tentando aquecer as mãos. Artur mal conseguia sentir as pontas dos dedos, e o nariz e o rosto não pareciam em melhor estado.

— Você precisa de um chapéu, Artur — disse Suzy.

Antes que Artur pudesse protestar, ela tirou o chapéu de pele que usava, típico dos Novos Nadicas, e colocou nele. Em seguida, puxou da manga um lenço, que amarrou na cabeça para proteger as orelhas.

— Não posso aceitar — protestou Artur, tentando devolver o chapéu.

Suzy se esquivou. Reconhecendo a inutilidade de tentar impedi-la de fazer o que queria, ele ficou com o chapéu. Foi obrigado a admitir que se sentiu imediatamente mais aquecido. Lembrava-se de ter lido em algum lugar que as pessoas perdem a maior parte de seu calor pela cabeça e se reprovou por não ter pensado nisso antes. Não podia se dar ao luxo de cometer erros simples como aquele.

“Nem mais um errinho”, pensou Artur.

— A que distância fica esse cais? — perguntou Suzy.

— Não tenho certeza — confessou Artur. — Meia parassanga, seja lá o que isso signifique. Você sabe, Fred?

— Nunca me afastei muito do Centro dos Letristas, mas não acredito que meia parassanga seja tão longe assim — respondeu Fred. — Nunca vi esse cais, só conheço o canal. Além disso, os Empurradores de Papel não têm boa reputação.

— Pouco me importa a reputação deles, desde que tenham um foguinho — disparou Suzy.

Artur fez que sim. Ele sabia que se continuasse a falar iria bater queixo e não queria mostrar o frio que realmente sentia. Então, levantou-se e apontou o oeste. Ugham imediatamente se levantou e retomou a tarefa de derreter a neve. Artur foi atrás, seguido por Suzy e Fred na retaguarda.

Pouco tinham avançado, quando Ugham parou, voltou-se para os outros e sussurrou:

— Tem alguma coisa lá na frente. Na neve.

— Espalhem-se — falou Artur em voz baixa.

Em seguida, pegou a Chave e, pela primeira vez, ouviu um ligeiro zumbido quando ela se transformou em espada. Se aquele som viesse de um ser humano, poderia ser descrito como uma suave exclamação de surpresa. Fosse o que fosse, não agradou a Artur, mas ele não podia pensar no assunto. Levantou a espada, e o quarteto avançou.

Finalmente foi revelado que a “alguma coisa” na neve eram os corpos de dois Habitantes, quase amontoados um sobre o outro. Dois Habitantes baixos e maltrapilhos, com enormes buracos onde antes ficava o coração. Sangue azul congelado se espalhava por seus longos casacos feitos de papel. Embora diferentes nos detalhes, as roupas eram do mesmo modelo, uma miscelânea de registros cuidadosamente costurados com linha amarela.

— São Empurradores de Papel — concluiu Fred. — Eles usam roupas feitas de papéis impressos para o caso de caírem no canal. A água movida a texto repele e empurra escritos, vocês...

— Já sei — interrompeu Artur.

Ele olhou em volta nervosamente. Por um momento, esqueceu o frio e o cansaço e continuou:

— O que me interessa saber é o que poderia ter feito isso a eles. Quer dizer, eles estão mortos. Eu pensei que os Habitantes sobrevivessem a tudo que mata os mortais.

Ugham andou ao redor dos corpos, abaixou-se e cheirou os ferimentos.

— Eles morreram num piscar de olhos, cortados tão facilmente como eu cortei a neve, e ficou neles o mau cheiro de Nada. Uma arma de feitiçaria foi utilizada contra os infelizes. Algo parecido com a espada que o senhor carrega, lorde Artur.

— O quê? — perguntou Artur. — Uma Chave?

— Alguma coisa extremamente mágica — respondeu Ugham. — Um simples objeto de aço ou as armas do seu Exército ou a minha espada eletrificada não poderiam eliminar dois Habitantes com um golpe apenas. E muito menos fazer uma ferida dessas, com um palmo de largura.

Ele ergueu a mão esquerda e abriu os sete dedos para ilustrar o que dizia, acrescentando:

— Quem fez isso é, de fato, um inimigo cruel.

— A própria Sábado, talvez — arriscou Artur nervosamente. — Não acredito que seu Crepúsculo fizesse isso. Se tivesse este tipo de arma, ele teria me espetado, no Fosso, muito tempo atrás.

— Não — argumentou Suzy. — Sábado não viria pessoalmente. Isto aqui é a área de Sexta-Feira. Elas têm aquele acordo, lembra?

— A Sra. Sexta-Feira abdicou — respondeu Artur.

E, observando a paisagem nevada à luz do crepúsculo, continuou:

— Ou foi o que ela disse em sua mensagem. Imagino que as habituais restrições em relação aos outros Curadores não se apliquem. Embora eu ache...

— O quê? — perguntou Suzy.

— Talvez Sexta-Feira tenha matado estes dois — completou Artur. — Ah, sei lá! Estou com tanto frio e tão cansado que não consigo pensar direito. Vamos procurar o tal cais. Mas com cuidado.

Dessa vez, Suzy não comentou nada. Apenas fez que sim, tal como Fred. A resposta de Ugham foi retomar a caminhada, embora sem ativar a lança; simplesmente empurrava a neve e abria a trilha com o corpo.

Logo avistaram o cais que se destacava como uma silhueta retangular e escura, sem detalhes. Artur pensou que fosse uma construção baixa e longa, mas, ao se aproximar, viu melhor. O cais não passava de um simples píer em madeira que se prolongava cerca de 15 a 18 metros para dentro do canal, coberto por uma verdadeira massa de papéis amarrados com fita, placas de pedra, feixes de papiro, fardos de peles e outros registros escritos que se empilhavam por toda parte, atingindo em alguns pontos quase 10 metros de altura. Tudo parecia extremamente instável, a ponto de desmoronar. Se isso acontecesse, os pobres incautos que estivessem embaixo provavelmente seriam esmagados. Algumas placas de pedra, em especial, eram maiores do que o próprio Artur.

O grupo avançou cautelosamente pelo enorme e desgastado entulho de registros, mas não houve nenhum ataque repentino ou qualquer indicação de que alguém estivesse por perto. Uma volta rápida para reconhecimento do terreno também mostrou que não existiam edifícios, nem uma cabana onde pudessem se abrigar.

Havia, contudo, uma pequena abertura entre duas pilhas enormes de peles curadas e malcheirosas, rabiscadas com tinta fosforescente verde por um pichador nada cuidadoso.

— Isso parece uma passagem — apontou Suzy. Aposto que tem um cantinho aí dentro. Provavelmente no fundo. Eu me abrigaria lá.

— E é bem possível que seja uma emboscada — advertiu Ugham.

Ele entregou sua lança a Fred e sacou a faca com cabo de soco-inglês, dizendo:

— Cantos escuros levam a atos escusos.

Antes que alguém pudesse dizer ou fazer alguma coisa, Ugham enveredou pela passagem sombria e apertada, agachado como um animal pronto para a caça. Artur demorou um pouco para segui-lo, não por medo, mas pelo frio que se espalhava lentamente desde os pés congelados e os dedos dormentes até o cérebro.

“Estou perdendo as forças”, pensou Artur. “Preciso me aquecer para não morrer...”

Mas ele sabia que não ia morrer. Seu instinto de sobrevivência era muito forte. Usaria a Chave, tornando-se um Habitante...

Artur se obrigou a focar o futuro imediato, em vez de pensar no que poderia vir a acontecer. Forçou seus músculos frios a entrarem em ação e seguiu Ugham pela passagem escura, com Suzy e Fred logo atrás.

Depois de uma dúzia de passos, porém, Artur teve que parar. O “corredor” estreito e sinuoso ficava cada vez mais escuro. Ele ouvia Ugham se movendo em algum lugar à frente, mas não conseguia se orientar.

— Um de vocês tem algum tipo de iluminação? — perguntou em voz muito baixa, já que Suzy e Fred estavam logo atrás.

— Só a lança, mas não podemos acendê-la. Com tanto papel, haveria risco de incêndio — sussurrou Fred em resposta.

— Nenhuma luz disse Suzy. — Eu consigo enxergar um pouquinho na escuridão, embora não tanto quanto os Novicas, que foram feitos especialmente pelo Tocador de Gaita. Eles gostam do escuro. Pode ser que Uggie ache uma lanterna e volte.

— Ugham não deve continuar — falou Artur ansioso. — E se houver um Curador na outra ponta? Ou um Habitante feiticeiro de alta categoria?

Suzy respirou fundo, preparando-se para responder, mas todos os sons foram abafados por um berro terrível. Um grito de fúria, que não vinha de um ser humano. Um brado de vingança, que varreu da cabeça dos três jovens todo e qualquer pensamento racional.

Depois de alcançar uma altura quase insuportável, o som se transformou em uma série de grunhidos sinistros para, em seguida, subir novamente. Tateando em busca do caminho, Artur avançou. Enquanto sentia Suzy empurrar suas costas, ele ouviu Fred gritar alguma coisa incompreensível, provavelmente “Corram!”

Os três sabiam que o berro vinha de fora. De algum lugar atrás deles. O instinto mandava que buscassem o fim da passagem o mais rápido possível.

O que quer que houvesse à frente, escondido sob a montanha de papéis, tabuletas, peles e rolos de papiro, teria que ser menos perigoso do que a criatura à espreita do lado de fora, gritando aos céus sua fúria.





Capítulo 11

O inesperado voo de Artur terminou de repente, com um impacto tão forte que ele caiu de joelhos. Mas a dor provocada pelo choque com o que parecia um gigantesco colchão — e que provavelmente não passava de uma pilha formada por velhos manuscritos de couro — clareou-lhe um pouco as ideias. Naquele breve momento de pausa, ele apenas segurou a Chave de marfim que trazia no cinto. Sem que precisasse dizer coisa alguma, sentiu o medo desaparecer. Embora ainda tivesse a impressão de ouvir os berros terríveis, conseguia manter a razão.

— Calma! — gritou.

Artur foi praticamente atropelado por Suzy e Fred, que tentavam escapar.

— É algum tipo de feitiçaria! É só barulho! — ele insistiu.

Suas palavras não fizeram o menor efeito. Suzy passou direto e Fred lhe deu uma cotovelada ao abrir caminho. Artur ficou sozinho no escuro.

— Parem! — ele gritou novamente.

Sabia, porém, que não seria obedecido, a menos que empregasse o poder da Chave. Então, mais devagar, foi atrás deles, mantendo uma das mãos sobre a Chave e a outra estendida, para tatear o caminho.

De repente, parte da pilha de papéis desabou lá atrás. O grito, que parecia se aproximar de Artur, tornou-se abafado e foi substituído por um bufar raivoso e por ruídos que davam a impressão de que alguém rasgava e empurrava o que houvesse à frente, tentando abrir uma passagem então bloqueada.

Artur sentiu um medo diferente, mas racional. Conseguiu manter o sentimento sob controle, enquanto tentava apenas acelerar o passo, sem se arriscar a esbarrar em alguma coisa ou levar um tombo.

Estava concentrado em avançar, quando, de repente, depois de uma curva acentuada, encontrou a inesperada luz de uma lanterna. Havia uma lamparina ou lampirana (como chamavam na Casa, devido a um erro de digitação) pendurada em um suporte de bambu, no canto mais distante do cômodo, do tamanho da sala de estai de sua casa. As paredes ásperas não passavam de enormes amontoados de papéis; o telhado era feito de peles costuradas e a

janela tinha por moldura duas pilhas de telhas mal-arrumadas e um tronco oco, tudo coberto por uma escrita confusa em algum alfabeto estranho.

Presos por Ugham, um embaixo de cada braço, Suzy e Fred esperneavam. Ao mesmo tempo, Ugham se defendia de um Habitante que o atacava com um longo pedaço de pau com um gancho na ponta. Outros três Habitantes fugiam apressadamente pela janela. Atrás deles, Artur viu apenas as águas do canal cheias de detritos.

— Para trás, para trás, demônio nojento! — repetia o Habitante armado com o pedaço de pau.

E, depois de olhar de relance para os outros que fugiam, gritou:

— Esperem por mim!

Ugham avançou sobre o Habitante e lhe deu um pontapé que jogou para longe sua arma.

— A quem você chamou de demônio? Ouviu este ruído? É a prova de que o verdadeiro demônio está desarmado. E para onde fugiram seus companheiros?

O Habitante olhou as mãos vazias, virou-se e correu. Infelizmente, tropeçou na placa de mármore que servia como parapeito da janela e caiu na frente de Ugham, que colocou o pé muito pesado sobre o peito dele.

Naquele instante, em algum lugar do cais, houve um estrondo terrível seguido de um grito tão alto, mas tão alto, que Artur estremeceu. Ao mesmo tempo, perto da janela, quatro xícaras de porcelana em que alguém tinha acabado de tomar chá vibraram e explodiram de repente.

Logo em seguida, ouviu-se outra barulheira, e o grito cessou. Embora os ruídos de objetos caindo na água continuassem, a sensação era de uma estranha quietude.

— As tábuas podres não aguentaram e a criatura caiu dentro do canal — concluiu Ugham, batendo o pé no chão para reforçar o que dizia.

Embaixo, o Habitante gemeu. Suzy, ainda sob o braço esquerdo de Ugham, inclinou a cabeça surpresa. Fred, preso embaixo do braço direito do Novica, tinha a mesma expressão.

— Pode me botar no chão agora, Uggie — disse Suzy. — Acho que algum tipo de feitiço me fez sair correndo.

— Foi o som — completou Fred, enquanto Ugham delicadamente colocava de pé as duas crianças do Tocador de Gaita.

Fred balançou a cabeça, como se restasse alguma coisa do grito dentro dela, e continuou:

— Eu tinha que me afastar daquele som. O que foi aquilo, afinal?

— Não sei — respondeu Artur. — Ainda bem que parou. Você é um Empurrador de Papel?

A pergunta era dirigida ao Habitante que gemia sob o pé de Ugham. Ele não respondeu. Apenas continuou a gemer.

— Eu perguntei se você é um Empurrador de Papel — insistiu Artur. — Sou o Herdeiro Legítimo da Arquiteta e preciso de sua ajuda.

O Habitante não respondeu, mas parou de gemer. Ugham resmungou alguma coisa e pressionou o pé com mais força para obrigá-lo a falar.

— Não posso dizer nem que sim nem que não. Talvez eu seja Empurrador de Papel. Mas se for, serei o responsável por este cais aqui, número 17, trecho 12? Serei bem pago como Secretário da Filial da Nobre e Excelsa Associação dos Impulsores de Vias Navegáveis? E você não terá negócio algum a tratar no canal.

— Qual é o seu nome e qual é a sua precedência na Casa, então, boboca? — perguntou Suzy.

— Peter Pirkin, Primeiro Empurrador de Papel, Primeira Classe, Número 65.898.756 na... Ah, você é esperta. Você me pegou direitinho, não foi?

— Está bem, Peter Pirkin, Empurrador de Papel — disse Artur. — Eu realmente sou o Herdeiro Legítimo da Arquiteta, e isso inclui a Casa Intermediária, bem como tudo e todos os que se encontram nela. Preciso que me ajude a encontrar o Escritório da Sra. Sexta-Feira.

— Não posso — respondeu Pirkin. — E não vou.

— Por que não pode? — perguntou Artur. — A parte do “não vou” vamos ver já, já.

— Não posso, porque o canal sobe apenas até a Plataforma Superior — justificou Pirkin.

— Pois bem, você pode pelo menos nos levar até lá — falou Artur com firmeza. — Agora...

A argumentação de Artur foi interrompida pela movimentação das tábuas sobre as quais o grupo pisava. As madeiras se levantaram alguns centímetros e voltaram ao lugar. O fenômeno se repetiu de imediato, dessa vez acompanhado por um terrível grunhido e por um som que parecia um gargarejo.

— A coisa não se afogou — disse Fred.
— Está embaixo de nós — completou Suzy.
— Deixe-me ir! — pediu Pirkin. — Deixe-me ir!
— Para onde? — perguntou Artur.
O piso rangia e se espatifava.
— Para a balsa!

Ugham pegou Pirkin pela gola da blusa de retalhos de papel e correu para a janela. Ao se debruçar, imediatamente precisou evitar uma placa de bronze em formato de torrada que atiraram nele.

— Realmente, há uma estranha embarcação achatada aqui pertinho — ele confirmou.

O tempo todo, Ugham tinha que se esquivar dos registros da Casa, feitos dos mais variados materiais, que lhe eram lançados.

— Vai ter que nos levar também, Pirkin! — gritou Artur. — Vamos todos, ou ficamos todos!

De repente, as tábuas mais próximas a ele explodiram em mil pedaços. Então, uma lança muito afiada e comprida, ou um chifre, feita de puro Nada, envolta por uma espiral de arame prateado, subiu por quase dois metros antes de ser recolhida.

— Não! — gemeu Pirkin. — Só os membros da associação podem embarcar!

— Nós nos associamos! — gritou Artur.

O chifre de Nada investiu novamente. Dessa vez, deu para ver a cabeça da fera. Era um Nadica do tipo original, feito de puro Nada, dentro de uma estrutura aramada de prata. Parecia uma estranha escultura metálica, um cruzamento maluco entre unicórnio e porco selvagem, com o espaço interno cheio de uma desconhecida matéria escura.

Não se viam olhos nem boca.

— Vocês não podem ser sócios...

— Ugham, jogue Pirkin na balsa, depois pulem lá dentro! — mandou Artur.

Ele segurava a Chave em forma de espada e, quando o porco-unicórnio apareceu outra vez, aplicou um golpe no chifre dele. Foi o mesmo que bater em uma pedra e, apesar de sua mão ter sofrido com o impacto, a coisa soltou um gemido terrivelmente alto e estridente e recuou para baixo do cais.

Artur pulou a janela por onde os outros tinham saído e saltou dentro da balsa que já se afastava. Seis Empurradores de Papel usavam varas para impulsionar a embarcação. Pela expressão deles, estavam mais preocupados em manter a maior distância possível entre eles e a criatura Nadica do que com qualquer outra coisa, incluindo-se aí o inesperado aumento da tripulação.

O sétimo Empurrador de Papel foi Pirkin, que provavelmente recebeu mais ajuda de Ugham do que desejava, enquanto Suzy e Fred observavam o cais que desabava e a fera horrível que subia nos registros, gritando para eles.

Felizmente, os Empurradores de Papel conheciam bem seu ofício, e a estranha balsa foi colhida por uma corrente veloz que a impulsionou por vários quilômetros para dentro do canal. Em pouco tempo, o cais e a fera se perderam nas trevas.

Artur viu que a balsa era levada pela corrente de água movida a texto por estar inteiramente coberta de letras das mais variadas espécies, já que se compunha, na verdade, de registros da Casa. Sua estrutura incluía centenas ou talvez milhares de feixes de papiro amarrados com fitas também impressas e, para melhor sustentação, foram-lhe acrescentadas escoras, que não passavam de tábuas compridas e finas, cobertas com um tipo de escrita que a Artur pareceram trilhas deixadas por cupins.

O tamanho da embarcação correspondia mais ou menos a meio campo de futebol, embora algumas partes dessem a impressão de ter afundado mais que o pretendido, estando por isso alagadas ou mesmo submersas. O que despertou o interesse de Artur, no entanto, foi a cabine bem no meio da balsa: uma construção aparentemente sólida, com paredes de placas de mármore e telhado de lousa, onde uma chaminé soltava fumaça. A luz suave e amarela que se via lá dentro confirmava a presença de uma ou mais lampiranas.

Imediatamente Artur partiu em direção ao abrigo. Dessa vez não tentou disfarçar os calafrios que surgiam em algum lugar dentro dele e que faziam suas mãos tremerem e seus dentes baterem, em parte de frio, em parte de susto. Ele tinha visto coisas terríveis na Casa, mas o porco-unicórnio era uma das piores.

“Espero que ele não saiba nadar”, pensou Artur, acrescentando rapidamente: “E que não venha atrás de nós...”

— Pare — Peter Pirkin se dirigiu a Artur de dedo em riste. — Tudo bem, você está na balsa. Vamos deixar isso passar, mesmo que contrarie as regras e

os estatutos da associação. Mas, definitivamente, não vai entrar na casa de reunião.

— Vou, sim — falou Artur secamente.

E sacudindo um pouco da neve dos ombros seguiu em frente, dizendo:

— Estou com frio demais para discutir.

— Frio? Mas não está frio! — protestou Pirkin. — Nós já estivemos em correntes tão frias que só os textos em movimento quebravam o gelo e apenas pelo tempo suficiente para a balsa...

— Afaste-se, por favor — mandou Artur.

Enquanto falava, Pirkin recuava e afinal acabou encostado na porta da cabine, feita só com um pedaço de casca de árvore entalhada com desenhos.

— Não, eu realmente tenho que... Ah, vamos deixar isso para lá. Ninguém se importa mesmo. Olhe só a ajuda que recebo dos meus colegas de associação! Já custam a pagar as mensalidades, imagine se vão ajudar a expulsar passageiros não autorizados...

Pirkin apontou a meia dúzia de Empurradores de Papel que observavam a cena com interesse, embora a uma distância que consideravam segura, encostados nas varas que haviam usado para empurrar a balsa nas águas mais rasas do canal. Compridas e largas, as varas poderiam ser bastante úteis como armas, mas nenhum deles fez qualquer movimento para apanhá-las.

Suzy acenou e, momentos depois, quatro deles responderam.

— Entrem, então cedeu Pirkin com um suspiro. — De qualquer forma, é melhor se livrarem destas coisas molhadas e vestirem roupas devidamente escritas. Nunca se sabe quando todo mundo vai acabar na água.





Capítulo 12

— Está com medo? — perguntou a Sra. Sexta-Feira.

Ela dobrou as asas e chegou mais perto de Folha, que permanecia imóvel e se sentia muito, muito pequena.

— Estou — sussurrou Folha.

A luz ainda era forte, e ela não conseguia olhar para cima.

— O medo é interessante — disse a Sra. Sexta-Feira. — Há sempre bastante em vocês, mortais. Eu gosto de um pouquinho de medo, só um pouquinho. Por isso, aqueles de quem absorvo as experiências precisam estar dormindo; para que o medo não esconda as mais antigas. Agora, sabe por que eu a trouxe aqui, Folha?

— Não.

— Eu não absorvo experiências de jovens mortais. Suas vivências são muito recentes, sem graça. Os mortais mais velhos são melhores. Ah, como aprecio uma vida mortal de 80 ou 90 anos, com todos os complexos sabores de amor e esperança, tristeza e alegria! Se ao menos o gosto ficasse por mais tempo... Ah, tudo bem! Ainda estou cheia de experiências mortais e acredito que me ficou um traço de melancolia... É, eu me aborreço porque as vidas que absorvo desaparecem muito depressa. Preciso me conter para não querer mais, logo em seguida...

Ela fez uma pausa e, embora Folha não pudesse ver nada, teve a nítida sensação de que Sexta-Feira estava lambendo os lábios.

— Agora, quanto a você, senhorita Folha intrometida, eu a trouxe aqui porque, embora seja mais que excelente o meu plano para acabar com o seu amigo Artur e com vários outros aborrecimentos sérios, não sou tola a ponto de contar com o sucesso total. Meus espões me disseram que Artur é muito ligado aos amigos e faria qualquer coisa por eles. Então você vai servir de isca para uma armadilha, ou de base para uma negociação, ou de refém, ou de algo igualmente útil quando a ocasião aparecer. Basta obedecer e não atrapalhar.

— E se eu não quiser?

Folha tentou provocar, mas de novo não se mostrou desafiadora, como pretendia. Ao contrário, parecia uma criança patética e desamparada.

— Você também não é tola, que eu sei — disse Sexta-Feira. — Assim como pretendo usá-la contra Artur, também tenho alguém para usar contra você. Não tenho?

Incapaz de pensar em uma resposta, Folha se sentiu congelar.

— Não tenho? — repetiu Sexta-Feira. — Uma parenta, eu acho. Tia Laranja ou Maçã ou outro nome de fruta.

— Manga — murmurou Folha. — Não... Por favor, não faça nada com ela.

“Estou pedindo”, ela pensou. Uma parte dela não acreditava naquela situação. “Estou pedindo que ela não mate tia Manga ou seja lá o que pretenda.”

— Oh, ainda estou sentindo! — exclamou Sexta-Feira. — A emoção permaneceu! Sou quase uma mortal e já se passou mais de um minuto... Não... Está sumindo... Axilrad, preciso de outro lote... Não... Cedo demais... Vou embora... Talvez encontre outra distração...

Folha ouviu as asas da Curadora se desdobrarem e viu quando ela se atirou para a frente, em direção à pedra.

— Por favor! Não faça nada para a tia Manga! — pediu mais uma vez.

— A sua Manga será a última fruta que provarei — respondeu Sexta-Feira com uma sonora gargalhada.

E em seguida, com um único e poderoso bater de asas, subiu no ar.

Folha permaneceu de olhos baixos, fazendo força para não chorar. Inconscientemente, buscou o medalhão do Marinheiro, agarrando-o com tanta força que seus dedos ficaram quase tão brancos quanto o disco de osso de baleia.

Por pelo menos um minuto, ela se deixou ficar ali, à espera de que o medo aos poucos desaparecesse, sendo substituído pela coragem e pela determinação que faziam parte de sua natureza. Longe da Sra. Sexta-Feira, Folha conseguia raciocinar livre do sentimento mais próximo do pânico irracional que já havia experimentado.

“Eu só sou corajosa quando Sexta-Feira não está na minha frente”, pensou, reprimindo um soluço. “Mas acho que é melhor do que ser totalmente covarde. Basta ficar fora do caminho dela...”

— Eu avisei — disse Harrison. — Agora você vai me ajudar, não é?

Folha não respondeu. Ignorando a pergunta de Harrison, lentamente se pôs de pé e olhou para a sacada, na borda da cratera, onde a Sra. Sexta-Feira e seus assistentes tinham pousado.

“Se eu desistir agora, de uma maneira ou de outra Ela vai absorver as experiências de tia Manga”, pensou Folha. “Desistir nunca dá certo... e não posso deixar que ela me use contra Artur...”

— Eu disse que é melhor você me ajudar agora — repetiu Harrison.

Ele deu a volta e ficou na frente de Folha, de modo que ela não pudesse ignorá-lo.

— Por quê? — perguntou Folha. — Ela não vai cumprir o que disse. Além do mais, Artur vai dar um jeito nela logo, logo. Você é que faria melhor se me ajudasse.

— O quê? — falou Harrison sem convicção. — Mas você viu o poder da Chave...

— É melhor decidir de que lado está — interrompeu Folha. — Não disse que queria voltar para a Terra?

— Disse...

— E pensa que a Sra. Sexta-Feira vai deixar?

— Não...

— Então me ajude! — insistiu Folha. — Existe aqui, em algum lugar, um telefone que ligue para a Casa?

— Eu não... — Harrison começou a dizer.

Ele olhou em volta para ver se havia algum Habitante por perto que pudesse ouvi-lo, mas estava sozinho com Folha na cratera, a não ser pelas pessoas adormecidas ainda alinhadas na margem do lago.

— Não sei — ele continuou. — Teria que perguntar a um Habitante. Mas eles nunca me diriam. E também não adianta. Só me ajude no trabalho e nós dois ficamos livres de complicações.

— Fugir de complicações não o leva de volta à Terra — argumentou Folha. — Nem serve de ajuda a ninguém. Também sinto medo de Sexta-Feira, mas temos que fazer alguma coisa!

— Não posso — Harrison falou baixinho. — Eu... Eu não tenho coragem. Perdi.

— Então me dê cobertura — pediu Folha. — Arrume um trabalho que me permita andar por aí carregando alguma coisa.

Ela não contou que tinha aprendido aquele truque com seu amigo, o grumete Alberto, vítima de Fugaz. “Morcegar”, como ele dizia. O segredo era achar alguma coisa que aparentemente precisasse ser entregue em outro lugar no navio; assim, a pessoa podia ficar um tempão andando para lá e para cá, até

que alguém do comando percebesse e tomasse providências. Os Habitantes, em especial, caíam no truque, pois não lhes passava pela cabeça que alguém pudesse inventar uma tarefa desnecessária.

— Mas, se você for apanhada em algum local onde não deveria estar, eles vão jogar a culpa em mim! — argumentou Harrison.

— Se você não colaborar, vai provar que é tão ruim quanto Ela. E vai estar do lado inimigo quando Artur chegar.

— E ele vem? Tem certeza? Ele tem mesmo 3 metros de altura?

— Ele vem, sim — afirmou Folha com uma convicção que estava longe de sentir. — Ele é... Não é exatamente tão alto, mas... hum... bem, já derrotou quatro Curadores.

— Creio que você poderia pegar umas fronhas no depósito de roupas de cama — disse Harrison.

Folha percebeu que ele estava cedendo.

— Mas isso não quer dizer que vá encontrar um telefone. Como já expliquei, você teria que perguntar a um Habitante...

— Sei — disse Folha. — Tenho uma ideia. Onde fica a rouparia?

Harrison não respondeu. Estava tenso, visivelmente indeciso.

— Lembre que me ajudar é ajudar Artur, e ele é a sua única oportunidade de um dia sair daqui — insistiu Folha. — É agora ou nunca.

— Vou fazer... — começou Harrison. — Quer dizer, tudo bem! Vou ajudar. Venha comigo. Vou lhe mostrar o caminho para a rouparia. É no Círculo 3, Passado 25.

— E quanto a eles? — perguntou Folha baixinho, apontando os corpos na margem do lago.

— Martine vem buscar. Ao pôr do sol.

— Quem é Martine? Uma Habitante?

— Não, ela também é humana. Está aqui há mais tempo que eu.

Maluquinha. Só trabalha à noite. Não que a noite por aqui se pareça com a noite na Terra. São três luas bem grandes... E mudam de cor.

— Talvez valha a pena falar com ela — sugeriu Folha. — Onde posso encontrar Martine?

— Círculo 6, Passado Meio — resmungou Harrison, encaminhando-se para a porta por onde haviam entrado na cratera. — Mas ela é maluca. Vamos!

Folha foi atrás, não sem antes lançar um olhar para as pessoas adormecidas, dizendo:

— Preciso beber alguma coisa. Vocês têm algum tipo de comida e bebida de gente e... uhh, um toalete que eu possa usar? E chá?

— Recebo alimentos básicos, e há quatro banheiros para os mortais nas instalações. Mas não tenho chá. Os Habitantes adoram chá, por isso o guardam para eles. Também não tenho café. Você vai ter que se contentar com água.

— Ah, o chá não era para mim. Pretendia usá-lo como moeda de troca com um Habitante. Preciso pensar em outra coisa.

Então, Folha teve uma ideia. Abaixou-se, apanhou uma das poucas pedrinhas que havia sobre o chão liso da cratera e perguntou:

— Por falar nisso, você sabe onde o Habitante Feorin costuma ficar?

— Não há muitos Habitantes aqui — respondeu Harrison. — Talvez haja uns 50 ao todo. A maioria está acima, no Círculo 10, entre 10 para Meio-Dia e Passado 10. Acho que eles têm quartos lá. Deveriam patrulhar o entorno também, mas não costumo encontrar com eles nas minhas rondas. Isso me faz lembrar que preciso fazer a ronda. Tenho que manter todo mundo virado...

Ele suspirou e inclinou a cabeça. O fiapo de animação refletido em seu jeito de andar quando concordou em ajudar Folha desapareceu, dando lugar aos passos arrastados habituais.

Folha seguia em silêncio, a cabeça cheia de planos e esquemas, a maioria totalmente impraticável, conforme era obrigada a reconhecer. Então, reduziu seu planejamento a três objetivos básicos, porém se sentia absolutamente insegura quanto a realização de cada um.

“Primeiro, achar um telefone que ligue para a Casa e falar com Artur. Segundo, achar tia Manga e tirá-la de onde quer que esteja. Terceiro, esconder-me com tia Manga em algum lugar e esperar ajuda. ”

Na verdade, Folha tinha quatro objetivos básicos. O quarto era talvez o que considerava mais urgente.

“Manter distância da Sra. Sexta-Feira. ”

Como Harrison havia previsto, não encontraram ninguém no caminho. A rouparia era muito parecida com o quarto onde Folha tinha encontrado a bolsa do Garoto sem Pele. As lembranças desagradáveis e o fato de a roupa de cama estar marcada com o nome do mesmo serviço de lavanderia usado no Hospital da Zona Leste fizeram Folha pensar.

— Todo este material é lavado na Terra, certo? Nada é feito aqui.

— Creio que sim — respondeu Harrison. — Eu jogo os lençóis sujos e outras coisas pela rampa do depósito e venho pegar a roupa limpa aqui...

— Então, alguém leva e traz — raciocinou Folha. — Tem que haver uma ligação entre o hospital da Sra. Sexta-Feira, na Terra, e este lugar.

— Se existe, você precisaria ter o poder dela para usar essa ligação — argumentou Harrison.

Folha abanou a cabeça.

— De modo algum a Sra. Sexta-Feira levaria pessoalmente a roupa suja para a Terra e traria de volta uma carga de lençóis limpos! Portanto, tem que haver um caminho... Mas talvez seja um tipo de magia. Vamos verificar.

— Preciso voltar para os armazéns... Quero dizer, as enfermarias — Harrison corrigiu nervosamente, dirigindo-se para a saída. — Não demore. Axilrad pode vir nos procurar. É melhor você vir logo me ajudar, senão...

— Vá andando, então — decidiu Folha. — Eu o encontro quando precisar.

— Não faça... Bem, não...

A voz de Harrison sumiu aos poucos. Ele abaixou os olhos e saiu arrastando os pés.

Depois de um exame cuidadoso, Folha encontrou um parafuso solto em uma das prateleiras de metal da rouparia e com ele riscou algumas letras inventadas sobre a pedrinha que se soltara da cratera. Queria que o resultado ficasse interessante e estranho. E que parecesse um objeto mágico...

Ao mesmo tempo, começou a ensaiar um ruído ritmado que ficava entre a tosse e o latido.

Ah-woof, ah-woof, ah-woof.





Capítulo 13

Artur estendeu os braços e enfiou as mãos nas mangas de seu novo casaco de retalhos de papel, para que Pirkin pudesse cortar as pontas no comprimento certo. Teria motivo para ficar nervoso, mas se sentia completamente relaxado enquanto o Habitante usava uma enorme e velha tesoura de bronze. Estava muito quente dentro da cabine na balsa, graças a um fogão de porcelana do tamanho de uma geladeira assentado sobre uma plataforma de 3 por 3 metros, em pedra vermelha entalhada com enormes letras incompreensíveis. Saía fumaça do fogão, embora não se visse fogo dentro dele nem qualquer tipo de combustível.

Foi bom receber roupas novas e secas. Artur, como os outros, trazia, inclusive como roupas de baixo, trajes feitos de papel, pergaminho ou peles macias, todos com muitas letras escritas à mão. Ele pensou que fosse achar as peças ásperas ou desconfortáveis, em especial o casaco de papel, mas, surpreendentemente, aconteceu o contrário. Também pensou que não serviriam ao ar livre, na neve, mas Pirkin explicou que elas repeliam a água. Um dos poucos poderes dos Empurradores de Papel era justamente fazer roupas que resistissem ao trabalho no canal e fossem à prova de água, movida a texto ou não.

Artur também estava satisfeito porque a balsa seguia pelo canal em boa velocidade, talvez a uns 30 e poucos quilômetros por hora, o suficiente para deixar uma esteira atrás. Assim, ele se aproximava de seu objetivo — se é que encontrar o Escritório da Sra. Sexta-Feira era seu objetivo. Ele começava a rever algumas ideias sobre a situação e sobre o que iria fazer. Deveria ou não discutir certos assuntos com Suzy e Fred?

“Eles são meus amigos”, pensou. “Mas também estão obrigados a servir ao Tocador de Gaita. Ugham é um bom sujeito. Em última análise, porém, também deve servir ao Tocador de Gaita e pegar a Chave para ele se chegarmos até ela. Ou então precisará chamá-lo, já que não conseguiria tomar posse da Chave. Será que ele tem como entrar em contato com o Tocador de Gaita?”

Ao acabar de cortar as mangas da camisa, Pirkin apanhou uma agulha comprida e linha vermelha e, com rapidez, costurou os punhos para completar

o serviço. Seguindo inconscientemente o sistema do Exército da Arquiteta, segundo o qual um oficial deve cuidar primeiro de seus soldados, Artur fez questão de ser o último a receber a roupa nova. Suzy e Fred, já muito bem equipados em seus casacos tipográficos, tinham saído para verificar se o porco-unicórnio Nadica não perseguia a balsa. Ugham foi atrás, como um grande e fiel cão pastor que cuidasse de duas criancinhas. O Novica não queria ficar sem o uniforme, mas concordou quando Pirkin esclareceu que, no canal, as correntes movidas a texto e outras feitiçarias tentavam a todo custo afogar quem não estivesse usando as roupas corretas, como aquelas feitas pelos Empurradores de Papel.

“O Tocador de Gaita e Sábado irão para o Escritório”, pensou Artur. “É quase certo que um deles chegue lá antes de mim. Provavelmente vão brigar e fazer de tudo para atrapalhar um ao outro. No entanto, se eu conseguir achar a Quinta Parte do Testamento, não importa quem esteja com a Quinta Chave; o Testamento pode me ajudar. Principalmente porque não confio mesmo na Sra. Sexta-Feira. Assim, deveria tentar encontrar o Testamento primeiro. Embora ele também possa estar no Escritório... Gostaria que o doutor Scamandros viesse fazer aquele feitiço com a folha dourada...”

— Uma xícara de água quente? — ofereceu Pirkin, interrompendo os pensamentos de Artur. — O chá acabou. Tínhamos um pouco no cais, mas...

— Quero, sim.

Apesar de aquecido, Artur considerava bem-vinda uma xícara de qualquer coisa quente para ajudar a afastar a lembrança do frio e a suportar a baixa temperatura, no caso de precisar ir até o lado de fora, onde continuava a nevar.

— Os outros Empurradores de Papel não vão entrar? Eles não precisam empurrar mais, precisam? — perguntou.

— No momento, estamos na corrente ascendente 7-6 e o canal tem uma profundidade de quase 40 metros — explicou Pirkin.

Ele se mostrava bastante gentil, tendo desistido de impedir Artur e os outros de viajar.

— Mas alguém tem que ficar de vigia, cuidar para que nada caia ou afunde, desequilibrando a embarcação. Além do mais, não estão acostumados com estranhos, já que são apenas membros comuns da associação, e não Secretários da Filial, como eu.

Artur aceitou a xícara esmaltada e fumegante que Pirkin lhe ofereceu.

— Obrigado. Então estamos em uma corrente ascendente? Quanto tempo falta para chegarmos ao Meio do Meio? E podemos seguir de lá até a Plataforma Superior?

— Alcançaremos o Céu Inferior pela manhã — respondeu Pirkin. — Depois, tudo vai depender de quanto tempo vamos precisar para passar pela Porta do Céu...

— Céu Inferior? Porta do Céu? — estranhou Artur. — O que você quer dizer com isso? Pensei que a Casa Intermediária fosse somente uma grande montanha.

— É e não é.

Pirkin interrompeu o que dizia para tomar um gole da água quente.

— Ah, isso sim. Quase tão bom como o chá, ainda mais quando não se tem chá. Onde eu estava? Ah, o Céu Inferior. Existe um céu sobre a Planície, o Céu Inferior. E existe um céu entre o Meio do Meio e a Plataforma Superior, que é o Céu Intermediário. Suponho que haja um céu em cima disso tudo. Pelo menos há nuvens e sóis, ou coisas parecidas, acima da Plataforma Superior. Este seria o Céu Superior.

— E a Porta do Céu?

— O canal passa por lá. Tem um enorme portão de correr. Eu lhe digo que abrir o portão é um verdadeiro sacrifício. São necessários cem membros da associação para mover o guincho e, no mínimo, dois Secretários de Filial para fazer a contagem. Arriscado demais. A queda é longa para quem pisar do lado de fora do canal.

— Então, quanto tempo leva a travessia?

— Depende...

Pirkin acompanhou a resposta com um encolher de ombros que fez derramar a água quente nele mesmo. Um ser humano ficaria seriamente queimado, mas ele não pareceu notar.

— Se houver balsas em fila, para ir e voltar, talvez o portão já esteja aberto ou abra mais rapidamente.

— E depois de chegarmos ao Meio do Meio, quanto tempo leva para alcançarmos a Plataforma Superior?

— Uns dois dias. Vai depender da carga. Temos que parar em Burimberg para pegá-la. A menos que tudo tenha ido pelos ares.

— Pelos ares? Como, exatamente?

Pirkin olhou para Artur com surpresa.

— Bem, você tem a ver com isso, não é? A balsa de Odkin nos entregou umas cartas quando passou... Onde estão elas mesmo?

Ele remexeu os bolsos, de onde tirou vários papéis dobrados. Enfim, encontrou o que procurava e entregou a Artur, explicando:

— A primeira dizia que a Sra. Sexta-Feira tinha partido para algum lugar e que quem quisesse podia tirar férias. Além disso, permitia absorver experiências. A segunda informava que a Sra. Sexta-Feira estava abrindo mão de tudo em favor de Sábado Superior, que o trabalho deveria continuar como de costume, que não era permitido absorver experiências, que devíamos obedecer aos colaboradores de Sábado e assim por diante.

Artur deu uma olhada rápida nas duas cartas, que traziam os lacres coloridos das Curadoras em questão. A primeira realmente confirmava que a Sra. Sexta-Feira estava de partida, mas não mencionava especificamente a abdicação, a entrega da Chave ou sua autoridade sobre a Casa Intermediária.

A segunda, de Sábado Superior, era bem mais explícita. Artur fez questão de ler a carta inteirinha.

A todos os Habitantes com autoridade sobre A CASA Intermediária.

SAUDAÇÕES.

A Sra. Sexta-Feira, ex-Curadora da Arquiteta, abdicou e renunciou A toda Autoridade sobre A CASA Intermediária. Seu posto foi assumido pela Sra. Sábado, Suprema Feiticeira da CASA Superior. Todos os Habitantes da CASA Intermediária devem reconhecer A Autoridade de Sábado Superior e de seus colaboradores.

As ordens dos colaboradores de Sábado Superior devem ser obedecidas, e tais determinações prevalecem sobre quaisquer regras estabelecidas, determinações anteriores, ações habituais, tradições, rituais, tarefas rotineiras ou o que quer que POSSA conflitar com AS ditas ordens ou determinações.

Todos os Habitantes da CASA Intermediária darão continuidade A seu trabalho regular. Fica proibida A prática conhecida como “absorção de experiências” e A posse de “experiências mortais” PASSA A ser considerada crime, passível do mais alto grau de punição, aplicada por qualquer servidor da CASA Superior.

Todos os Habitantes da CASA Intermediária deverão cooperar com os funcionários, soldados e Auxiliares da CASA Superior. Alguns deles podem parecer Nadicas. MAS não são Nadicas, e sim colaboradores da CASA Superior.

Todos os Habitantes da CASA Intermediária devem se reportar imediatamente AO mais próximo colaborador da CASA Superior sempre que observarem, notarem, ouvirem ou tomarem conhecimento de qualquer informação relativa AO paradeiro ou às intenções do perigoso fora da lei Artur Penhaligon, autodenominado Herdeiro Legítimo de Alguma COISA.

Todos os Habitantes da CASA Intermediária devem se reportar imediatamente AO mais próximo colaborador da CASA Superior sempre que observarem, notarem, ouvirem ou tomarem conhecimento de qualquer informação relativa AO paradeiro ou às intenções do rebelde conhecido como Tocador de Gaita ou do anarquista conhecido como Marinheiro (também chamado de “Capitão”).

Todas AS CRIANÇAS do Tocador de Gaita, na Casa Intermediária, são a partir de agora consideradas criminosas e devem ser eliminadas. Os leais Habitantes da Casa Intermediária estão convocados a atacar as crianças do Tocador de Gaita quando e onde forem vistas. Elas devem ter a cabeça decepada. As cabeças serão mantidas em sacos apropriados e apresentadas como prova aos colaboradores da Casa Superior.

Todas as criaturas conhecidas como Ratos Criados são a partir de agora consideradas criminosas e devem ser eliminadas. Os leais Habitantes da Casa Intermediária estão convocados a atacar os Ratos Criados quando e onde forem vistos. As criaturas devem ter a cauda decepada. As caudas serão mantidas em sacos apropriados e apresentadas como prova aos colaboradores da Casa Superior.

Os pertences confiscados dos Ratos Criados ou das crianças do Tocador de Gaita devem ser etiquetados e organizados em pilhas separadas. Cartas ou documentos encontrados entre esses pertences devem ser entregues com a máxima urgência a qualquer colaborador da Casa Superior.

Por ordem da Sra. Sábado, Suprema Feiticeira da Casa Superior, com a aprovação tácita de Lorde Domingo.

Artur franziu a testa concentrado. A carta tinha o lacre da Sra. Sábado, um disco dourado preso por um lacre de cera que mudava de aspecto constantemente, passando por todas as cores do arco-íris... mas não tinha o selo de Domingo. E o que queria dizer “tácita”?

“Preciso de mais informações sobre Lorde Domingo”, pensou Artur. Ele vinha preocupado com isso há algum tempo. “Tudo que é feito contra mim parece organizado por Sábado. Domingo só fica em segundo plano... mas será mesmo?”

Ele afastou o pensamento. Primeiro tinha que se concentrar no momento presente.

— Você leu todo o conteúdo da segunda carta? — perguntou Artur cautelosamente.

Sua mão desceu até o quadril, onde estava a Quarta Chave. Embora sem o cinto, Artur tinha se assegurado de deixá-la ao alcance da mão.

— Eu li as duas — respondeu Pirkin. — Mas, como disse Odkin, é tudo lixo. Matar as crianças do Tocador de Gaita? Matar Ratos Criados? Devo dizer que isso não é coisa com que a associação concorde. Essa tal de Sábado não manda nada. Ela pode fazer o que quiser na Casa Superior, eu suponho, mas ninguém aqui vai fazer bobagem só porque ela mandou.

Ele fez uma pausa para tomar outro gole de água quente e acrescentou:

— Ou quase ninguém. Pode ser que os convencidos de nariz empinado lá da Plataforma Superior queiram mostrar serviço. Estão sempre falando sobre como estão próximos da Casa Superior. Eles gostam de dizer que “a parte de cima do Intermediário é a parte de baixo do Superior”. Acho que a maioria deles fracassou na escola. Eles têm mais é que cuidar dos registros, que é serviço deles.

— Espero que você esteja certo — disse Artur.

Ele começou a levantar a xícara para mais um gole, mas precisou segurá-la com as duas mãos, pois a balsa de repente balançou, inclinando-se, o que fez com que sua cadeira escorregasse em direção à parede.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Começamos a subida — explicou Pirkin, pousando a xícara e se encaminhando para a porta. — Já não era sem tempo. São cerca de dez horas até a Porta do Céu. De lá deve dar para vermos um pouco de sol no Meio. O tempo deles continua funcionando normalmente. É melhor eu ver se estamos na corrente mais rápida.

Ao ficar só na cabine, Artur voltou a se sentar na cadeira. O piso da balsa apresentava uma inclinação de cerca de 20 graus, o que ficava um tanto estranho, mas Pirkin não parecia preocupado. Artur, então, decidiu fazer o mesmo.

Ele tinha acabado de tomar o tão esperado gole quando a porta se abriu e Suzy e Fred entraram correndo acompanhados de uma rajada de vento frio e de alguns flocos de neve. Com alguma dificuldade por causa da inclinação, sentaram de costas para o fogão, de frente para Artur.

— Nenhum sinal daquela coisa nojenta — anunciou Suzy. — Mas Uggie está de olho.

— Nunca imaginei viajar em uma balsa de Empurradores de Papel — disse Fred. — Ainda mais que faltam noventa e nove anos de serviço no Exército para eu poder voltar ao Centro dos Letristas.

— Você ainda quer ser general? — perguntou Artur.

Fred fez que não, apontando a linha escrita em seu pescoço.

— Em que exército? Não creio que agora o marechal Meio-Dia ou qualquer outra pessoa confie em mim.

— Tenho certeza de que isso pode ser apagado — disse Artur. — O doutor Scamandros ou a Primeira Dama...

— Você pode fazer isso agora? — perguntou Suzy. — Não aguento ter que obedecer ao...

— Suzy! Pare!

Ao mesmo tempo, Fred e Artur tentaram interromper o que Suzy estava dizendo, mas foi tarde demais.

— ... Tocador de Gaita — ela completou.

Imediatamente a linha gravada em seu pescoço produziu um zumbido baixo e apertou a garganta dela.

Suzy tossiu uma vez e caiu no chão, escorregando em direção aos pés de Artur. Com o rosto muito vermelho, ela arranhava desesperadamente o pescoço, destacando ainda mais as letras brancas.

— Artur! — gritou Fred. — Faça alguma coisa!

Por um segundo Artur ainda hesitou, porém não tinha escolha; tirou o bastão que correspondia à Quarta Chave e encostou-o no pescoço da garota, falando devagar:

— Libere Suzy do Tocador de Gaita.

Uma suave luz verde acendeu ao redor do bastão e em volta do pescoço de Suzy. Por um instante, a luz se tornou mais forte, brilhante como uma esmeralda ao sol; em seguida, desapareceu levando com ela as letras que garantiam a obediência ao Tocador de Gaita.

Enquanto Suzy inspirava profunda e dolorosamente, Artur ficou de pé e colocou o bastão no pescoço de Fred, repetindo o processo.

Em poucos segundos, os dois estavam livres. Artur se sentou de novo, pousou o bastão no colo e levantou a mão vazia. Em seu dedo, o anel em forma de crocodilo captou a luz, cintilando em partes praticamente iguais de prata e ouro. Artur teve que olhar mais atentamente para ver, como esperava, que o ouro tinha avançado um pouquinho além da quinta linha.

— Você fez de propósito, não fez, Suzy? — ele perguntou amargamente.
— Para me obrigar a usar a Chave.

— Foi sem querer — defendeu-se Suzy, embora faltasse convicção em sua voz. — Escapou!

— Claro — disse Artur irritado, abanando a cabeça.

— Obrigada, mesmo assim — falou Suzy.

Ela deu um tapinha no ombro de Artur. Ao ver, porém, que ele não reagia, afastou-se.

— Sim, obrigado, Artur — concordou Fred. — Para mim, era uma grande preocupação não saber se aquilo ia me sufocar um dia. Ou cortar minha cabeça fora.

Artur não respondeu. Além de estar furioso com Suzy, por ter sido forçado a usar a Chave, também estava aborrecido consigo mesmo por estar furioso; não achava justo deixar de ajudar os amigos nos momentos de necessidade, só para não se tornar um Habitante.

Por alguns minutos, os três se sentaram em silêncio. Nem Suzy nem Fred encaravam Artur, que mantinha os olhos baixos e girava no dedo o anel de crocodilo, ora deixando para cima o lado de prata, ora o lado de ouro. Até que suspirou e olhou para as crianças, perguntando:

— E quanto a Ugham?

— Acho que ele vai ficar bem — respondeu Fred. — Os Novicas são engraçados. Aqueles com quem estivemos falavam o tempo todo em jardinagem. Acho que não gostam da vida militar, embora sejam ótimos soldados. Eles servem ao Tocador de Gaita porque foram criados por ele, mas não tomam a iniciativa de fazer coisa alguma.

— Uggie falou que só cumpriria ordens. Como cuidar de nós, por exemplo. Claro que, se ele receber novas ordens, vai ser diferente — completou Suzy.

— Temos que tomar muito cuidado — avisou Artur.

— Olhe pelo lado bom, Artur — disse Suzy. — Agora...

— Que lado bom? — interrompeu Artur sério. — Você não leva nada a sério, Suzy!

— Ela não queria fazer você usar a Chave, Artur — falou Fred com cuidado. — Talvez você devesse pedir desculpas, Suzy.

— Desculpe — murmurou Suzy.

Artur suspirou impaciente, mas com isso liberou boa parte da raiva que sentia. Ele não conseguiu ficar zangado com Suzy, embora ela quase tenha provocado a própria morte, para obrigá-lo a usar o poder da Chave e libertá-la da submissão ao Tocador de Gaita.

— Ah, esqueça! — ele disse. — Tudo bem! Fale do tal lado bom.

— Agora você pode nos contar o que vamos fazer, para depois pegar a Chave e resolver o caso de Sexta-Feira de uma vez por todas!

— Isso! — concordou Fred animado. — Qual é o plano?

Artur ficou sério novamente, mas por causa do esforço em se concentrar, e não por estar com raiva.

— Você tem um plano, não tem? — insistiu Fred.

— Tenho — admitiu Artur. — Mas não sei se é um plano muito bom. Para começar, precisamos encontrar um feiticeiro. Ou, de algum modo, conseguir entrar em contato com o doutor Scamandros. Mas suponho que seja possível descobrirmos o que precisamos saber por outro jeito. Ou...

— Por que não nos conta sobre o seu plano, antes que os outros voltem? — sugeriu Suzy. — Talvez Fred e eu possamos fazer algumas melhorias.

— Muito obrigado! — falou Artur com uma pontinha de ironia. — É um plano bem simples. Em primeiro lugar, o Tocador de Gaita e Sábado irão ao Escritório da Sra. Sexta-Feira para pegar a Chave. Eles esperam que eu faça o mesmo e creio que Sexta-Feira conta com isso também. No entanto, pretendo achar antes a Quinta Parte do Testamento, que pode ou não estar no Escritório, mas que possivelmente se encontra na Casa Intermediária. E tenho um meio de localizar o Testamento. Pelo menos acredito nisso, desde que consiga um feiticeiro para fazer uma magia simples. Se é que existe algum feiticeiro na Casa Intermediária...

— Feiticeiro? — perguntou Fred. — Tudo depende do tipo de magia. Muitos Habitantes usam feitiçaria na Plataforma Superior. Quase todos pertencem às Altas Corporações, embora não sejam exatamente o que se pode chamar de feiticeiros completos, como o doutor Scamandros. Na

Encadernação e Restauro, a maior parte usa feitiçaria. O que você quer que um deles faça?

Artur estava prestes a responder, quando a porta se abriu violentamente e Pirkin se inclinou para dentro, o rosto emoldurado por uma rajada de neve. Um pingente de gelo caiu de seu nariz e bateu no chão de pedra.

— 'Todo mundo no convés! — ele chamou. — Tem algum tipo de batalha acontecendo acima de nós, abaixo do céu!





Capítulo 14

Estava frio do lado de fora, no deque, mais frio do que antes, mas não nevava. A balsa, em uma subida acelerada, já rompia as nuvens baixas. O céu em volta clareava, embora continuasse escuro acima. Onde imaginava que o sol estivesse preso, no horizonte distante, Artur viu uma nesga de luz que não chegava ao canal.

Havia outros pontos iluminados em meio à escuridão, falsas estrelas cintilando na parte de baixo do teto intermediário. Lá em cima, em algum lugar ainda não identificável, encontrava-se a Porta do Céu, que o canal ia atravessar.

Como olhava para cima, Artur viu meia dúzia de novas estrelas que se moviam rapidamente. De repente, uma delas explodiu em muitos fragmentos de fogo, que caíram como chuva, mas logo se apagaram. As outras cinco se desviaram e foram perdendo o brilho até desaparecerem.

— Batalha aérea — explicou Ugham. — Não sei quem está combatendo. Um lado ataca às claras, o outro, no escuro. Ah, lá vêm os iluminados!

Ele apontou outra região do céu. Mais de uma dúzia de estrelas avançavam, movimentando-se em formação como uma ponta de flecha em direção ao local onde tinha havido a explosão. Elas brilharam ainda mais ao cruzar o céu e Artur percebeu que se aproximavam da balsa.

— Quem são? — ele perguntou.

— Não sei — respondeu Pirkin. — Mas sei quem está esperando na escuridão.

— Eu também — sussurrou Fred de olhos fixos no céu.

— Quem? — perguntou Artur.

— Os Servos Alados da Noite — responderam Fred e Pirkin ao mesmo tempo.

Pirkin tinha uma estranha entonação na voz, uma melancolia que Artur não havia percebido.

Enquanto eles conversavam, duas estrelas brilhantes explodiram mais uma vez em faíscas que caíram lentamente, desaparecendo afinal.

— São penas iluminadas — concluiu Suzy. — Seja quem for o dono delas, tem uma longa queda pela frente.

O comentário de Suzy fez Artur olhar para baixo. Ele finalmente enxergou, a cerca de 800 metros, o outro lado do canal iluminado pela nesga de sol. Mas a distância entre as margens não foi o que mais o impressionou. O canal se estendia à frente em linha reta por vários quilômetros antes de fazer uma curva à direita, sempre com uma suave inclinação ascendente de 10 graus. Artur viu que, na curva, o largo canal se apoiava em milhares de colunas, cujas bases sumiam em meio às nuvens. Parecia um viaduto impossível, parte de uma estrada mil vezes esticada e depois coberta de água. A visão o deixou nervoso e meio tonto.

Era melhor olhar para cima, e foi o que ele fez, bem a tempo de ver alguma coisa que voava rapidamente em rota de colisão com a balsa. A mancha escura no céu nublado só ficou visível ao passar pela luz do sol. Parecia uma pedra e, por um momento, Artur pensou que fosse algum tipo de míssil. Mas, quando a coisa chegou a algumas centenas de metros, ele percebeu que tinha uma forma quase humana e não atingiria a balsa. Talvez não caísse no canal, mas na Planície.

Então, uma asa negra, semelhante à de um corvo, abriu-se no ombro esquerdo da criatura, enquanto de seu ombro direito surgia uma confusão de penas em total desordem. Batendo furiosamente a única asa útil, a criatura corrigiu o curso, desacelerou um pouco e desceu em parafuso, como uma folha seca.

A força do choque contra a embarcação acabaria com a vida de qualquer mortal. No entanto, depois de quicar duas vezes, o recém-chegado começou imediatamente a se levantar. Pensando estar diante de algum tipo de Nadica, Artur pôs a mão sobre a Chave e se aproximou correndo, logo atrás de Ugham, Fred e Suzy. Pirkin seguiu por último, andando vagarosamente, de cabeça baixa.

Mas não se tratava de um Nadica. Quando Artur chegou mais perto, viu que a estranha cabeça bicuda da criatura era, na verdade, um capacete com um tubo comprido através do qual se via vagamente a boca do Habitante. Da mesma forma, o que parecia uma couraça natural era uma espécie de roupa de mergulho preta e as garras e mãos com membranas eram real mente luvas com garras e membranas do mesmo material preto.

Impossível dizer o sexo da criatura. Quando Artur e os outros se aproximaram, ela tentou se levantar, mas não conseguiu. Com uma asa encolhida e a outra caída para trás, ficou de joelhos.

— Isso é... Isso é um Servo Alado da Noite? — Artur perguntou em voz baixa a Fred.

Sem saber o que fazer, o grupo rodeou o voador estropiado.

— Sim — confirmou Fred.

Ele se ajoelhou junto do estranho Habitante, movimentando as mãos e os dedos em uma série de sinais complicados.

De início, a criatura recém-chegada pareceu surpresa, mas logo se recuperou e começou a sinalizar de volta, com movimentos ágeis. Ágeis demais para Fred.

— Devagar! — ele pediu, gesticulando vivamente.

O Habitante repetiu os sinais, com mais determinação e muitas pausas.

— Ela... O nome dela é... Ah, algo como... Fresca do Anoitecer Antes da Escuridão Completa. Ela disse que está lutando contra Habitantes alados da Casa Superior. Parece que são chamados de alguma coisa como Preguiçosos Astuciosos?

— Indolentes Inteligentes — corrigiu Ugham. — Meu senhor me fez estudar todos os adversários que pudesse vir a enfrentar. Entre os colaboradores de Sábado, não são os mais poderosos.

A criatura, uma Serva, fez que sim.

— Ela ouve? — perguntou Artur.

A Serva concordou novamente.

— Desculpe — continuou Artur. — Ouve, mas não fala?

Mais uma vez, a criatura fez que sim.

— Eu não sabia disso. Então, nunca encontrei um Servo de verdade — disse Fred.

— E como você conhece os sinais? — perguntou Suzy.

Fred tossiu, desviou o olhar e resmungou alguma coisa.

— Você o quê? — insistiu Suzy.

— Pensei em ser um Servo Alado quando crescer — completou Fred.

Ele estava com o rosto muito vermelho e não era só por causa do frio.

— Trabalhei na douração de um livro de sinais que fazia parte do manual de administração da Casa Intermediária. Fiquei com ele e aprendi os sinais.

— Mas as crianças do Tocador de Gaita não crescem — disse Artur espantado.

— Eu sei — concordou Fred com tristeza. — Era só... um sonho.

Não queria ser assistente de douração para sempre. É pura sorte eu ainda lembrar a maioria dos sinais que aprendi. Foi há muito tempo e alguém me tomou o livro. Além disso, desde então, me lavaram entre as orelhas muitas vezes.

Artur fez uma careta à simples menção da lavagem entre as orelhas. Queria saber mais sobre o processo e seus objetivos. Aquele era outro pequeno mistério da Casa a ser investigado, porém teria que ficar para depois.

A Serva cutucou o pé de Fred para chamar a atenção dele e lhe deu uma longa mensagem.

— Ela precisa voltar para o campo de batalha; quer saber se temos asas extras — traduziu Fred. — Qualquer asa serve.

— Nenhuma — disse Artur. — Bem, a menos que Pirkin tenha...

— Asas são para aqueles que não têm canais — respondeu Pirkin. — A Associação proíbe terminantemente asas nas balsas. Por isso, não fossem as circunstâncias atenuantes, eu teria que solicitar à senhorita Fresca do Anoitecer que se retirasse...

A Serva suspirou. Em seguida, pegou no cinto um tubo fino de metal.

— No entanto, já que há numerosas atenuantes — apressou-se em dizer Pirkin —, bem-vinda a bordo. Acho que mais um passageiro não associado não faz diferença.

A Serva fez que sim e se levantou, recusando a ajuda oferecida por Fred e Artur. Conseguiu ficar de pé sozinha, embora sem apoiar um dos pés no chão, pois estava com um osso quebrado. Em seguida, fez mais sinais para Fred traduzir.

— Se os companheiros dela vencerem, virão buscá-la em breve. Se perderem, os inimigos virão. Caso venham os inimigos, ela sugere não nos envolvermos, pois os Indolentes Inteligentes vão nos deixar em paz. Foi o que aconteceu nas outras balsas.

— Outras balsas? — perguntou Pirkin. — Onde?

A Serva apontou para cima e começou a transmitir outra longa mensagem.

— A Porta do Céu foi capturada pelo inimigo — repassou Fred. — Está aberta para permitir que os Indolentes Inteligentes voem de Burimberg, que foi tomada pelas tropas de Sábado, hoje cedo, num ataque maciço por elevador. Aurora de Sexta-Feira se recusou a aceitar a autoridade de Sábado e mandou todos os leais Habitantes da Casa Intermediária resistirem. Aurora de Sexta-Feira e seus Jovens Dourados tentaram defender Burimberg, mas foram

forçados a recuar para a Plataforma Superior. Ninguém sabe o paradeiro de Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira nem da própria Sra. Sexta-Feira. Deixe-me ver... A Alta Corporação, na Plataforma Superior, não declarou apoio a nenhum dos lados. Como só voam à noite, os Servos Alados atacam as forças de Sábado onde podem até o amanhecer. Dá para repetir o último pedacinho?

Fred observou cuidadosamente os sinais repetidos pela Serva.

— Ah, as balsas... Muitas ficaram paradas por causa da batalha na Porta do Céu, mas agora já podem atravessar. Os Indolentes estão ocupados demais lutando com os Servos e nem ligam para as embarcações. Entendi direito, senhorita?

A Serva fez que sim, mas manteve a cabeça esticada para trás, de olho no céu, e a mão mais uma vez sobre o tubo que trazia no cinto. O tubo pareceu a Artur uma versão em miniatura dos lança-chamas usados pelo Exército da Arquiteta... Uma arma horrível, realmente. Ele decidiu não perdê-la de vista.

— Por que você veio para cá? — perguntou Artur. — Pensou que aqui estaria em segurança? É óbvio que nós não somos Empurradores de Papel.

Fresca do Anoitecer fez que não e se apressou a responder por sinais, ainda sem tirar os olhos do céu.

— Você cheira bem — traduziu Fred. — Os Habitantes de Sábado cheiram a... Não conheço este sinal... Fumaça? Carvão, talvez.

— Os Servos têm o olfato apurado — comentou Ugham.

Fresca do Anoitecer fez outro sinal rápido.

— Criaturas Voadoras estão descendo — avisou Fred.

— Os olhos dela não estão bem — disse Ugham. — Eu não vejo movimento algum.

— Talvez sejam Indolentes com as asas escurecidas — sugeriu Fred. — O que vamos fazer, Artur? Não podemos simplesmente deixar...

— Claro que não! — exclamou Artur, pegando a Chave.

Com uma espécie de assobio que denotava surpresa, a Serva protegeu os olhos ao ver o bastão na mão de Artur se transformar em Chave. O brilho do metal não era apenas reflexo da luz.

— Preparem-se para receber os hóspedes!





Capítulo 15

Quando achou que a falsa tosse e a pedra riscada estavam satisfatórias, Folha pegou uma braçada de fronhas azul-claras e tomou o caminho em volta do círculo central à procura da escada mais próxima. Tinha um plano em mente... Ou, pelo menos, parte de um. No plano, havia vários pontos fracos que ela esperava resolver durante o processo, já que nada mais havia a fazer.

O primeiro passo seria encontrar o Habitante Feorin, mas sem a presença de Milka. Folha sabia que Feorin era tolo o bastante para cair em sua conversa, mas Milka dificilmente seria tão ingênua.

“Talvez eu ache outro Habitante bobo”, pensou Folha enquanto subia penosamente as escadas rumo ao círculo 10 e à posição de meio-dia, onde os Habitantes se instalavam. Como Harrison tinha previsto, não encontrou ninguém. O corredor deserto parecia igual a todos os outros corredores percorridos por ela na borda da cratera. Não fosse pelos números nas portas e nas escadarias, ela seria capaz de jurar que passava várias vezes pelo mesmo lugar.

“Parece que vou ter que bater em uma porta. Isso pode me trazer problemas...”

Insegura quanto à ideia, Folha percorreu a parte de cima do círculo, tentando descobrir alguma pista sobre o que havia por trás daquelas portas. A única diferente, porém, era justamente a da posição de meio-dia, mais larga e com um enfeite na maçaneta. Folha achou melhor evitar aquela. Então escolheu ao acaso bater na 6ª porta após a de número 12.

A porta foi aberta imediatamente por um Habitante que trazia em uma das mãos uma agulha comprida, com fios de ouro pendurados, e na outra, um livro. Ele primeiro verificou se Folha estava sozinha e só depois olhou para ela.

— O que é?

— Uh, desculpe incomodar — começou Folha. — Trago uma mensagem para Feorin.

— Feorin? Tem certeza?

— Tenho. É para Feorin, sem dúvida.

— Tente a próxima porta — disse o Habitante, apontando no sentido horário com a agulha. — Dez passados.

Folha nem tinha acabado de agradecer e a porta já estava fechada. Ela respirou fundo e foi até o local indicado. Depois de um momento de hesitação, bateu com firmeza.

Dessa vez, o atendimento não foi tão rápido. Folha ouviu sons abafados, primeiro de conversas e depois de passos. Finalmente, vestindo um avental de couro sobre a roupa, Feorin abriu a porta.

Folha deu um passo para trás, para não ser vista por quem estivesse dentro da sala, e deu início à tosse estranha, parecida com um latido, que havia ensaiado.

— Olá, Feorin ela cumprimentou. — Tenho uma coisa para você.

— Para mim? — perguntou Feorin, saindo para o corredor.

Ao mesmo tempo, alguém de dentro da sala, provavelmente Milka, gritou:

— Quem é?

— Diga que é um mensageiro — sussurrou Folha.

Ela tossiu de novo e mostrou a pedra que havia arranhado.

— E eu lhe dou isto... *ab-woof*... A pedra da tosse.

— Um mensageiro! — gritou Feorin.

Ele estendeu a mão para pegar a pedra... Mas Folha foi mais rápida e recuou, tossindo novamente.

— Primeiro, você precisa me ajudar a encontrar um telefone que ligue para a Casa — falou baixinho. — Depois, pode ficar com a pedra da tosse.

— Qual é a mensagem? — perguntou Milka lá de dentro.

— Diga que não é nada importante — sussurrou Folha ansiosamente.

— Nada demais! — gritou Feorin. — É só aquela sonâmbula!

Folha suspirou.

— Isso faz parte da tosse? — perguntou Feorin.

— Não.

Como seria de se esperar, Milka saiu para o corredor. Também usando um avental de couro, segurava um frasco de cola.

— Então, e a mensagem? — ela perguntou.

— Como? — Folha se fez de desentendida.

Seu plano estava destruído.

— A mensagem — insistiu Milka impaciente. — Afinal, você é uma criança do Tocador de Gaita? Eu sempre disse que deveríamos ter algumas por aqui,

para dar recados.

— Ah, pois é — disse Folha, forçando-se a voltar a raciocinar. — É por isso que estou aqui. Vocês devem me levar até um telefone, de modo que eu possa ligar... para... um feitiçeiro na Casa. Preciso encomendar alguns artigos especiais para vocês, Habitantes. Esta pedra da tosse é uma amostra... Só que acho que... *ah... ah... ah... ah-woof...* exagerei.

— Ótimo! — exclamou Feorin.

Milka não respondeu, mas pegou a pedra.

Com a respiração suspensa, Folha esperou a Habitante examinar a pedra. Só não imaginava que ela a pusesse na boca e a engolisse. Por alguns segundos, Milka ficou engasgada; perdeu o fôlego e soltou um assobio horrível. A seguir, a pedra desceu para o estômago.

— Assobio e tosse, juntos! — disse Feorin encantado.

No instante seguinte, porém, acrescentou amuado:

— A pedra devia ser minha. Eu poderia levá-la a um telefone tão facilmente quanto Milka.

— Eu sou mais antiga, portanto tenho direito — decidiu Milka. — Pronto. Vamos lá.

Com passos largos e firmes, ela seguiu pelo corredor. Folha foi atrás, sabendo que logo, logo, a Habitante se daria conta de que tinha caído em uma armadilha.

Milka se dirigiu à porta do meio-dia e bateu. Como não obtivesse resposta, abriu-a e fez Folha entrar.

— É o escritório de Meio-Dia — disse Milka. — Ele deve estar lá em cima com a Sra. Sexta-Feira. Tem um telefone na mesa dele.

Folha observou atentamente a sala. A decoração lembrava muito um moderno gabinete do gerente de um hospital. Do telefone, nem sinal.

— Onde está o telefone? — ela perguntou.

— Oh, deve estar na gaveta da mesa. Espero — respondeu Milka.

Folha deixou as fronthas perto da porta, atravessou a sala depressa, sentou-se e abriu a gaveta de cima. Suas mãos tremiam quando ela viu a caixa vermelha, exatamente igual à que Artur tinha em seu quarto. Rapidamente, então, abriu a caixa e pegou o telefone antigo, de duas peças. Ao colocar o fone no ouvido, ouviu uns estalos.

— Pois não? — falou uma voz distante.

— Quero fazer uma ligação — respondeu Folha.

— E por que outra razão você estaria falando ao telefone? — provocou a voz.

— É, tem razão — concordou Folha nervosamente.

Milka e Feorin esperavam-na junto da porta. Estavam ouvindo, portanto.

— Preciso falar com o doutor Scamandros, por favor.

Ela abaixou a voz e acrescentou:

— Ele provavelmente está na Casa Inferior. Ou talvez no Grande Labirinto.

— Casa Inferior? Eles estão sem comunicação, por ordem de Sábado Superior. Não posso ligar para lá nem para outro local abaixo da Casa Intermediária.

— Mas é muito importante — pediu Folha. — Por favor!

— Quem quer falar...

A voz foi interrompida por outra, muito mais forte.

— Saia da linha, seu impostor! Aqui é a telefonista.

— Telefonista? Quem era antes, então? Ah, não importa.

O tempo precioso de Folha estava se esgotando. Ela insistiu:

— Por favor, preciso falar com o doutor Scamandros urgentemente. Ele está no... ah...

— Você é amiga de Artur? — perguntou a telefonista.

— Sou! — respondeu Folha sem pensar. — Ou... não... Depende do motivo de sua pergunta.

— Vou completar a ligação, mas pode cair a qualquer momento. Os subordinados de Sábado estão espalhados pelas linhas.

Depois de um estalo bem forte e de um zumbido que, aos ouvidos pessimistas de Folha, pareceram a queda da conexão, uma voz distante ecoou no fone.

— Alô! Alô?

— Doutor Scamandros! É Folha. Estou no Retiro da Montanha da Sra. Sexta-Feira, nos Reinos Secundários. Talvez perto das Nuvens Magelânicas ou coisa parecida. Eu preciso...

— Folha! Continue falando para que eu possa anotar a sua localização exata. Onde está meu lápis localizador?

Scamandros continuava resmungando. Folha olhou para Milka e Feorin. Milka inclinava a cabeça procurando ouvir.

— Fui encarregada de providenciar a remessa de tosses e outras doenças crônicas para os Habitantes daqui — falou Folha rapidamente. — Para a Sra. Sexta-Feira, é claro, e cerca de 50 outros Habitantes.

— Continue falando! Sexta-Feira está com a Chave dela?

— Acho que sim.

Milka se aproximava.

— Um espelho? Quanto às tosses, eles provavelmente precisarão de duas para cada um...

— Esta ligação telefônica está proibida — interrompeu a primeira voz. — Serão tomadas providências.

Nas mãos de Folha, o telefone tremeu e começou a emitir pequenas colunas de fumaça. Ela colocou o aparelho sobre a mesa, mas continuou a falar, arriscando-se a aproximar ao máximo o rosto do bocal.

— Scamandros! Acho que este é o planeta do fungo cinzento! Existe alguma relação com uma lavanderia na Terra...

O telefone ferveu, apitou e derreteu, transformando-se em uma massa disforme que cheirava a cabelo queimado.

— Hummm... — fez Milka. — Então foi tudo um truque.

— Foi mesmo — confirmou Folha desafiadora.

— Então é melhor sairmos daqui — disse Milka.

Em seguida, ela agarrou Folha e se dirigiu para a porta.

— Feorin, pegue essas fronhas. De volta para a nossa sala, rápido!

— Por quê? — perguntou Feorin. — Não é culpa nossa... Meio-Dia não vai nos acusar... Oh...

Milka já tinha saído, carregando Folha. Feorin recolheu as fronhas e foi atrás, esquecendo-se de fechar a porta. Em trinta segundos, os três se encontravam na sala de Milka e Feorin, um cômodo muito menor, malcuidado e mal-arrumado, com duas mesas de trabalho cobertas de livros, papéis e instrumentos para encadernação. Num canto, havia uma impressora de 1, 50 metro de altura, parcialmente desmontada. No chão, ao lado, alguém tinha deixado uma chave de parafuso.

— Obrigada — disse Folha quando Milka a colocou no chão. — Mas por quê...

— Calada! — mandou Milka. — Você já nos causou muitas complicações. Então me deixe pensar.

— Meio-Dia vai mesmo nos acusar? — perguntou Feorin.

— Acusar! — repetiu Milka, rindo alto. — Você já está sob vigilância! Ele vai nos mandar para o círculo zero! Quer ficar lutando contra todas as plantas que entram lá embaixo?

— O que vamos fazer? — perguntou Feorin ansioso.

— Vamos nos esconder. Sem nos ver, Meio-Dia não pode nos fazer perguntas.

— Por quanto tempo?

— Para sempre!

— Para sempre?

— Por alguns dias, pelo menos. Meio-Dia vai acabar esquecendo o assunto quando receber um novo telefone. Quanto a você...

Milka avançou furiosa contra Folha, que recuou, quase caindo sobre a pilha de fronhas que Feorin tinha jogado no chão.

— Eu não posso me esconder com vocês? — perguntou Folha.

— Não!

Ameaçadoramente, Milka levantou o punho, mas desistiu de atacar Folha.

— Definitivamente, não. Vá embora! E não diga a ninguém o que fez nem quem a ajudou!

— Está bem. Obrigada!

Folha apanhou as fronhas e se encaminhou para a saída, enquanto Feorin gentilmente mantinha a porta aberta.

— Obrigada! — resmungou Milka. — Você é um problema maior que o Feorin!

A porta bateu e Folha se viu sozinha no corredor. Mas não se sentia mais tão só. O doutor Scamandros sabia da situação, ainda que não tivesse sua localização exata. Isso queria dizer que Artur em breve também saberia e logo que possível providenciaria o resgate. Tudo o que tinha a fazer era achar tia Manga e, aproveitando a ideia de Milka, esconder-se com ela até que as forças de salvamento chegassem.

Com um sorriso, Folha foi andando distraída e deu um encontrão em um Habitante muito alto e bem vestido, de cabelos louros claros, e que usava um monóculo reluzente sobre um de seus penetrantes olhos azuis. Folha o reconheceu imediatamente, embora o tivesse visto sem monóculo; era um dos Habitantes que iam à frente da Sra. Sexta-Feira naquela marcha pelo hospital.

O Habitante, que só podia ser Meio-Dia de Sexta-Feira, disse:

— O uso não autorizado do meu telefone está explicado. Srta. Folha, não é?

Folha fez que sim.

— Você tem sorte, pois a chefe ordenou que fosse mantida em condições razoavelmente boas, para possível aproveitamento no futuro — falou Meio-Dia devagar. — Assim, se me disser para quem telefonou, seu castigo será mais leve.

— Eu... Eu não consegui a ligação — disse Folha. — Um dos Habitantes de Sábado tomou o lugar da telefonista.

— Faz sentido — comentou Meio-Dia. — Se não for verdade, é uma mentira conveniente. Agora, nada de encrencas até ser solicitada, certo?

Folha não respondeu. Levantou um pouco o queixo e tentou encarar Meio-Dia, porém o reflexo do monóculo a ofuscava e ela precisou fechar um pouco os olhos.

— Um dos seus poetas mortais expressou um conceito muito bem — continuou Meio-Dia. — Foi ele quem sugeriu a ideia para a chefe. Dormir... sonhar, talvez? Creio que é hora de você dormir, senhorita.

Folha jogou as fronthas em cima de Meio-Dia de Sexta-Feira e correu. Depois de uma dúzia de passos, se tanto, sentiu uma forte lufada de ar e foi jogada ao chão. Meio-Dia estava sobre ela com suas asas amarelas abertas tomando o corredor de lado a lado.

Folha começou a rastejar, afastando-se, mas Meio-Dia de Sexta-Feira não tentou impedir. Ele tirou do bolso um pequeno cone de prata e o colocou na boca, para usar como megafone.

— Durma, senhorita Folha.

A voz de Meio-Dia se transformou na voz da Sra. Sexta-Feira, soando mais forte do que nunca. Folha estava muito cansada, muito cansada, depois de passar por tanta coisa... Tinha feito o máximo que podia...

Ela parou de rastejar e se deixou ficar quieta. Meio-Dia de Sexta-Feira guardou o cone de prata no bolso do casaco e se dirigiu a uns Habitantes que se mantinham discretamente atrás dele.

— Levem a garota para o virador de gente. Avisem que ela deve ser muito bem cuidada. A chefe pode precisar dela no futuro.





Capítulo 16

Nove Indolentes Inteligentes mergulharam sobre a jangada com suas asas escurecidas. Cada um levava na mão direita uma espada curva de aço azul e, na esquerda, um longo estilete de cristal. Descartáveis, os estiletos eram armas perigosas, que duravam poucas horas apenas, a partir do momento da fabricação, porque o Nada contido em seu núcleo logo corroía o cristal e escapava do confinamento forçado pela magia, sendo capaz de matar até mesmo um Habitante.

O líder do bando nem chegou ao deque, pois seu voo foi interrompido pela lança de Ugham, arremessada vigorosa mente. Os outros oito, porém, desceram em formação e avançaram sobre Fresca do Anoitecer, Artur, Suzy, Fred e Ugham. Pirkin e os demais Empurradores de Papel desapareceram, embora estivessem ali pouco antes.

— Vão embora! Imediatamente! — ordenou Artur.

Ele ergueu a Chave, mas não invocou seus poderes. Por isso, foi ignorado pelos Indolentes Inteligentes, que continuaram a avançar em passos ritmados, com seus sorrisos inexpressivos. O bando era absolutamente uniforme: sapatos de couro lustroso, calças quadriculadas, boinas inclinadas no mesmo ângulo e aventais rústicos azul-claros desabotoados cuidadosamente por igual, para dar ideia de negligência.

— É agora — sussurrou Ugham.

Os Indolentes atacaram, e o local virou uma confusão de movimentos. Para o grupo de Artur, o desafio era atingir os Indolentes sem se deixar tocar pelos estiletos com núcleo de Nada. Tudo acontecia tão depressa que Artur teve a impressão de ver seu corpo reagir quase inconscientemente. Era como se os músculos respondessem em consequência do treinamento, dos reflexos e do medo.

Então, a luta acabou tão repentinamente quanto havia começado. Em volta de Artur, quatro Indolentes mortos guardavam no rosto a surpresa de terem sido exterminados com tanta facilidade, por simples toques de espada. Mal sabiam eles que aquela espada era a Quarta Chave. Os outros quatro foram recuando até ficarem longe o suficiente para girar e levantar voo rumo à escuridão da noite.

Depois de verificar que não tinha um só arranhão, Artur se voltou rapidamente para ver se os outros também estavam sãos e salvos. Ao vê-los a vários metros de distância, porém, percebeu que, com toda a certeza, havia enfrentado sozinho os inimigos.

— Alguém ferido? — perguntou, aproximando-se.

Sem responder, todos recuaram alguns passos, para aumentar a distância dos Indolentes Inteligentes mortos. Artur permaneceu de costas para os corpos. Não queria contemplar sua obra.

— Essas armas parecem terríveis.

— Lâminas envenenadas — explicou Ugham. — Mas eu não fui ferido. O senhor segurou o ataque, lorde Artur.

— Nunca cheguei perto de uma delas — comentou Fred.

— Nem eu — com um arrepio, Suzy fez coro. — Melhor assim.

— E você, Fresca do Anoitecer? — perguntou Artur. — Algum ferimento novo?

A Serva Alada da Noite, que ainda se apoiava em uma perna só, passou por meio de sinais uma mensagem para Fred.

— Ela disse que não. Ah, ela quer saber quem é você, Artur. Parece que cheiro bom não é tudo.

— Sou Artur, o Herdeiro Legítimo da Arquiteta.

— Mestre da Casa Inferior, Senhor das Regiões Afastadas — acrescentou Suzy.

— Duque do Mar Fronteiriço e Comandante em Chefe do Exército da Arquiteta — completou Fred.

Artur fez uma careta. A galeria de títulos ainda o incomodava.

Fresca do Anoitecer inclinou ligeiramente a cabeça, porém não respondeu.

— Esta é Suzy Azul Turquesa, Nove Horas de Segunda-Feira — apresentou Artur. — Estes são o Tenente Fred Números Iniciais de Ouro e Banneret Ugham, um dos Novicas do Tocador de Gaita. Estamos temporariamente aliados a Banneret Ugham.

Levantando a mão, Fred soltou uma exclamação.

— Artur! Sério? Eu, Tenente Ouro?

— Sim — respondeu Artur. — Faria de você um general, mas imagino que possa achar mais fácil começar como oficial de uma patente um pouco mais baixa.

— Pode me nomear general se tiver vontade, Artur — sugeriu Suzy. — Quero dizer, Nove Horas de Segunda-Feira já é muito bom, mas acho que um general não deve receber muitas tarefas desagradáveis...

— Vou pensar — interrompeu Artur. — Não tenho certeza se você daria um general muito responsável. De qualquer jeito, o mais importante é sermos amigos. Pelo menos, assim espero...

Fresca do Anoitecer olhou para cima e fez um rápido sinal.

— O que é? Mais Indolentes? — perguntou Artur já de espada em punho.

— Não — corrigiu Fred. — Servos Alados da Noite. Uh, espero que saibam que estamos do lado deles.

Artur abaixou depressa a espada, Ugham deixou no chão a lança que segurava e Suzy enfiou a faca no cinto. Dos Empurradores de Papel nem sinal, e, pela primeira vez, Artur se perguntou onde estariam.

A pergunta foi esquecida, porém, quando 20 ou mais Servos Alados da Noite iniciaram a descida, ficando visíveis apenas ao passar pela nesga de sol que a balsa estava quase acabando de percorrer. Artur já estava acostumado à velocidade, à inclinação do deque e ao sol fraco, mas a embarcação logo estaria no escuro novamente, embora faltassem muitas horas de viagem e de subida.

— Diga a eles que somos amigos, por favor — pediu Artur a Fresca do Anoitecer.

Ela fez que sim e levantou os braços para que a mensagem fosse vista mais claramente.

— O que ela disse? — Suzy perguntou a Fred em voz baixa.

Ele abanou a cabeça e sussurrou:

— Não faço ideia. Sei que eles têm sinais grandes e pequenos. Eu nunca aprendi os grandes, que são feitos somente com os braços.

A maioria dos Servos Alados formou um círculo acima da embarcação, movimentando-se com ela, mas três desceram ao deque. Pulando em um pé só, Fresca do Anoitecer foi encontrar os companheiros. A conversa durou vários minutos, em sinais muito rápidos.

— Depressa demais para mim — disse Fred. — Consigo entender poucas palavras. Ela está dizendo a eles quem é você, Artur.

— Isso pode ser um problema.

Artur mantinha os olhos fixos nos Servos que acompanhavam do alto a embarcação, para o caso de eles resolverem mergulhar de repente.

— Se forem fiéis a Sexta-Feira, vão ter que nos atacar. Fiquem preparados. Onde se meteram aqueles Empurradores de Papel? Pirkin estava bem ao meu lado...

— Estou aqui — disse uma voz abafada que parecia vir de um lugar perto dos pés de Artur.

Ele olhou para baixo. Por um momento, nada viu, além dos habituais fardos de registros em papiro. Então, percebeu que Pirkin espiava por uma abertura estreita.

— Como... Como você chegou aí? — perguntou Artur.

A abertura entre os fardos tinha apenas um palmo.

— Pode-se empurrar os fardos — explicou Pirkin. — Basta saber. A estrutura tem uma porção de aberturas e espaços. Claro que somente os membros da Associação têm permissão para mexer na...

— Entendi — falou Artur.

Sentia-se aliviado por descobrir que Pirkin não tinha morrido nem caído da balsa.

— Vou continuar aqui! — continuou Pirkin. — Vamos ter que mudar de corrente mesmo. Deve ser daqui a...

— Aí vêm eles — avisou Fred.

Artur olhou rapidamente para cima, mas os Servos permaneciam na mesma posição, no alto. Os três que haviam conversado com Fresca do Anoitecer se aproximavam, com as mãos erguidas e espalmadas, para mostrar que não seguravam armas ou nada mais perigoso do que as garras de suas luvas. Fresca do Anoitecer não se mexeu.

— Olá — disse Artur quando os Servos pararam a poucos passos de distância, fazendo uma breve reverência. — Fred conhece alguns dos seus sinais...

Os três Servos recém-chegados imediatamente sinalizaram para Fred.

— Humrn, quer dizer... Vamos ver... Surpreendentemente Bom Voador com Asas de Penas Viradas, Feroz Matador da Madrugada e Sobrevivente das Trevas. Ah, Sobrevivente das Trevas ocupa o mais alto posto em precedência na Casa; ela se reporta diretamente a Crepúsculo de Sexta-Feira.

Um pouco mais alta do que os outros dois, Sobrevivente das Trevas ocupava o lugar do meio. Artur notou também que as garras das luvas dela eram diferentes, esbranquiçadas, como se esculpidas em pedras lunares, enquanto as dos outros pareciam feitas de uma substância metálica e escura.

— Ela agradece por terem ajudado Fresca do Anoitecer — traduziu Fred.
— Não há de quê — respondeu Artur. — Todo inimigo de Sábado Superior é amigo nosso.

— Os Servos Alados da Noite cumprem seu dever — continuou Fred. — Patrulhar a Casa Intermediária à noite e matar Nadicas e... humm, acho que é isso... viajantes não autorizados, estraçalhando-os com suas garras e queimando-os com o fogo de suas armas.

— Diga a eles que somos autorizados, Artur — pediu Suzy.

Sobrevivente das Trevas voltou para ela sua face mascarada e fez uma série de rápidos sinais.

— Uh-oh — fez Fred. — Você não é autorizada. Ah, está tudo bem. Ela diz que normalmente seríamos mortos ou levados à presença de Crepúsculo para julgamento. Mas Crepúsculo foi embora e a Sra. Sexta-Feira também. Aurora, que diz falar por eles, não é dona deles. Você é lorde Artur, mestre de muitas coisas na Casa e, portanto, um visitante ilustre. Melhor ainda, lutou por eles. Os Servos Alados da Noite não fariam mal a você ou a seus subordinados...

— Espere aí — protestou Suzy. — A quem você está chamando de...

— Suzy! — repreendeu Artur — Deixe Fred terminar.

— Eles se sentem em dívida e vão ajudar no que puderem.

Artur dirigiu um olhar furioso a Suzy, que estava prestes a abrir a boca novamente. Em seguida, fez uma reverência para Sobrevivente das Trevas. Isso lhe deu tempo para pensar.

— Muito obrigado — afinal falou lentamente. — Creio que vocês podem nos ajudar... me ajudar... se conseguirem transportar a mim e aos meus companheiros até a Plataforma Superior. Preciso encontrar um feiticeiro lá, o mais depressa possível.

Sobrevivente das Trevas, com expressão hesitante, inclinou a cabeça mascarada e fez sinais para Fred.

— Ela diz que eles podem voar e nos levar até lá. Mas que a Alta Corporação não é confiável. Além disso, Crepúsculo de Sexta-Feira e seus Jovens Dourados estão acampados ao lado da Junta de Encadernação, e ela ignora quais são os planos dele e até onde vai sua lealdade.

— Vamos ter que arriscar — disse Artur. — Vai demorar muito para chegarmos até lá de balsa.

— São necessários quatro deles para carregar cada um de nós — traduziu Fred depois de uma enxurrada de sinais. — Ela quer saber quantos vão.

— Nós três — disse Artur, olhando de relance para Ugham. — Sinto muito, Ugham, mas é possível que o Tocador de Gaita esteja mais adiantado do que nós...

— Minha missão é escoltar a senhorita Suzy e o Tenente Fred — resmungou Ugham. — Para isso, preciso estar ao lado deles.

— Mas se encontrarmos o Tocador de Gaita e ele mandar que você nos ataque... — argumentou Artur.

— O que pode alguém, mesmo um guerreiro como eu, fazer contra o poderoso Artur e sua espada? — perguntou Ugham. — Acho que pouco tem a temer, lorde Artur.

— Deixe-o ir — pediu Suzy. — No fundo, ele não passa de um boboca.

— Não fica bem zombar de mim, senhorita Suzy — reclamou Ugham.

Em dúvida, Artur olhou para Fred.

— Acho que ele mais ajuda do que atrapalha — opinou Fred. — E agora que Suzy e eu não somos mais obrigados a obedecer, as probabilidades são bem melhores.

— Vocês ainda respondem à gaita do Tocador de Gaita — lembrou Artur.

Inconscientemente, ele mordeu várias vezes o lábio inferior antes de continuar:

— Ah, está bem. Ugham vai. Então, somos quatro.

Sobrevivente das Trevas fez que sim e sinalizou com os braços, chamando os Servos que se mantinham no alto. Os dois primeiros desceram perto de Fresca do Anoitecer e um deles sacou um par de asas que serviriam em uma boneca, pois não tinham mais de 15 centímetros de comprimento. Depois de sacudidas, porém, as asas cresceram e em alguns segundos os Servos ajudavam Fresca do Anoitecer a substituir as velhas pelas novas.

— Ei! — chamou Suzy. — Se eles têm asas extras, podiam nos dar algumas. É melhor do que sermos carregados.

Sobrevivente das Trevas sinalizou energicamente.

— Ah, isto é “não”! — disse Fred. — Suponho que não tenham asas em número suficiente.

— Ou não nos querem voando por aí — sugeriu Artur. — Não importa. O importante é chegarmos à Plataforma Superior mais rápido do que nesta balsa.

— Antes ela era boa o bastante para vocês! — protestou uma voz vinda de baixo.

Os Servos saltaram imediatamente, batendo as asas e levando as mãos às armas.

— Primeiro foi “Por favor, precisamos de uma carona, mesmo sendo contra as regras” — continuou Pirkin. — Agora é “Sua balsa é muito lenta”. Na próxima sessão da Associação, vamos lavrar uma moção de protesto, isso eu garanto!

— Nós somos muito gratos, Pirkin — disse Artur. — Pelas roupas, pela água quente, pela carona na balsa. Tudo. Vou providenciar pessoalmente para que você e sua tripulação sejam condecorados se... quando... eu assumir a Casa Intermediária.

— Estas roupas são propriedade da Associ... — começou a falar Pirkin. — Condecorados? Como, com diploma e tudo?

— Um grande diploma emoldurado — prometeu Artur. — Com todos os meus selos, válida em todos os domínios da Casa Inferior para cima.

— Bem, isso é maravilhoso — comentou Pirkin. — E, se a Nobre e Excelsa Associação de Impulsores de Vias Navegáveis ainda puder ser-lhe de alguma ajuda, sabe onde nos encontrar. No canal!

O braço magrinho de Pirkin apareceu entre as plantas aquáticas. O Habitante recebeu rapidamente o aperto de mão de Artur e logo fechou a abertura. Embora encantado com a possível condecoração, Pirkin não se arriscaria a sair.

— Precisamos ir, Artur — avisou Fred. — Os Servos tomaram a Porta do Céu lá em cima, mas há sempre o risco de um contra-ataque. E eles têm que voltar ao refúgio antes da alvorada.

— Onde fica isso? — perguntou Artur.

Ao mesmo tempo, todos os Servos assobiaram, fazendo sinal de “não”. Em seguida, Sobrevivente das Trevas sinalizou mais alguma coisa e os três levantaram voo. Outros Servos se juntaram a eles, voando a cerca de 3 metros de altura sobre as cabeças de Artur e seus companheiros.

— É segredo — explicou Fred. — De todo modo, é na parte alta. Oh, eles avisaram para ficarmos de barriga para baixo, mantendo as pernas e os braços dobrados para cima. Desse jeito fica mais fácil para nos pegarem.

— Ou nos matarem — resmungou Suzy bem baixinho. — Não que eu ache que eles vão fazer isso.

— Acredito que podemos confiar neles — sussurrou Artur em resposta.

Dizendo isso, ele verificou se a Quarta Chave estava bastante segura em seu cinto e se o cristal com a partícula de folha de ouro da Arquiteta continuava bem guardada no bolso. Então continuou:

— Eles poderiam ter nos atacado assim que chegaram. E Fred queria ser um deles. Logo, não podem ser totalmente maus.

— Eu já quis ser um Nadica com três cabeças. Portanto, isso não é nenhuma garantia — murmurou Suzy enquanto se deitava, levantando braços e pernas. — E o que é pior: depois de uma lavagem entre as orelhas, achei que seria possível.

Artur sorriu, porém o sorriso desapareceu diante da visão dos quatro Indolentes Inteligentes mortos. Apesar de serem Habitantes e, pior, inimigos, ele se sentia mal por ter feito aquilo com as próprias mãos.

“Toda esta guerra é desnecessária!”, pensou Artur enquanto se ajeitava na posição recomendada. “Acho que quanto mais cedo eu pegar a Quinta Chave, melhor. Assim poderei tentar acabar com tudo isso. Não que eu tenha conseguido eliminar a luta com os Novicas do Tocador de Gaita, no Grande Labirinto. Só espero que os Curadores desistam e devolvam as Chaves, como deveriam ter feito desde o começo. Então vou poder...”

Os pensamentos de Artur foram interrompidos por uma lufada de ar causada pelo bater de asas. Quatro pares de mãos dos Servos, com as garras recolhidas, pegaram cuidadosamente seus pulsos e tornozelos. Então, ele sentiu um puxão mais forte e estava no ar.

Artur não queria voltar à linha de pensamento interrompida, em parte por estar incomodado, sem saber aonde ia. Mas não conseguiu evitar.

“O que vou fazer se, de alguma forma, conseguir derrotar os últimos três Dias Seguintes e pegar todas as Chaves? Se ao menos puder chegar em casa... manter a família segura... continuar humano...”





Capítulo 17

— Se não aterrissarmos logo, meus braços e minhas pernas vão sair do lugar e meu corpo vai cair como uma fruta madura! — gritou Suzy para se fazer ouvir.

— Não pode faltar muito! — gritou Artur em resposta.

Na verdade, ele não tinha a mínima ideia do quanto iria demorar. Seus ombros e quadris também doíam terrivelmente, mas se queixar de nada adiantaria.

Depois de sair da balsa, haviam passado bem depressa pela primeira Porta do Céu, onde ocorreu um breve enfrentamento de 20 ou 30 Indolentes Inteligentes com um número impreciso de Servos Alados, que só eram vistos à luz dos lança-chamas ou nos combates corpo a corpo com inimigos mais iluminados.

No Meio do Meio, a temperatura se tornou mais amena, o que foi um alívio para Artur. Não era nada agradável se sentir congelar ou ter a impressão de que pernas e braços seriam arrancados das articulações a qualquer momento.

A passagem pelo Meio do Meio foi rápida. Os Servos subiam a uma velocidade constante, mediana, e eles cruzaram a segunda Porta do Céu apenas uma hora depois da primeira. Dessa vez, a passagem não foi marcada por hostilidades e Artur certamente não a teria notado, não fosse o grito de Suzy quando viu o buraco no céu.

Ainda mais quente, a Plataforma Superior era quase tropical. Normalmente, Artur teria achado a temperatura desagradável, mas depois de tanto frio qualquer calor era bem-vindo. No entanto, levando em consideração que ainda estavam no meio da noite, ele imaginou que o dia poderia ser quentíssimo, dependendo do sol ou dos sóis.

— Tomara que chegue logo! — gritou Suzy mais uma vez. — Está vendo alguma coisa lá embaixo?

Assim que ultrapassaram a segunda Porta do Céu, os Servos reduziram a altura, o que levou os “passageiros” a imaginar que o destino estivesse próximo.

— Estou vendo fogueiras de acampamento — falou Ugham em voz alta.

Artur não podia enxergar o Novica nem os Servos que o carregavam, porém o som vinha de bem perto. Esticando o pescoço, ele tentou identificar

as fogueiras. Até então, tinha visto apenas algumas estrelas que observou atentamente para verificar se saíam do lugar, mas isso não aconteceu.

— Eu também! — gritou Fred. — Acho que é Aurora de Sexta-Feira com os Jovens Dourados!

Artur se voltou para onde achou que Fred estava apontando e percebeu lá embaixo sinais de muitas e pequeninas luzes vermelho-laranja, mais ou menos 1,5 quilômetro à frente.

— Para que eles querem fogueiras? — indagou Artur. — Aqui é bastante quente e eles não precisam comer!

— Tradição! — sugeriu Suzy. — Ou chá, talvez. Afinal de contas, o que é um acampamento sem fogo? Ei, há outras luzes!

Artur forçou a vista. Adiante, acima das fogueiras em forma decrescente, havia pontos esbranquiçados.

— Deve ser a Junta de Encadernação — avisou Fred. — O escritório central da Alta Corporação.

Um minuto depois, os Servos começaram a descer, confirmando assim a suposição de Fred. A pouca altura, cerca de 15 metros, permitia uma boa visão das fogueiras e dos muitos Habitantes sentados ou em pé em torno delas. Estranhamente, nenhum alarme foi acionado e ninguém pareceu notar a chegada dos forasteiros.

“Talvez não tenham olhado para cima”, pensou Artur. “Provavelmente sabem que os Servos Alados controlam o céu à noite...”

A silhueta pouco nítida da Junta de Encadernação se desenhava à frente. Pelo que se podia perceber, tratava-se de uma fortaleza com torres nos quatro cantos e uma grande torre central, onde talvez ficasse a prisão. Os Servos se dirigiram para lá e, realmente, antes que Artur e seus companheiros pudessem se preparar, foram largados nas muralhas da imensa torre quadrada.

— Obrigado — resmungou Artur.

Ele tentou ficar de pé, mas as dores nos músculos e na articulação dos braços e das pernas dificultavam a tarefa.

Os Servos fizeram uma reverência e um deles, que talvez fosse Sobrevivente das Trevas, rapidamente sinalizou para Fred. Depois, todos se foram. Artur notou que a leste o céu noturno começava a se tingir com os primeiros raios de um sol nascente.

— Eles estão apressados — comentou Fred. — Já vai clarear.

Artur fez que sim e se espreguiçou, reprimindo um grito de dor.

Sem a menor cerimônia, Suzy gritou à vontade enquanto massageava os ombros.

Artur olhou em volta para ver se o barulho tinha atraído alguma atenção indesejada. Pelo que pôde observar, as muralhas estavam desertas. Em um canto, uma lâmpada fraca iluminava o acesso a uma escada. Ugham já estava lá, espiando degraus abaixo.

— Acho que é melhor acharmos um representante da Alta Corporação de... O que vem depois? Encadernação e alguma coisa a mais?

— Restauro — completou Fred. — Lembre que eles têm fama de traiçoeiros.

— Só preciso que eles me arranjem um feiticeiro para fazer um encantamento — explicou Artur. — Não vamos demorar.

— O que você quer que o feiticeiro faça? — perguntou Suzy enquanto o grupo começava a descer os degraus.

Ugham ia na liderança seguido de perto por Artur. Sem chama visível, a iluminação vinha de velas, ou coisas parecidas, presas em castiçais de ferro de tantos em tantos metros. Um tapete surrado e sujo, que cobria os degraus de pedra tornando a descida escorregadia, obrigou Artur a se concentrar nas passadas antes de responder.

— Quero que transforme uma partícula da folha de ouro da Arquiteta em uma bússola — ele disse finalmente. — Para apontar outros pedacinhos da mesma folha, que foi usada no Testamento. Tudo indica que um pedaço separado do todo continua magicamente parte dele. O doutor Scamandros me ensinou isso.

— Então ela nos levaria ao Testamento? — perguntou Fred.

— Assim espero.

— Mas você pode fazer isso com a Chave — argumentou Suzy. — Não precisa de um...

Ela parou de falar de repente. Artur nem precisou se virar para saber que Fred tinha dado uma cotovelada na altura do estômago da garota.

— Se eles não conseguirem, vou usar a Chave — falou Artur calmamente. — Mas só se eles não conseguirem.

— Vem vindo alguém! — avisou Ugham.

Ele se espremeu contra a parede e levantou a lança. Um Habitante que subia correndo quase se espetou na ponta da arma. Com mais de 1,80 metro de altura, era bonito, a não ser pelo nariz estranhamente curto e chato na cara

achatada. Provavelmente se tratava de alguém importante. Essa impressão foi reforçada pelo manto de veludo preto no qual havia o bordado de uma cena onde se viam Habitantes trabalhando em uma enorme prensa dez vezes mais alta do que eles. De tão delicado, o trabalho parecia impresso no tecido. A criatura usava ainda um chapéu duro, de papel, semelhante à mitra de um bispo, só que formando um triângulo em que os dois lados mais longos estavam marcados como uma régua, com cinco divisões assinaladas por estranhos numerais.

— Ugham — chamou Artur com um gesto.

O Novica abaixou a lança.

Com uma reverência dupla e retorcendo as mãos manchadas de tinta, o Habitante falou:

— Peço que me desculpem. Acertei ao presumir que estou diante de lorde Artur, o Herdeiro Legítimo da Arquiteta?

— Sim, eu sou Artur.

— A Alta Corporação lhe dá as boas-vindas à Junta de Encadernação, lorde Artur.

O Habitante fez outra reverência, mais exagerada, abaixando-se tanto que quase arranhou o nariz chato no degrau acima daquele onde estava.

— Sou Jakem, Mestre Encadernador, Primeiro Mestre Impressor, milésimo em precedência na Casa, e na ausência de Meio-Dia da Sra. Sexta-Feira exerço o comando da Alta Corporação de Encadernação e Restauro. Peço perdão por não estar à sua espera quando pousou lá em cima, mas só agora soubemos da sua chegada...

— Quem contou? — perguntou Suzy.

Jakem ignorou a interrupção e continuou:

— De qualquer modo, evidentemente, desejamos fazer todo o possível para tornar sua visita agradável. Talvez o senhor gostasse de percorrer as instalações. Ou quer começar com uma xícara de chá em nosso... pelo menos assim o considero... encantador salão de chá executivo?

— Uma xícara de chá seria ótimo — disse Artur. — Mas não tenho tempo a perder. Portanto, seria ainda melhor se providenciasse, ao mesmo tempo, o seu mais eficiente feiticeiro.

— Chá e um feiticeiro, rá-rá! — exclamou Jakem, rindo.

Ninguém riu e o Habitante começou a retorcer as mãos com mais força.

— Brincadeirinha. Naturalmente, o mais capacitado em artes da magia sou eu mesmo, embora deva confessar que apenas no campo relativamente restrito do nosso trabalho. Mas, por gentileza, sigam-me até o salão de chá executivo, e diga-me, por favor, lorde Artur, o que deseja exatamente.

Jakem tomou a frente, enquanto Artur explicava o que queria. Seguiram por um corredor com paredes de pedra onde se viam tapeçarias que retratavam Habitantes trabalhando na costura, colagem e encadernação de livros, bem como no entalhe de blocos de pedra e molde de tipos em metal fundido, presumivelmente chumbo.

— Isso não é problema, lorde Artur — disse Jakem. — Unir objetos que já estiveram juntos é uma simples questão de reencadernação que está na nossa alçada.

Ele abriu uma porta e tomou outro corredor, forrado de lençóis brancos, como os pintores costumam usar para cobrir telas. A passagem levava a um aposento cujas paredes estavam também protegidas por lençóis, alguns manchados de tinta. Independentemente dos panos, o salão parecia muito confortável, com meia dúzia de poltronas refinadamente estofadas em um material cor de ameixa, com figuras bordadas em fios de ouro. Almofadas em todas as cores do arco-íris se encontravam espalhadas sobre as poltronas e no meio havia uma mesa esculpida em um bloco de pedra salpicada de ouro, tendo sobre ela uma bandeja de prata e um aparelho de chá.

— As reformas ainda não terminaram! — disse Jakem irritado. — Eu realmente peço desculpas, lorde Artur. O senhor gostaria que seu chá fosse servido na Sala de Reuniões Inferior?

— Aqui está muito bem — respondeu Artur. — Desde que você arranje o feitiço sobre a folha de ouro imediatamente.

— Claro, claro. Por favor, sentem-se. Posso servir?

Artur e os demais se sentaram, à exceção de Ugham, que ficou de pé entre as poltronas de Suzy e Fred. Jakem estalou os dedos e o bule de chá saltou, soltando fumaça. Ele então serviu todas as xícaras que estavam delicadamente equilibradas sobre os pires; depois, distribuiu-as, ficando com uma, e se sentou na poltrona mais próxima da entrada do corredor.

— Esta é uma mistura especial importada dos Reinos Secundários. Não é feita nas Regiões Inferiores — explicou Jakem.

E, inspirando a fumaça que saía de sua xícara, continuou:

— Ah, delicioso... Mas compreendo a sua impaciência, lorde Artur.

Ele pousou a xícara e o pires no braço da poltrona e se levantou, dizendo:
— Vou buscar as poucas ferramentas de que preciso.

Jakem recuou rapidamente para o corredor. Ao chegar lá, gritou três palavras em um idioma desconhecido, cuja vibração Artur sentiu no peito. Palavras de magia e de poder.

Com o grito, os lençóis brancos se recolheram, revelando paredes a cerca de 6 a 9 metros de distância. O verdadeiro teto também se revelou: uma enorme placa de bronze esverdeado que era, na realidade, a cobertura de uma prensa gigantesca. Artur e seus companheiros estavam sentados bem em cima da placa inferior.

— Capturados! — gritou Jakem, esfregando as mãos de novo, dessa vez de pura alegria.

— O que você está falando? — perguntou Artur impaciente. — Nós simplesmente vamos sair daqui.

Ele via, quase dez metros acima, dez Habitantes prontos para acionar a alavanca, dispostos em uma galeria circular parecida com uma varanda interna. Além disso, Artur sabia da existência de um parafuso gigante acima da placa e que, empurrando a alavanca no sentido horário ou anti-horário, os Habitantes podiam abrir ou fechar a prensa. Mas não seria um processo rápido.

— Não da prensa pessoal da Arquiteta, feita para encadernações muito difíceis! — gritou Jakem. — Ainda mais estando sob efeito do chá da coruja, por medida de segurança!

Artur franziu a testa e apalpou a Chave ao lado do corpo.

— Nem com a ajuda da Chave! — riu Jakem. — Se abaixarmos a prensa bem devagar, ela não reagirá, pois não vai perceber a ameaça! Tivemos uma assessoria especial sobre isso!

Artur franziu a testa novamente. Sentia mesmo o braço estranhamente pesado e era verdade o que Jakem havia dito, pois a Chave se mantinha imóvel, sem pular na mão dele ou tomar a forma de espada.

— Comecem a descer a prensa! — ordenou Jakem. — Meia velocidade!





Capítulo 18

— Bem que me disseram que a Alta Corporação era traiçoeira — começou Artur.

Para se sentar ereto na poltrona, ele precisou fazer um esforço considerável. Tinha a impressão de carregar um saco de cimento amarrado no peito e outro nas costas.

— Somos apenas práticos — corrigiu Jakem.

— Sabendo disso — completou Artur —, não bebi o chá.

Com um suspiro, ele se levantou. Jakem também se levantou, suspirando.

— E aposto que meus amigos também não beberam — acrescentou Artur.

Não houve resposta. Para poupar forças, ele não olhou em volta. Na verdade, mesmo sem ter bebido o chá, os outros provavelmente estavam paralisados pelos poderes da prensa.

— Você não pode ficar em pé! — protestou Jakem. — A prensa foi feita pela Arquiteta! Jamais falhou na prisão de rebeldes!

— Isto também foi feito pela Arquiteta — disse Artur, dando um passo à frente, com a Chave na mão.

Ele desejou que a Chave tomasse a forma de espada. Por um momento, pensou que não iria funcionar, mas o bastão vagarosamente se alongou, brilhando fracamente e se transformando em uma fina lâmina de prata, cuja bela base se adaptou ao seu punho.

— Pare a prensa! — ordenou Artur enquanto dava mais um passo.

Andar fazia doerem os músculos das pernas, das costas e dos braços, que pareciam torcidos pelos dedos de um massagista sádico. Mas não era a primeira vez que ele fazia um grande esforço para caminhar. Isso já tinha acontecido quando precisou de muita determinação para vencer a falta de ar. Naquele momento, sentia apenas dor.

— Mas você não pode! — insistiu Jakem. — Você simplesmente não pode sair!

Artur não respondeu. Arfando por causa do esforço, deu mais um passo. Os braços e as pernas tremiam, mas ele aguentou. Só mais quatro passos e estaria fora da placa de base, suficientemente perto de Jakem para lhe aplicar um golpe, caso o Habitante não fugisse.

— Talvez tenhamos sido um pouco precipitados — Jakem começou a se justificar.

Mais três passos.

— Nós recebemos ordens, entende? — continuou o Habitante. — Temos que obedecer.

Artur trincou os dentes. Só faltavam mais dois passos, porém não conseguia levantar o pé. Era difícil demais. Então, deslizou o pé direito para a frente e soltou o que lhe pareceu um gemido de dor, mas que Jakem interpretou como um rugido de ódio.

— Parem a prensa! — gritou Jakem. — Lorde Artur, pedimos humildes desculpas!

Artur escorregou o pé esquerdo para fora da placa de base da prensa. Imediatamente se sentiu livre do peso que o oprimia. Tudo aconteceu tão de repente que ele se desequilibrou e deixou a espada lhe fugir da mão, em direção ao rosto de Jakem. Artur só teve tempo de torcer o pulso para desviar a lâmina que passou a uns cinco centímetros da testa do Habitante e fez um furo no chapéu dele.

Artur recuperou o equilíbrio, trazendo de volta à posição de guarda a espada, onde estava preso o chapéu de Jakem. Enquanto se livrava do chapéu, ele olhou por cima do ombro. Suzy corria em sua direção de faca em punho. Ugham acabava de saltar da prensa e, com a lança a postos, vigiava os Habitantes na galeria sinuosa. Somente Fred continuava sentado, imóvel, de olhos abertos.

“Talvez ele esteja morto”, pensou Artur subitamente assustado. “Ele confiou o suficiente para beber...”

Ele cutucou a cabeça de Jakem com a espada, ordenando:

— Levante-se! Providencie alguém para dar a Fred um antídoto que anule seja lá o que tenham posto no chá.

Jakem se levantou com dificuldade, já com as mãos postas em súplica.

— Não existe antídoto...

Artur bufou de raiva e puxou a mão do Habitante para trás, pronto para espetá-lo com a espada.

— Mas é só um sonífero! — argumentou Jakem. — Só um remedinho para dormir! Seu amigo vai acordar em uma hora!

— Garoto ingênuo — comentou Suzy. — Devia ter aprendido que nunca se bebe um chá transparente.

— O quê? — perguntou Artur.

Ele tinha as mãos trêmulas, não de cansaço, mas de raiva. Por um instante, sentiu vontade de matar Jakem e teve a impressão de que faria isso mesmo, caso Fred morresse ou ficasse ferido.

— Chá — continuou Suzy. — Tem que ser grosso e escuro ou não presta.

Artur balançou a cabeça. Percebeu novamente que estava muito cansado. Depois do cerco à Cidadela, havia tirado um bom sono, mas já se tinham passado, no mínimo, vinte horas.

“Sem tempo para dormir”, pensou ele, dando uma olhada em Fred. Depois de examinar Fred, Ugham fez um gesto com a mão, indicando que seu peito subia e descia. O garoto estava respirando.

“O sono fica para depois... Depois de quê? Não pense nisso... Pense no que precisa ser feito...”

— Certo — recuperou-se Artur. — Jakem, arranje dois Habitantes para trazerem Fred e a poltrona para fora da prensa. Podem deixá-lo ali. Você estava falando a verdade sobre o encantamento da folha de ouro?

— Estava, lorde Artur! — assegurou Jakem. — Digby, Hurrent, tirem o senhor Fred da prensa. Agora, depressa, seus patetas!

— Você precisa de alguma coisa para fazer o encantamento?

— Não, é coisa simples. Posso segurar a folha de ouro?

Artur enfiou a mão no bolso e tirou de dentro o prisma de cristal com a partícula de ouro, que entregou a Jakem, avisando:

— Faça exatamente o que eu disse. Preciso disso para encontrar a Quinta Parte do Testamento.

— Sim, senhor, entendi. Deve funcionar como o senhor deseja, o pedacinho chamando a parte maior, usada na criação do Testamento.

— Mas não quero que aponte para a Primeira Dama — acrescentou Artur. — Ela é a forma atual da Primeira à Quarta Parte do Testamento.

— O fragmento vai apontar a parte do Testamento que estiver mais próxima. Desde que, é claro, ele seja, de fato, parte do todo usado pela Arquiteta.

— Ele fala um bocado, não é? — comentou Suzy. — Você devia lhe dar umas espetadas, Artur, como incentivo.

— Não com a Chave — respondeu Artur. — Bastaria um leve toque para matá-lo.

— Por favor, lorde Artur! — implorou Jakem. — Posso me concentrar por um instante?

Artur fez que sim e olhou para Suzy, que, corretamente, interpretou o olhar como um sinal para ficar calada. Ela deu de ombros, sorriu e voltou a atenção para Fred, que estava sendo carregado para fora da prensa.

Jakem tirou um pedaço de cartolina de um dos bolsos da túnica e colocou-o no chão, assentando o cristal bem no meio. Então, pegou uma pena de escrever e um pequeno frasco de tinta ativada em outro bolso. Ajoelhando-se, molhou rapidamente a pena na tinta e, com movimentos ágeis, escreveu no papel, em volta do cristal, quatro palavras incompreensíveis, em um alfabeto estranho. A escrita nem tinha secado completamente quando as palavras começaram a flutuar acima do papel, cintilando e se contorcendo como se fossem misteriosas criaturas marinhas presas em uma onda. Com gestos rituais, Jakem agitou a pena sobre elas, e as palavras deslizaram para dentro do cristal, encolhendo à medida que entravam, até se tornarem tão pequenas que não dava mais para vê-las.

O Mestre Impressor suspirou, tampou o frasco de tinta, que recolocou no bolso com a pena, e se levantou.

— Pronto, está feito — falou.

— Só isso? — perguntou Artur. — Você pega, então.

— Eu não ousaria tentar qualquer coisa contra o senhor... — começou a falar Jakem.

— Então, pegue — interrompeu Artur. — E entregue a um dos seus Habitantes. Depois ele passa para mim.

— É melhor ele me dar, Artur — sugeriu Suzy desconfiada. — Assim, se acontecer alguma coisa estranha, você pode lhe dar uma espetada.

— Eu fiz o feitiço exatamente como mandam as instruções! — protestou Jakem.

Abaixando-se para pegar o cristal, ele chamou:

— Digby! Venha cá!

O Habitante Digby correu imediatamente, parando na frente de Artur para ajeitar o topete antes de receber o cristal das mãos de Jakem. Nada anormal aconteceu naquele momento nem quando o objeto foi passado a Suzy. Ela o levantou cuidadosamente, observou a partícula de ouro lá dentro, bateu nele com o cabo da faca e, afinal, entregou a Artur, que o pegou com a mão

esquerda para não largar a Chave. Jakem mantinha o jeito bajulador, exalando traição por todos os poros.

— Parece tudo bem, mas estou de olho — avisou Suzy, aproximando-se de Jakem sem largar a faca.

Ele pareceu ainda mais nervoso e começou de novo a retorcer as mãos.

Artur olhou para o cristal.

— Como isso funciona? — perguntou.

Exatamente naquele momento, ele viu que a partícula dourada se mexia dentro do cristal, mudando de forma. Devagar, ela se transformou em uma setinha muito fina, do tamanho de um pedacinho de unha do dedo mínimo. A seta girou um pouco e, em seguida, parou, indicando um ponto acima.

— Nesta direção — ele disse, apontando o lugar onde Fred continuava adormecido na poltrona. — E para cima, eu acho. O que fica para ali e para cima, Jakem?

— A montanha. O Escritório da Sra. Sexta-Feira.

— Quanto tempo falta para o amanhecer? — perguntou Artur.

— Já está amanhecendo, senhor. O sol pequeno surgiu, o maior deve surgir em poucos minutos.

— Vamos precisar de asas. Ou existe algum outro jeito de chegar ao Escritório?

Jakem fez que não.

— O que você quer dizer com isso? Não há outro jeito ou não existem asas?

— Não há outra maneira — respondeu Jakem, encolhendo-se. — Só se pode chegar lá voando. E quanto a asas nós não as temos, mas talvez Aurora de Sexta-Feira... os Jovens Dourados...

— Que você não deixou entrar — cortou Artur. — Por que?

— Ordens de Meio-Dia de Sábado. Acho que foi porque Aurora de Sexta-Feira se recusou a obedecer. Só estávamos seguindo as ordens de Sábado!

— Meio-Dia de Sábado ainda está aqui? Seus elevadores estão funcionando? E os telefones?

— Não, Meio-Dia de Sábado nos visitou brevemente ontem. Crepúsculo de Sábado veio várias vezes durante a noite, mas não está aqui agora. Os elevadores servem a eles, mas não a nós. Nossos telefones não estão em funcionamento.

— Quero que você envie um mensageiro a Aurora de Sexta-Feira. Diga a ele que lorde Artur assumiu o comando da Casa Intermediária e, caso ele siga as minhas ordens, ficará encarregado desta fortaleza e da Plataforma Superior.

— Desta fortaleza? Mas o território de Aurora é a Planície lá embaixo...

Artur levantou a ponta da espada.

— Sim, agora mesmo, lorde Artur. Digby, seu boboca! Você ouviu lorde Artur. Providencie um ramo de oliveira e transmita imediatamente essa mensagem a Aurora de Sexta-Feira, lá fora.

— Tire aquelas poltronas da prensa e arrume aqui — disse Artur.

Ele precisava se sentar.

— Gabor, Pluik! — chamou Jakem. — Tragam depressa as poltronas para lorde Artur!

— Vá ajudar — disse Suzy a Jakem. — As poltronas parecem bem pesadas.

— É mesmo — concordou Artur. — E não se preocupe com o chá.

Sem que ninguém tivesse mandado, os Habitantes colocaram uma poltrona separada e as outras em frente, em semicírculo. Artur se sentou na poltrona isolada e pousou a Chave em formato de espada sobre o braço, segurando-a frouxamente.

— Sente-se — ele disse a Jakem, que escolheu o assento diante dele.

Suzy também se sentou, enquanto Ugham ficou de pé entre Fred e ela.

— Já que temos que esperar que Fred acorde e que Aurora de Sexta-Feira responda, você pode aproveitar para me esclarecer algumas coisas — disse Artur a Jakem.

— Qualquer coisa, qualquer coisa, senhor.

— O Tocador de Gaita esteve aqui?

Artur não pôde deixar de dar uma olhada rápida para Ugham, que sustentou impassível o olhar. O menino reprimiu um suspiro. Ele gostava de Ugham e gostava do jeito dos Novicas. Na verdade, eles queriam ser fazendeiros, como o próprio Tocador de Gaita lhe dissera antes do ataque à Cidadela. Ainda assim, Ugham era um aliado problemático. Uma palavra do Tocador de Gaita e ele se voltaria contra os companheiros.

— Aqui, não — respondeu Jakem.

Dessa vez, Artur não conteve o suspiro.

— Você quer dizer que ele não esteve na Junta de Encadernação ou não esteve na Casa Intermediária?

— Ah, eu quis dizer que ele foi visto. Ele e seu bando de crianças apareceram horas atrás e voaram, imagino que para o Escritório da Sra. Sexta-Feira, caso não tenham sido interceptados pelos Servos Alados.

— E alguém foi atrás dele?

— Humm, creio que Crepúsculo de Sábado e cerca de uma dúzia de Auditores Internos podem ter ido...

— Auditores Internos? — perguntou Artur.

— A tropa mais valorosa da Casa Superior — explicou Ugham. — São considerados guerreiros implacáveis.

— Eles podem sugar as suas tripas só de olhar para você — acrescentou Suzy. — Pelo menos é o que dizem.

— Quais serão as crianças que o Tocador de Gaita leva com ele? — perguntou Artur. — Ele deve ter usado a Escada Improvável, senão teria trazido os Novicas. Isso me faz lembrar de uma coisa, Jakem. Nós encontramos um Nadica na Planície. Uma espécie de porco com chifre...

— Porco com chifre? Deve ser a coisa que soltou um grito horrível dentro do elevador usado por Crepúsculo de Sábado... Talvez seja um tipo de Nadica modificado, o granouinc, de chifre duro como granito.

— Eu pensei que poderia ter vindo com Crepúsculo de Sábado — comentou Artur. — Estranha combinação... O que os Buscadores estavam procurando? Você sabe, Jakem?

— Como, lorde Artur?

Jakem enxugou a testa e voltou a retorcer as mãos, completando:

— Quer saber se eu sei...

— Se você sabe o que os Buscadores de Sábado estavam procurando lá embaixo na Planície.

— Humm, não exatamente. Parece que andaram comentando alguma coisa, talvez sobre um roedor modificado, que pegou o que não lhe pertencia...

— Um Rato Criado! — exclamou Artur. — Estavam procurando um Rato Criado. O que será que ele roubou?

— Não sei bem — disse Jakem. — Mas ouvi, por acaso, um trecho de conversa entre Meio-Dia e Crepúsculo de Sábado e isso me levou a pensar que o rato (se é que era um rato) pode ter metido as patas em uma carta.

“Como é que as coisas se encaixam?”, pensou Artur. Ele esfregou os olhos, tentando afastar o cansaço. “Um Rato Criado roubou alguma coisa,

possivelmente de Sábado, e o estavam procurando na Planície da Casa Intermediária... ”

— Talvez ele tenha saltado sobre a Placa de Transferência que o mensageiro de Sexta-Feira deu a Sábado, como fizemos com o Tocador de Gaita — sugeriu Suzy. — Quando chegamos, eu falei que tinha visto algumas pegadas estranhas na neve, não foi, Uggie?

Ugham concordou, mas continuou olhando para longe, sem encarar o olhar sério de Artur.

“Ele sabe de alguma coisa”, pensou Artur. “Será que viu o Rato Criado? Melhor eu perguntar a Fred. Tomara que ele acorde logo. Enquanto isso, talvez eu possa descansar um pouco... Tentar pensar...”

— Vou fechar os olhos por alguns minutinhos — avisou Artur. — Suzy, Ugham, podem tomar conta?

— Claro — respondeu Suzy.

Ugham fez que sim.

— Jakem, você não vai a lugar algum, não faz coisa alguma nem dá ordens.

— Entendidíssimo, senhor!

Artur olhou em volta. Observou a prensa e os Habitantes, ainda de pé na galeria curva. Tudo parecia bastante seguro, pelo menos no momento.

— Só me acordem quando Digby voltar com a resposta de Aurora de Sexta-Feira — ele disse.

E fechou os olhos.





Capítulo 19

O soldado Novica deu um golpe com a lança que, dessa vez, passou por baixo do escudo de Artur. Aterrorizado, ele a sentiu deslizar vagarosamente até acertar sua armadura. Por um breve instante, achou que estava tudo bem, mas a lança deslizou também sob a armadura e estava prestes a lhe atingir o estômago. O Novica repetia: “Aurora de Sexta-Feira... Aurora de Sexta-Feira... Aurora de Sexta-Feira...”

Artur acordou gritando e deu um salto que quase o derrubou da poltrona. Ele se sentia muito mal, com o corpo tenso e dolorido. As articulações se ressentiam do voo sobre o canal, e os músculos sofriam pelo esforço feito durante a fuga da prensa. De pé ao lado dele, Suzy o puxava pela manga.

— Aurora de Sexta-Feira vem aí! Ele aceitou sua oferta!

Artur piscou, esfregou os olhos e se endireitou na poltrona.

— E Fred?

Com um sorriso tristonho, Fred acenou para ele da poltrona oposta.

— Lamento ter bebido o chá, Artur. Foi burrice minha...

— Não se preocupe. Eu quase bebi também. Uh, por quanto tempo eu dormi?

— Cerca de uma hora — respondeu Suzy. — Certo, Jakey?

Jakem remexeu na túnica e tirou um relógio de bolso cuja tampa abriu com o polegar. Depois de alguns segundos de observação, ele respondeu:

— Foram 53 minutos, senhor. Aurora de Sexta-Feira está esperando. Ainda quer falar com ele?

— Diga para ele entrar.

Como Artur esperava, Aurora de Sexta-Feira era um Habitante alto e bonito. Só não esperava que usasse uma armadura feita em chapa de ouro que ia do tornozelo ao pescoço. A armadura incluía uma couraça com o desenho de músculos, como nenhum outro Habitante poderia ter. As asas longas e amarelas estavam dobradas nas costas: a parte de cima aparecia por cima da cabeça, e as penas de baixo quase chegavam aos tornozelos, bem protegidos. O elmo, com viseira e plumas, ia na dobra do braço esquerdo, acima de uma espada curva apoiada sobre o quadril. O equilíbrio era garantido por uma espécie de arco curto em um estojo de couro, do lado direito. A cabeça estava

envolta por uma atadura, manchada de sangue azul na altura da testa, indicando um ferimento recente e uma luta cruel, provavelmente contra as forças de Sábado.

Aurora se curvou rigidamente diante de Artur, que retribuiu o cumprimento com uma inclinação de cabeça.

— Saudações, lorde Artur.

A voz de Aurora era áspera, nem um pouco semelhante à voz agradável e melodiosa da maioria dos Habitantes superiores.

— Igualmente, Aurora de Sexta-Feira. Suponho que tenha entendido corretamente meu oferecimento. Se obedecer às minhas ordens, eu o nomearei comandante da Junta de Encadernação e da Plataforma Superior.

— Entendi, sim, lorde Artur, e... aceito, embora a contragosto.

— A contragosto? — estranhou Artur.

O Habitante falava bem, em um contraste agradável com o jeito de falar de Jakem.

— Sim, senhor. Não tenho muitas escolhas. A Sra. Sexta-Feira nos abandonou, assim como meus companheiros, Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira. Como não participo de seus... divertimentos... ela claramente optou por me deixar para trás. Minha lealdade não é, portanto, a Sexta-Feira, mas à Casa Intermediária e àqueles que a ocupam. Essa é a razão pela qual resisti à invasão das tropas de Sábado. A meu ver, a escolha é entre Sábado e o senhor, lorde Artur. Escolhi servi-lo.

— Eu sou o Herdeiro Legítimo, como sabe.

— Sim, senhor, se assim diz. Está pronto para aceitar minha lealdade?

— Estou.

Por um instante, a mente de Artur voltou ao traiçoeiro Pravuil, no depósito de carvão, havia muito tempo. Ou assim parecia. Pravuil tinha lhe oferecido lealdade, mas sem jurar, provavelmente por estar o tempo todo a serviço de Sábado ou de outra pessoa.

“Não vou repetir o erro”, pensou Artur. “Agora aprendi.”

Então, segurando a espada de modo que a lâmina tocasse o chão em frente a Aurora de Sexta-Feira, disse:

— Você precisa jurar sobre a Quarta Chave que vai me servir e obedecer.

Aurora não se perturbou. Ajoelhou-se, fazendo ranger e tilintar a armadura, e tomou a lâmina nas mãos enluvadas.

— Eu, Aurora de Sexta-Feira, juro lealdade a lorde Artur, a quem servirei e obedecerei enquanto existir ou até o fim de todas as coisas.

Aurora olhou para Artur à espera de uma resposta.

— Eu aceito sua lealdade, Aurora de Sexta-Feira, e o confirmo como comandante da Junta de Encadernação e da Plataforma Superior e defensor de todas as regiões da Casa Intermediária.

— Obrigado por sua confiança, senhor — disse Aurora, levantando-se.

— Ótimo — encerrou Artur. — Agora, precisamos de três...

Artur fez uma pausa e olhou para Ugham.

“Se for para deixar Ugham para trás, chegou a hora”, pensou. “Mas ele tem sido fiel. Eu possuo a Chave e conto com aliados... Ele toma conta de Fred e Suzy...”

— Não, de quatro pares de asas. Preciso procurar a Quinta Parte do Testamento da Arquiteta e creio que está no Escritório de Sexta-Feira.

— Imediatamente, lorde Artur. Deseja asas iguais às que usam os meus Jovens Dourados? Vão servir melhor do que as asas usadas pela Alta Corporação.

— Com certeza. Somente Ugham vai precisar de asas maiores, iguais às da Alta Corporação. Estranhei quando Jakem disse que eles não tinham nenhuma.

— Eu me referi ao tipo adequado a sua excelência — interferiu Jakem. — Na verdade, temos algumas asas velhas, mofadas e ridiculamente grandes...

— Quem é o seguinte a Jakem, em precedência? — perguntou Aurora, interrompendo.

— É Milka, senhor — respondeu Digby. — Mas viajou com a Sra. Sexta-Feira. Suponho que eu seja o próximo, depois dela.

— Então, acaba de ser promovido, e Jakem passa a ocupar o seu lugar — determinou Aurora. — Espero que você organize as coisas com mais eficiência do que o antigo Mestre Impressor, a começar pela obtenção de asas para os... soldados de lorde Artur.

— Protesto! — gritou Jakem. — Certamente, lorde Artur, o senhor não permitirá que esta caricatura de...

— Aurora está no comando — falou Artur com firmeza. — Vá embora.

Jakem foi. Em poucos minutos, surgiram vários Habitantes com um par de asas para Ugham. Em seguida, dois Jovens Dourados chegaram com três pares de asas menores, mas igualmente amarelas.

Os Jovens Dourados estavam equipados com armaduras iguais à que Aurora de Sexta-Feira usava, porém no lugar dos elmos com viseiras usavam máscaras douradas que lhes cobriam inteiramente o rosto, exceto por pequenas fendas para os olhos, o nariz e a boca. Eram mais baixos e mais franzinos do que os Habitantes, quase do mesmo tamanho de Artur. Ao vê-los, ele perguntou de repente:

— São crianças do Tocador de Gaita, não são?

— Não exatamente — sussurrou Fred. — Eram, no início, mas o Horrível Terça-Feira pegou um grande número delas e transformou-as no... bem, no que são... para a Sra. Sexta-Feira.

— O que você quer dizer com “o que são”? — perguntou Artur também em voz baixa.

Os dois Jovens Dourados deixaram as asas sobre uma das poltronas vazias, saudaram Aurora, que conversava com Digby, e foram embora.

— Parece que há pouca coisa dentro das armaduras — explicou Fred. — Não sei quanto sobrou da criança original. Pelo menos, é o que sempre me disseram.

— Pode muito bem ser verdade — disse Artur. — É o tipo de coisa que o Horrível Terça-Feira faria. A propósito, você já usou asas antes?

— Ah, usei, sim — respondeu Fred. — Mas foi antes da lavagem entre as orelhas... Ainda assim acho que vou lembrar...

— Espero que sim.

A memória de Artur estava completamente recuperada ou pelo menos era o que ele pensava. Mas o que tinha a lembrar era muito pouco em comparação às lembranças de Fred, que tinha vivido, pelo tempo da Casa, centenas de anos, no mínimo. Talvez até mais.

— Bem, é melhor irmos em frente.

Suzy ajudou Artur a prender as asas, que cresceram até o tamanho ideal. Enquanto ele ensaiava os movimentos, ela auxiliou Fred e Ugham. Só então Artur se deu conta de que talvez Ugham não soubesse como utilizar as asas. No entanto, quando foi perguntar, encontrou o Novica se exercitando com muito mais habilidade do que ele mesmo. Isso aconteceu porque Artur tinha voado apenas uma vez, no Fosso do Horrível Terça-Feira.

— Nosso mestre, o Tocador de Gaita, era muito rígido com o treinamento — explicou Ugham. — Tivemos muitas décadas de exercícios práticos antes do ataque ao Grande Labirinto.

— Vocês vão precisar de escolta — disse Aurora de Sexta-Feira, afastando-se de Digby para se aproximar de Artur. — Foi relatado que o Tocador de Gaita e uma dúzia de soldados, provavelmente crianças dele, voaram para o pico do Escritório há várias horas, seguidos por Meio-Dia de Sábado e um destacamento de Auditores Internos. Agora que dominamos a Junta de Encadernação, posso abrir mão de 40 a 50 dos meus Jovens Dourados. Gostaria de dispor de um número maior de jovens, mas muitos Habitantes estão absorvendo experiências.

— Não gosto desse negócio — disse Artur. — Não tenho certeza se entendi direito. De onde vêm as experiências?

— A Sra. Sexta-Feira toma as experiências dos mortais, lorde Artur — explicou Aurora de Sexta-Feira. — Ela aproveita as boas e joga fora as más. Os Habitantes que estão com ela no retiro colam em papel carregado magicamente as memórias descartadas e trazem para vender. Ainda que sejam, em geral, lembranças tristes e deprimentes, muitos Habitantes adoram. É que nós não sonhamos e nossas vidas têm um propósito determinado. Assim, as experiências mortais se tornam muito atraentes.

— Toma as experiências dos mortais... — Artur repetiu devagar. — E o que acontece com eles?

— Não sei — disse Aurora. — Nunca aprovei tal prática, e a Sra. Sexta-Feira nunca me levou ao seu retiro.

— Você sabe onde fica?

Aurora de Sexta-Feira fez que não.

— Em algum lugar nos Reinos Secundários.

Artur permaneceu calado por um momento. Suas asas estremeciam. Então, observou mais uma vez o cristal.

— Primeiro encontramos o Testamento — disse. — Depois conseguimos que ele nos ajude a pegar a Quinta Chave. Vamos.

Artur tomou o corredor seguido pelos outros. No entanto, logo parou.

— Uh, eu não sei sair daqui. Digby?

— Siga-me, lorde Artur.

Digby liderou o grupo ao longo do corredor e depois por uma agradável área aberta, onde se viam arbustos estranhos que apresentavam folhas amarelas, longas e retorcidas, parecidas com escamas. De lá, eles passaram a outro prédio, onde entraram em um salão cheio de pequenas prensas, bancadas de trabalho, pilhas de documentos e pelo menos uma centena de Habitantes,

deitados de costas, absorvendo experiências, com pedaços de papel enfeitado colados na testa.

Na extremidade do salão, ficava o portão principal, vigiado por uma tropa mista em que um grupo não confiava no outro, formada por Jovens Dourados e por membros da Alta Corporação, estes últimos armados com lanças assustadoras no formato de agulhas de encadernar com 2 metros de comprimento.

Ao sair, Artur teve a oportunidade de, pela primeira vez, observar com atenção a Plataforma Superior. A imponente montanha rochosa onde ficava o Escritório, a alguns quilômetros de distância, dominava completamente o horizonte, ao norte. Ele calculou que o ponto mais alto estivesse entre 1, 2 mil e 1, 4 mil metros de altura, pelo menos visto do segundo céu. Na verdade, ele sabia que a montanha se estendia até a Planície e que a Plataforma Superior era apenas um pequeno platô.

Além da fortaleza atrás dele, a maior parte do que podia ver lembrava uma agradável cena campestre. Havia prados e pequenos bosques. Pelo menos ele acreditava que fossem bosques, embora a cor e a forma de ramos e folhas fossem bem estranhas.

A leste, no céu, havia dois sóis, o que ajudava a explicar o motivo de tanto calor. Não eram sóis particularmente grandes, porém um era muito menor do que o outro. Artur sabia que não devia olhar para eles diretamente, pois a luz que lançavam era semelhante à do sol de verão na Terra.

— Tenho muito a resolver aqui embaixo — disse Aurora. — A sua escolta será comandada por Quinze, um dos meus mais experientes Jovens Dourados. Quinze, este é lorde Artur.

— Lorde Artur confirmado — cumprimentou o Jovem Dourado.

A voz dele, ou talvez dela, era suave, mas aguda, e soou estranhamente remota, como se viesse de muito mais longe do que de dentro da máscara.

— Pronto para voar.

— Obrigado — disse Artur.

Ele verificou de novo o cristal. Definitivamente, a seta apontava para a montanha e para cima.

— Obrigado a você também, Aurora de Sexta-Feira. Boa sorte na decisão com Crepúsculo de Sábado. Se tudo correr bem, enviarei ajuda em breve.

Aurora fez um último cumprimento enquanto Artur flexionava as asas, dava impulso e se lançava ao céu. Os Jovens Dourados decolaram ao mesmo

tempo, todos os 40 em volta de Artur, em formação de estrela. Seus três companheiros, mais lentos, levantaram voo um pouco depois e mantiveram altitude mais baixa.

Foi gostoso voar. Artur adorou a estimulante sensação de sentir o ar no rosto e a poderosa sensação de ter asas. Chegou até a fazer experiências: inclinou-se para um lado e depois para o outro, mas teve que corrigir depressa o equilíbrio, para não virar de cabeça para baixo.

— Isto, sim, são asas! — gritou Suzy. — Nada parecidas com aquelas Asas de Subida que usamos no Fosso. Mas é preciso cuidado, porque estas sobem e descem!

Artur tinha esquecido que as asas usadas para sair do Fosso só subiam.

“Eu deveria ter me lembrado disso”, pensou. “Elas também eram presas com cera. Estas foram conectadas através do meu casaco de papel. Acho que a lavagem entre as orelhas afetou minha memória... Será que esqueci mais alguma coisa?”

Como exercício, Artur tentou recordar os rostos de toda sua família. Ficou aliviado quando as lembranças vieram claras e nítidas. Também se lembrava perfeitamente da casa onde morava e da nova escola.

Uma lufada de vento interrompeu seus pensamentos. Ele instintivamente corrigiu o curso e riu alto quando foi atingido por uma corrente ascendente e teve que abrir mais as asas. O Jovem Dourado de nome Quinze se aproximou para dar um aviso com sua voz estranha e penetrante:

— Vento de subida positivo. Aproximação do alvo em 40 minutos.

— Obrigado! — agradeceu Artur, olhando para cima.

O pico da montanha parecia alto como sempre, mas ele conseguiu distinguir uma construção sobre a rocha nua. Pedaco de um telhado.

Artur verificou novamente o cristal. Dessa vez, olhou mais de perto e duas vezes.

— Ei! — ele disse. — A seta de ouro está apontando em frente, e não o Escritório lá em cima. Mas não há nada... oh...

Havia alguma coisa. Na encosta, a meia altura, dava para ver uma pequena fenda vertical que sugeria a existência de uma caverna escura.

Artur inclinou uma asa e voou suavemente em curva para avaliar melhor. Todos os outros fizeram o mesmo, enquanto alguns Jovens Dourados voavam acima dele, e outros, abaixo.

— Entrada da casa dos Servos Alados da Noite — falou Quinze com sua voz estranha. — Entrada proibida a voadores diurnos.

— A seta está apontando para lá, com certeza — disse Artur.

Ele voou mais para perto e pairou no ar como um beija-flor, para observar a fenda. Comparada a uma porta, a fenda tinha a mesma altura e a metade da largura. Sem uma borda ou degrau para servir de apoio, seria muito difícil entrar.

— Como será que os Servos entram?

Enquanto Ugham e Fred ficavam acima, Suzy se aproximou com a resposta:

— É preciso voar até a entrada, dobrar as asas no último instante e mergulhar.

Imediatamente depois de falar, ela fez uma rápida curva para baixo. Era difícil se manter pairando no ar.

— Proibido a voadores diurnos — repetiu Quinze.

— Você nunca passaria por aquela abertura, Ugham — disse Artur. — Acho que Suzy, Fred e eu teremos que seguir sozinhos. Espero que os Servos continuem amigáveis.

— Eles ficaram estranhos quando falamos de seu esconderijo — comentou Fred cautelosamente.

— Eu tenho que entrar — disse Artur, olhando mais uma vez para o cristal.

A pequenina seta apontava diretamente para a fenda.

— A Quinta Parte do Testamento está em algum lugar aí dentro.

— Meu dever é ficar junto de Suzy e Fred — disse Ugham. — Mas a passagem é muito estreita para alguém do meu tamanho.

— Eu vou sozinho — decidiu Artur. — Isso vai ser complicado. Ah, Quinze, você e seu... pessoal podem circular por aqui, por uns momentos, até eu voltar?

— Seu pedido é uma ordem — respondeu Quinze.

Ele começou a voar em grandes círculos, sendo seguido pelos demais Jovens Dourados.

— Volto o mais depressa possível — prometeu Artur. — Fiquem atentos para o caso de o Tocador de Gaita ou Crepúsculo de Sábado aparecerem por aqui, vindos do Escritório.

— Nós ficaremos — falou Ugham com voz grossa, unindo-se aos outros que voavam em círculo.

Suzy e Fred, porém, não se afastaram.

— Depressa! — chamou Suzy. — Vamos entrar antes que Uggie fique nervoso!





Capítulo 20

Suzy voou em linha reta, encolheu as asas com habilidade e escorregou para dentro da fenda, desaparecendo, embora um “ai!” bem alto denunciasse que tinha batido em alguma coisa.

Os dois garotos partiram ao mesmo tempo e Artur teve que recuar para evitar um choque. Fred calculou mal a entrada e acabou perdendo algumas penas da asa esquerda ao bater na borda da fenda.

Artur foi quase imediatamente em seguida. Ele conseguiu encolher bem as asas, mas pecou por excesso de velocidade; suas pernas se dobraram e ele caiu ao aterrissar, batendo os joelhos e os cotovelos na rocha e esfolando a pele embaixo das roupas de papel.

— Escuro aqui! — a voz de Suzy veio de algum lugar pouco adiante. — Se importa se eu acender minhas asas, Artur?

— Só um pouco. Não quero incomodar os Servos.

Suzy resmungou alguma coisa e suas asas dobradas começaram a emitir uma luz suave. Fred abriu a boca para perguntar se suas asas também produziam luz, mas foi interrompido por Artur.

— Só Suzy, por enquanto, Fred. A propósito, como estão suas asas? Você perdeu algumas penas na entrada.

— Foi?

Fred se virou, tentando olhar as próprias costas.

— Acho que ainda funcionam, mas só vou saber na hora de voar.

— Pelo menos tem muita gente para segurá-lo — disse Artur. — Melhor avisar o pessoal antes de sair. Suzy, consegue ver alguma coisa?

— Consigo. Estamos em uma espécie de túnel estreito e em curva, mas dá para passar.

Ela deu mais alguns passos e Artur ouviu um barulho de água.

— Piso molhado também — acrescentou Suzy. — Muitas poças.

Eles seguiram por pelo menos cem metros, avançando montanha adentro. O ambiente ficava cada vez mais úmido, com água escorrendo das paredes e do teto, para formar poças ainda maiores. A cada 20 passos, mais ou menos, Artur verificava a folha de ouro dentro do cristal, e a seta continuava a apontar o interior da rocha.

De repente, Suzy parou. A passagem era tão estreita que Artur não conseguia ver o que havia depois dela.

— Um portão de ferro — ela disse.

Artur ouviu um chacoalhar de corrente.

— Está fechado — ela informou.

— Não há um batedor de porta ou campainha?

— Não seja tolo, Fred. Os Servos iam colocar campainha no portão de um refúgio secreto? Humm...

Suzy puxou alguma coisa e se ouviu o som de vários sinos tocando ao mesmo tempo.

— Eu não disse? — provocou Fred.

— Não é campainha. Eu falei que não tinha campainha.

— Calada! — mandou Artur. — Vem alguém aí. Diminua a luz das asas.

Suzy resmungou alguma coisa e a luz ficou tão fraquinha que mal formava sombras.

— Devíamos ter mandado Fred na frente — sussurrou Artur. — Por causa da linguagem de sinais.

— Eles ouvem bem — argumentou Suzy. — Eu prestei atenção e acho que aprendi alguns sinais. Posso tentar...

— Não! — disseram Artur e Fred ao mesmo tempo.

Artur ia acrescentar alguma coisa, porém Suzy tinha começado a falar com um Servo que só ela conseguia ver.

— Bom-dia. Ou olá, novamente, caso tenhamos nos encontrado a noite passada. Sou Suzy Azul Turquesa e vim com lorde Artur, o Herdeiro Legítimo da Arquiteta. Ele está atrás de mim e logo depois está Fred, que conhece a linguagem dos sinais. Podemos entrar? Artur precisa encontrar a Parte Cinco do Testamento da Arquiteta. Obrigada. A propósito, o seu pessoal já pensou em instalar uns drenos neste túnel? Meus pés estão encharcados...

— Suzy! — sussurrou Artur. — O que está acontecendo?

— O quê? Ah, está tudo bem, Artur. Depois de muitos acenos de cabeça e alguns balbucios, ele está indo embora.

— Ele abriu o portão?

— Não, mas acho que foi buscar alguém.

— Espero que seja isso mesmo. Está molhado aqui.

Por alguns minutos, ninguém falou. De repente, Fred perguntou:

— E se esse túnel for uma vala para drenagem?

— Fred...

Artur ia falar, mas todos ouviram o chacoalhar de chaves, e Suzy dizer:

— Saudações.

Uma chave girou barulhentemente na fechadura, e o portão rangeu, abrindo. O grupo avançou, chapinhando os pés na água. Depois de uma curva para a direita, o túnel ficou mais largo. Logo os três podiam andar lado a lado. Com a luz das asas de Suzy, eles conseguiram ver a silhueta do Servo que ia à frente. Passaram por outras bocas de túneis e em algumas viram outros Servos, que podiam estar de guarda ou apenas curiosos para ver quem estava chegando.

“Espero que nos tratem como visitantes de honra”, pensou Artur. “Não sei como a Chave me protegeria de um lança-chamas. Talvez eu não morresse, mas sofresse queimaduras horríveis...”

Durante pelo menos dez minutos, eles percorreram um labirinto de túneis e viram muitos Servos. Os estranhos Habitantes, vestidos com roupas de couro preto, usavam capacetes com uma espécie de focinho. Todos observavam em silêncio, imóveis, a ponto de serem confundidos com estátuas.

Afinal, alcançaram um espaço aberto, tão amplo que a luz das asas de Suzy não conseguia chegar às paredes nem ao teto. Uma Serva os esperava. Artur ficou em dúvida se devia sentir alívio ou desânimo quando reconheceu nas luvas as garras entalhadas em pedras lunares, descobrindo assim quem era ela: Sobrevivente das Trevas.

O Servo que tinha atuado como guia se inclinou diante de Sobrevivente das Trevas e se afastou. Artur inclinou a cabeça, Suzy fez um cumprimento mais respeitoso do que o habitual e Fred fez uma reverência.

— Saudações, mais uma vez — disse Artur. — Peço desculpas por vir ao seu refúgio sem ser convidado. Preciso encontrar a Quinta Parte do Testamento da Arquiteta e acho que está aqui, em algum lugar.

Dizendo isso, ele ergueu o cristal e viu que a seta apontava para baixo.

— Oh, ela apontou para cá. Agora, aponta para baixo. Existem níveis inferiores?

Sobrevivente das Trevas fez uma série de sinais, que Fred traduziu:

— Seja bem-vindo, lorde Artur. Há muito soube que viria, por meu... Humm... Não conheço esse sinal. Meu, ah... Interno?

Sobrevivente das Trevas fez outro sinal.

— Mais ou menos isso — continuou Fred. — De algum modo, ela sabia que você viria.

— Ah, sim — fez Artur. — Bom.

— O lugar que procura fica abaixo — traduziu Fred. — Um guia o levará ao... Interno... Não... à Escuridão Interior.

— Obrigado — agradeceu Artur.

— Todos podem ir até a entrada, mas só o senhor, lorde Artur, será autorizado a entrar no local secreto dos Servos Alados da Noite.

— Obrigado — agradeceu Artur novamente.

— O guia vai levá-los agora. Outra vez nos veremos. Não... É “talvez nos vejamos”.

— Espero que sim.

Ao se virar, Artur deu com um Servo grudado nele, em silêncio. O susto o fez dar um salto.

O Servo acenou e começou a andar. Artur fez um cumprimento em direção a Sobrevivente das Trevas e seguiu. Suzy e Fred foram atrás.

O guia percorreu outros túneis e entroncamentos, passando por muitos outros Servos. Artur não tinha certeza se eram outros ou os mesmos. De qualquer maneira, havia uma quantidade incômoda de Servos Alados da Noite dentro da montanha, todos muito parecidos em suas roupas de couro preto e seus capacetes com focinho.

Depois de algum tempo, alcançaram um túnel com declive acentuado, interrompido por outro portão de ferro, que o Servo abriu com uma chave do tamanho da mão de Artur. Em seguida, havia uma série de degraus largos ainda mais íngremes, em cuja base se encontrava um bueiro de ferro que não ficaria mal no Balaena, o submarino dos Ratos Criados no qual Artur e Suzy tinham viajado sob o Mar Fronteiriço.

O Servo girou a trava e abriu a tampa do bueiro, liberando uma corrente de ar frio e úmido e um cheiro estranho, de mofo.

— Eca, que cheiro! — exclamou Suzy, apertando o nariz. — De onde vem?

O Servo fez alguns sinais.

— Do animal não adestrado — traduziu Fred.

O Servo fez que não, acrescentou alguns sinais e repetiu os anteriores.

— Ah, sim! — exclamou Fred. — A Fera. Um tipo especial de fera... A Fera da Escuridão Interior ou coisa parecida.

Os gestos que o Servo fez em seguida chamaram a atenção de todos. As membranas que ligavam os dedos de suas luvas pretas se esticaram e seus dedos tremeram no esforço de transmitir a mensagem.

— Nós o adoramos... Temos medo dele...

Fred parou, dizendo:

— Não consigo entender!

O Servo Alado da Noite repetiu os sinais. Fred balançou a cabeça. Então, o Servo apontou para si mesmo, colocou três dedos na abertura de sua máscara focinhuda e, pela primeira vez, emitiu um som. Um som de mastigação.

Fred fez “Oh! ”, engoliu em seco e continuou:

— Às vezes ele come um de nós. Artur, não tenho certeza se você deve entrar.

— A Quinta Parte do Testamento está lá — disse Artur.

Ele verificou mais uma vez o cristal. A seta apontava a mesma direção.

— Estou razoavelmente... Estou absolutamente convencido. Não há perigo algum.

— E se houver?

— A Chave me protege — respondeu Artur.

Ele deu um tapinha no bastão. Era tranquilizador saber que ainda estava lá.

— A Chave impede que você morra. Mas não impede que tenha a perna mastigada. Devagarzinho.

— Obrigado pela lembrança.

— Melhor eu ir com você — insistiu Suzy. — Estou mesmo interessada nessa tal Escuridão Interior. Não é sacrifício nenhum.

O Servo fez que não e apontou Artur. Em seguida, espalmou a mão diante de Fred e de Suzy, completando com vários movimentos vigorosos dos dedos.

— Como disse Sobrevivente das Trevas, somente Artur pode entrar no local secreto dos Servos Alados da Noite — interpretou Fred. — Se não for comido pela Fera, ele voltará são e salvo.

— Tenho certeza de que a Fera é o Testamento.

Artur sabia que aquele fato prejudicava sua confiança, mas não tinha como negar. O máximo que conseguiu foi não repetir.

— Melhor irmos andando.

— Boa sorte, Artur — desejou Suzy. — Se a Fera arrancar sua perna ou seu braço, saiba que eu...

— Já sei, já sei — interrompeu Artur bruscamente.

Ele queria a todo custo evitar mais um dos úteis comentários de Suzy.
— É o Testamento, com certeza — confirmou Fred, embora com voz trêmula.

Ele ficou em posição de sentido e fez continência. Artur reconheceu ali um modo muito delicado de saudar alguém que parte em uma missão da qual provavelmente não voltará.

Artur retribuiu o cumprimento de maneira mais descontraída, em especial para que Fred e Suzy não percebessem o medo que mal conseguia esconder.

Abaixo da tampa de bueiro se abria um poço, um túnel vertical que levava ao coração da montanha. À Escuridão Interior da Casa Intermediária.

— Posso acender minhas asas? — perguntou Artur.

O Servo balançou vigorosamente a cabeça em um “não” definitivo.

— Foi o que imaginei — disse Artur.

O Servo parou por um momento, como se também precisasse reunir coragem. Em seguida, pulou na abertura e desapareceu. Artur respirou fundo, apalpou mais uma vez a Chave no cinto e foi atrás do Habitante, rumo à treva.





Capítulo 21

A descida era longa, e o caminho, completamente escuro depois dos primeiros cinco ou seis metros. Artur não conseguia ver coisa alguma, nem atrás, nem na frente. Suzy, com suas asas iluminadas, tinha ficado muito longe da entrada, e a passagem era estreita demais. Logo abaixo, ele ouvia as garras de metal na ponta das botas do Servo tilintando nos degraus da escada de ferro.

Tinham percorrido uns cem metros — de acordo com a estimativa de Artur —, quando o som das botas com garras mudou. Logo em seguida, ele não encontrou mais degraus. O piso era macio, pelo que conseguiu perceber esticando o pé, mas sem coragem de se desgrudar da escada; podia estar a poucos centímetros de distância de algum buraco ou de uma fenda profunda que, sem dúvida, levariam ao Nada.

Ou à própria Fera, escondida. Esperando na escuridão.

Artur sentiu um toque no braço, logo acima do cotovelo. Ele se encolheu e quase gritou, mesmo tendo ouvido o clique-claque das garras e sabendo que era o Servo. Apesar dos puxões do estranho Habitante, Artur hesitava em largar a escada, sua única saída possível daquele buraco negro.

Afinal, eles seguiram devagar pela Escuridão Interior. Artur concluiu que estavam em uma caverna, já que havia rocha sob os pés, e que avançavam montanha adentro. No entanto, poderia se tratar simplesmente de um espaço cavernoso o bastante para que o eco de seus passos soasse como se viessem de muito longe.

Foram 10, 20, 30 passos... Artur não conseguiu descobrir se andavam em linha reta ou faziam curvas suaves. O Servo era um guia gentil, que ajudava a evitar os obstáculos.

E seguiram: 40, 50 passos... O Servo passou a andar mais devagar. Artur ouviu um som que se misturava ao eco de seus passos.

Um chiado semelhante ao de um pneu furado. Um pneu enorme com um furo pequenininho.

“Respiração”, pensou Artur. “Uma respiração ofegante, de alguma coisa com pulmões muito, muito grandes...”

O Servo parou. Artur parou também, interrompendo o passo que estava para dar.

— É aqui? — perguntou Artur em voz baixa.

Por instinto, ele segurou a Quarta Chave com a mão esquerda quase tão fortemente quanto o Servo segurava seu braço.

Os dois ficaram absolutamente imóveis. Artur percebia a respiração cada vez mais audível. Cada vez mais perto. Percebia também a própria respiração mais forte, e o coração acelerado, como se enviasse ao resto do corpo uma mensagem de medo. Os batimentos no pescoço pareciam querer perfurar a pele.

De repente, Artur sentiu bem perto um intenso deslocamento de ar. Com a força de um tornado, o Servo apertou mais ainda o braço do menino. Em seguida, porém, o aperto se desfez, já que a mão e os braços — o Servo inteiro, na verdade — foram puxados, provocando rasgos no casaco de papel, na camisa de papel e na pele de Artur.

Somente Artur gritou. O Servo não emitiu nenhum som e, por alguns segundos, só se ouviu a respiração da Fera.

Então começou o barulho. Um som desagradável, como se alguém muito mal-educado tivesse amplificado o ruído de sua mastigação.

Artur não suportou. Era escuridão demais. Era assustador demais não saber o que produzia aquele barulho horrível.

Ele não pensou. Nem lembrou que tinha prometido não usar magia. Até esqueceu que suas asas podiam espalhar luz. O medo do desconhecido, o medo do escuro, estava tão profundamente arraigado em sua mente, como na de qualquer ser humano, que ele não aguentou.

Artur ergueu a Quarta Chave, até então guardada na bainha, e gritou em uma voz aguda e trêmula que não reconheceu como sua:

— Luz! Traga luz, muita luz!

A Chave irradiou um brilho suave e dourado e, antes que Artur pudesse ver o que acontecia e protegesse os olhos, explodiu em uma luz branca e cintilante, mais forte que qualquer luz elétrica que ele tivesse ligado perto do rosto.

Em resposta à súbita iluminação, um grito fortíssimo feriu os ouvidos de Artur. Foi um frenético qui-qui-qui-qui extremamente incômodo em um tom que certamente teria quebrado vidros caso houvesse algum por ali.

Artur tentou descobrir de onde vinha o grito, mas estava tão cego pela luz quanto havia estado momentos antes pelas trevas.

— Menos luz! — ele gritou com energia, concentrando o pensamento na Chave. — Muito menos luz!

Lentamente, a luminosidade se reduziu. Artur protegeu os olhos com o braço direito e olhou em volta. Estava em uma caverna verdadeiramente enorme, de pedra verde-clara, e sentiu um aperto no estômago ao constatar que a escada de ferro dava diretamente no meio dela e que a altura era tanta que a luz não alcançava o teto.

Deitada sobre milhares de pedrinhas coloridas, a menos de vinte metros de distância, estava a Fera. Ela também protegia a cabeça, mas com uma imensa asa rígida que ia do pulso, de um braço coberto de pelos ruivos, ao tornozelo, revestido de escamas azuis. Tinha mais de 12 metros de comprimento e, aos olhos de Artur, pareceu uma esquisita mistura de morcego e dragão.

Da cintura para baixo, a forma era de lagarto, que tinha escamas azuladas que mudavam de cor e uma longa cauda volumosa. Da cintura para cima, apresentava pelagem avermelhada, como a de uma raposa, e asas em preto desbotado, parcialmente transparentes. Com isso, os ossos ficavam visíveis, como na estrutura das asas de papel de um velho avião bimotor. As patas rosadas, providas de quatro dedos com garras, moviam-se com tal habilidade que mais pareciam mãos.

Na pata dianteira esquerda, a Fera segurava o Servo, o qual parecia um Habitante comum, vestido apenas com a roupa de baixo em peça única na cor vermelho-claro, do tipo que inclui meias. Ele havia perdido as asas, o capacete e o traje apropriado ao voo. Tudo isso estava embolado embaixo da pata direita da Fera.

Sob o olhar de Artur, a criatura abaixou lentamente a asa que lhe servia de proteção, revelando a cabeça, semelhante à de uma raposa feroz; os olhos redondos e grandes, de um castanho límpido; e a boca longa e pontuda, com fileiras e mais fileiras de dentes estreitos e afiados.

Uma coleira no pescoço da Fera chamou a atenção de Artur. Ou, mais exatamente, a coroa de prata presa sob o queixo, que fazia a criatura parecer uma figura bizarra saída de um brasão de família. Uma corrente saía da coroa-coleira e se perdia na escuridão.

Quando a Fera abriu a boca, Artur esqueceu a coroa. Mas, antes que pudesse pensar em fazer alguma coisa, ele viu a criatura levantar a pata e abocanhar o que segurava.

— Pare! — gritou Artur. — Não coma o coitado!

O grito perdeu a força quando ele viu que, na verdade, o animal só tinha engolido as roupas do Servo. Como segundo prato, já que as asas com certeza

tinham sido o primeiro.

— Eu não ia comer — protestou a Fera com uma voz estridente que, por incrível que pareça, lembrava a de uma criança pequena. — Eu nunca como. Embora goste das embalagens. Mas com moderação, é claro.

Cuidadosamente, a Fera deitou o Habitante sobre as pedras coloridas que se deslocaram como feijões no saco. Conforme a criatura se movimentava, deixando a luz passar pela asa, Artur via através da membrana linhas e linhas digitadas se moverem entre os ossos.

— Você é a Quinta Parte! — ele exclamou.

O alívio transpareceu em um tom agudo na voz que saiu um pouco parecida com a da própria Fera.

— Do Testamento, quero dizer — emendou Artur.

— Claro que sou, queridinho.

— Meu nome é Artur. Sou o Herdeiro Legítimo da...

— Já sei, já sei. Estava mesmo a sua espera.

— Oh... Você sabia que eu vinha?

— Sobrevivente das Trevas conversa um pouco comigo de vez em quando. Ela é uma Habitante corajosa. A maioria deles não consegue voltar ao Esconderijo. Quando a máscara e a roupa de couro são retiradas, por alguma razão, ocorrem alterações psicológicas profundas.

Artur olhou para o Habitante inconsciente.

— E o que acontece com eles depois?

— Vagueiam pelos caminhos ocultos e procuram outra ocupação. Muitos vão ser Empurradores de Papel no canal. Agora, você se importa de tirar a minha corrente? Os afazeres são muitos e, embora excesso de trabalho faça mal, acho bom tentar realizar alguma coisa por dia.

— Certo.

Dizendo isso, Artur se aproximou do Testamento, não sem certa dificuldade, já que as pedrinhas teimavam em escorregar por baixo de seus pés.

— Que pedras são estas? — ele perguntou.

O Testamento olhou para baixo e respondeu:

— Um passatempo. Eu fiz uma para cada semana de confinamento. São muitas, não é? Acho que não deveria ter juntado tantas, mas aqui embaixo, na Escuridão Interior, é muito monótono. Sexta-Feira costumava vir de vez em quando conversar comigo também, mas parece que arranjou outros afazeres.

— Pode-se dizer que sim.

Artur se esticou e tocou a corrente, para ver de que material era feita e se haveria alguma possibilidade de soltar a Fera sem usar a Quarta Chave. Mas, tão logo seus dedos tocaram o metal, os elos se abriram, embora a coroa-coleira permanecesse em torno do pescoço do Testamento.

— Excelente! O toque do Herdeiro Legítimo é verdadeiro! Estou contente por não estar diante de um impostor. Eu não tinha a menor vontade de comê-lo.

— Isso muito me agrada.

Artur começava a gostar da Quinta Parte do Testamento, que parecia bem mais relaxada e normal do que as outras... levando-se em consideração que aquele era um monstro gigantesco, meio morcego, meio dragão.

— Agora me fale do seu plano infalível e diabolicamente inteligente — pediu o Testamento.

E depois de flexionar as asas, quase jogando Artur sobre as pedras, continuou:

— Desculpe. Um breve alongamento, antes de ajustar meu tamanho. Foi muito incômodo ficar tanto tempo sem poder diminuir.

— O plano... — começou Artur. — O plano...

Embora de boca aberta, ele não conseguia falar, pois ficou surpreso ao ver a Fera encolher diante de seus olhos, passando, em questão de segundos, de um monstro de mais de 10 metros de comprimento para uma estranha criaturinha do tamanho de um cachorro em miniatura.

— Pequeno demais? — perguntou o Testamento, saltando para o ombro de Artur.

O grito agudo que soltou nesse momento, parecido com o de um papagaio, soou muito estranho vindo de uma boca de morcego avermelhada. A cauda de dragão, pendurada nas costas de Artur, fazia cócegas.

— Importa-se se eu pegar uma carona? Voar é muito bom, mas não por longos períodos. Agora fale do plano.

— O plano é... — recomeçou Artur. — Não é bem um plano. Parece que a Sra. Sexta-Feira abdicou...

— Nada disso — interrompeu o Testamento. — Não oficialmente. Para ser oficial, ela teria que me comunicar, e não falou comigo.

— Será que Sexta-Feira deixou a Chave no Escritório para que o Tocador de Gaita, Sábado ou eu fôssemos até lá pegá-la?

— Também não. A Chave não está na Casa. Está em algum lugar nos Reinos Secundários. Eu sinto.

— Bem, o Tocador de Gaita e Meio-Dia de Sábado foram ao Escritório para pegar a Chave. Espero que tenham se matado. Eu pretendia ir lá com um destacamento de Jovens Dourados ver como estão as coisas, mas...

— Mas o quê? Para mim, parece um bom plano. Simples. Plano muito complicado não funciona. Simples e direto. Vamos para lá, então.

— Mas, se a Chave não está lá, de que adianta?

Apesar do protesto, Artur começou a escalar a escada.

— Pode ser que se encontre alguma coisa útil. Tenho o palpite de que devemos dar uma olhada de qualquer jeito. A Sra. Sexta-Feira parece ter perdido o juízo. Não se sabe o que ela fez. A propósito, como está o resto de mim?

— O resto de você?

Artur olhou em volta como se o Testamento pudesse ter perdido a cauda ou deixado algum pedaço para trás.

— O resto do Testamento!

— Ah, a Primeira Dama! Acho que vai muito bem. Embora, depois da incorporação da Quarta Parte, tenha se tornado um tanto... vingativa.

— Humm, interessante. Bem, a falta de um pedaço sempre desequilibra, se é que você entende o que quero dizer.

— Não, não entendo.

— Influência moderadora. Temperamento tranquilizador, esse tipo de coisa. Sou conhecido por isso. A propósito, trouxe as outras Chaves com você? Quero dizer, deixou alguma lá em cima ou em outro lugar? Sinto apenas a Quarta ao seu lado.

— É isso mesmo. A Primeira Dama controla as outras como minha representante. Ela também está com o meu Atlas Completo.

— Humm... Ainda assim, é improvável que eu faça qualquer coisa muito desequilibrada sem o resto de mim... Mas talvez seja melhor andarmos depressa. Deixe a escada para lá. Use estas asas. Você se incomoda se eu me agarrar na sua orelha? Upa! Upa!





Capítulo 22

Incentivado pelo Testamento, Artur voou para cima bem depressa. Sua saída do bueiro foi recebida com alguma incredulidade, uma vez que ele tinha descido havia apenas vinte minutos. O pequeno animal em seu ombro também despertou a curiosidade de Fred e Suzy, que foram apresentados a ele imediatamente. Depois de explicada a ausência do Servo guia, o Testamento disparou pelo corredor, convocando os outros a fazerem o mesmo.

A saída do Esconderijo foi bem diferente da entrada silenciosa. Era ainda maior o número de Servos que lotavam a galeria. À passagem do Testamento, eles se ajoelhavam e faziam estranhos ruídos em reverência. Alguns mais entusiasmados agitavam as asas.

Sobrevivente das Trevas esperava perto da saída. Ela se ajoelhou diante do Testamento, que voou e pousou sobre sua cabeça. Os dois falaram baixo, suficientemente baixo para que ninguém ouvisse, depois o Testamento voou de volta para o ombro de Artur.

— Obrigado — agradeceu Artur.

Suzy e Fred fizeram coro.

A Serva fez um sinal simples, seguido de uma profunda reverência, e voltou à galeria.

— Eu conheço aquele sinal — disse Suzy. — Era um adeus.

— Era um até logo — corrigiu Fred. — O que não é a mesma coisa.

— Na verdade, era “voe para longe” — definiu o Testamento. — Com uma pitada de “voe rápido”. Que é o melhor que temos a fazer. Talvez eu deva crescer um pouco e proteger os olhos da luz do sol.

O Testamento saltou do ombro de Artur e, antes de tocar o chão, já tinha aproximadamente o tamanho do menino. Tinha também pálpebras internas escurecidas, que piscavam de forma estranha.

— Eu vou na frente — decidiu Artur. — Por precaução. Também preciso avisar os Jovens Dourados que a asa de Fred pode falhar.

— Não vai falhar — argumentou o Testamento. — Ele teria que perder muito mais penas para que isso acontecesse.

— Ainda assim, vou primeiro — insistiu Artur. — Para... digamos... preparar o terreno.

— Os Jovens Dourados me reconhecem pelo que sou — disse o Testamento, interpretando corretamente o cuidado de Artur.

— Mas Ugham pode não reconhecer, e ele é rápido com a lança. Esperem um pouco antes de sair.

Ugham e os Jovens Dourados continuavam voando em círculos. Artur ficou de pé na borda da fenda e chamou-os, avisando que o Testamento iria aparecer. Então, saltou, abrindo as asas e subindo para se juntar aos companheiros de voo.

Suzy saiu logo, seguida pelo Testamento e por Fred, todos bem. Acompanhado por Artur, o Testamento começou imediatamente a subir em direção ao Escritório no topo da montanha. Suzy e Fred foram atrás, batendo as asas com força para alcançá-los e para ficar longe de Ugham, que lhes lançava olhares de reprovação por terem fugido dele, embora não os repreendesse abertamente. Artur percebeu no Novica um forte senso prático, pois tentava cumprir seu dever sem se prender a desobediências passadas. Pelo menos ele esperava que fosse assim.

A menos de cem metros do pico, o Testamento diminuiu a velocidade e se voltou, dizendo:

— A preparação é a primeira parte da prática!

— O quê? — perguntou Suzy.

— Preparar armas! — gritou Quinze.

Em seguida, retirou um pequeno arco curvo do estojo que trazia junto do corpo e, na bainha presa à perna, pegou uma flecha curta e grossa.

— Apontar flechas!

Os 40 Jovens Dourados imitaram seus movimentos com habilidade.

— Dez para cima, dez à esquerda, dez à direita, dez comigo! — comandou Quinze.

Os Jovens Dourados se organizaram em grupos. Conforme as ordens, dez permaneceram com Artur e seu líder.

O grupo sobrevoou a montanha, e Artur achou o Escritório um tanto simples. Bem no topo, havia uma parte plana do tamanho de uma quadra de tênis e nela uma construção redonda, com a cúpula em forma de cebola. A cúpula dourada impressionava, mas o metal estava descascado em vários lugares, revelando as telhas de madeira por baixo. O reboco amarelo das paredes também precisava de reparos. Não se viam janelas.

Corpos estavam amontoados perto da única porta. Artur pairou no ar para ver se reconhecia alguma criança do Tocador de Gaita, mas os corpos eram de Habitantes, possivelmente Auditores Internos de Sábado. Todos vestiam casacos compridos e pretos, ao estilo século 19, e usavam longas perucas empoadas. A maioria segurava espadas cujas lâminas pareciam uma versão ampliada de penas de canetas-tinteiro.

— Não eram adversários à altura do Tocador de Gaita — comentou Suzy.

— Realmente — concordou o Testamento. — O Tocador de Gaita é um indivíduo extremamente poderoso. Mas nós temos a mim, e lorde Artur tem a Chave. Vamos em frente!

Ele desceu, aterrissando em frente à porta. Um dos Auditores Internos, que parecia morto, saltou imediatamente, apontando a espada, mais como uma arma de fogo do que como uma arma medieval. O Testamento riu e passou por baixo do jato de Tinta Ativada que a ponta da espada esguichou. Em seguida, pulou e deu uma mordida no cotovelo do Auditor. O Habitante suspirou, abaixou a arma e se deixou cair como um peixe invertebrado.

— Belo golpe! — exclamou Suzy claramente impressionada.

Artur pousou em meio a um turbilhão de asas e Jovens Dourados. Dez permaneceram no alto, enquanto outros desceram e se colocaram em formação em torno dele, de Fred e de Suzy. Eram tantos, e estavam tão juntos, que Artur teve dificuldades para chegar à porta pela qual o Testamento já estava entrando.

O Tocador de Gaita os esperava sozinho no meio de um círculo formado por crianças deitadas e pelo corpo inerte de um Habitante superior. Vestido como um perfeito cavalheiro vitoriano, ele tinha o colete cor de vinho manchado com seu sangue azul. Ao seu lado, havia uma bengala de ébano quebrada e uma cartola amassada.

As crianças do Tocador de Gaita eram as mesmas que tinham estado com Artur na malfadada invasão do Grande Labirinto. Artur reconheceu todas imediatamente: Mercúrio, Pote de Cola, Cerdas Amarelas, Toldo, Meio Corte, Sabre e Hermínia.

O casaco amarelo do Tocador de Gaita estava rasgado em vários lugares, como se dilacerado por armas, mas não havia sinal de ferimento. A máscara de aço que lhe escondia o rosto, como sempre, e o chapéu de Napoleão em tecido impermeável preto completavam o traje. Na mão direita enluvada, ele

segurava uma gaita de madeira. A mão esquerda, também enluvada, estava vazia.

No salão havia apenas uma pequena coluna em pedra escura. Sobre ela, via-se um espelho de prata muito brilhante que Artur imaginou ser a Chave.

Uma das crianças do Tocador de Gaita se mexeu no chão. Com a surpresa, Artur soltou o ar, percebendo só naquele momento que tinha parado de respirar.

— Estão vivas! — gritou Fred.

— Os subordinados de Sábado superestimaram seu poder de matar em comparação com o meu — falou tranquilamente o Tocador de Gaita.

Sua voz parecia tão melodiosa quanto era antes de a Quarta Parte do Testamento cuspir ácido nele.

Ele inclinou a cabeça antes de prosseguir:

— Vejo que, mais uma vez, Artur, trouxe a coisa que se intitula o Testamento para me atacar.

— Esta é outra parte — respondeu Artur. — Eu não sabia que a Quarta Parte ia fazer isso. Tinha avisado que não usasse nada venenoso.

Ele não tirava os olhos do Tocador, pois não sabia com certeza se ele faria ou poderia fazer alguma coisa caso levantasse a gaita.

— Suponho que pretenda reclamar a Quinta Chave também — disse o Tocador de Gaita.

— Vou, sim. Mas aquilo não é a Chave. Sexta-Feira quis nos enganar jogando um contra o outro. E parece que conseguiu.

— Está dizendo que aquela não é a Chave? Mas você está aqui, com o Testamento e um grupo de belos Jovens Dourados. Eles são ótimos, não? Também são meus em essência, vocês sabem.

Aquelas não eram simples palavras. Continham um poder quase palpável e Artur percebeu que Quinze se encolhia durante a fala do Tocador.

— Sim, mestre supremo Tocador de Gaita — disse Quinze.

Os Jovens Dourados fizeram coro em voz baixa.

— Sem mencionar Banneret Ugham — continuou o Tocador de Gaita.

Bastou um ligeiro movimento com a mão direita e Ugham foi para perto dele.

Artur não tirava os olhos da cena.

“Uma estocada no coração”, ele pensou, “se levantar a gaita...”

— Tudo isso é muito chato e não leva a nada — interrompeu o Testamento. — Esta não é a Chave. Mais do que isso: é quase certo se tratar de uma armadilha da pior espécie. Fariamos melhor saindo e continuando a discussão lá fora.

O Tocador de Gaita ignorou a interrupção.

— Ugham, pegue o espelho que está sobre a coluna de pedra.

— Não! — gritou Artur. — É uma armadilha! E se fosse a Chave ela o mataria!

Ugham fez sinal de que havia entendido e falou:

— Sabemos que o nosso príncipe não nos ama, só quer nossos serviços. Mas ele nos fez e essa não é uma dívida fácil de pagar. Nós o servimos com toda a honra que nos resta. Há uma questão, porém, antes que eu pegue o objeto...

— Eu disse para pegar o espelho, Ugham! — cortou o Tocador de Gaita.

Ele falou sem se mexer. A máscara de aço continuava voltada para Artur, mantendo os buracos escuros onde se encontravam os olhos diretamente em linha com o olhar dele.

— Não deseja ouvir um assunto de importância, senhor? — perguntou Ugham.

— Ande logo com isso! — insistiu o Tocador de Gaita com voz cortante.

Ugham concordou novamente, abaixou-se e deixou no chão a lança, o soco-inglês e a espada. Depois, enfiou a mão dentro do casaco e tirou um papelzinho dobrado que colocou embaixo da faca. De pé, encarou Artur e piscou o terceiro olho, que ficava acima da testa.

— Não faça isso, Uggie! — pediu Suzy.

Ela ia dar um passo para a frente, mas Artur a segurou pelo cotovelo.

— Muito sensato da sua parte, garoto — disse o Tocador.

Sua voz saiu mais suave, mas tão carregada de ameaças que Artur sentiu como se estivesse preso em um quarto com uma bomba. Embora não tivesse ideia de todos os poderes do Tocador de Gaita, não se sentia seguro para enfrentá-lo, mesmo contando com a Quarta Chave e o Testamento. Ainda mais com os Jovens Dourados unidos contra ele.

“Sem falar que, a um toque daquela gaita, Suzy e Fred ficariam paralisados”, pensou.

Ugham saudou o Tocador de Gaita, porém incluiu Artur, Suzy e Fred na saudação. Em seguida, dirigiu-se rapidamente para a coluna de pedra e pegou

o espelho.

Não houve resultado imediato. Os ombros de Ugham se relaxaram um pouco, ele deu um passo para trás, começou a voltar-se... e o chão de pedra sob seus pés rangeu, envergou e depois desapareceu. A área de 3 metros de diâmetro foi substituída por um redemoinho de Nada.

No momento em que o chão se desfez, Ugham foi destruído. Ele não teve tempo de reagir nem de gritar; dissolveu-se instantaneamente na completa escuridão do Nada.

Os outros tinham poucos segundos. Pedras caíam enquanto o redemoinho se espalhava.

O Tocador de Gaita foi o primeiro a reagir. Com a gaita, desenhou degraus no ar, criando uma entrada piara a Escada Improvável e saltando sobre ela no exato momento em que o solo embaixo de seus pés desaparecia.

Os demais, inclusive as crianças do Tocador de Gaita, que continuavam inconscientes, foram repentinamente varridos por uma gigantesca cauda escamosa. Jogado de pernas para o ar, Artur se viu arrastado na direção de uma parede. Então o Testamento cresceu, derrubou a parede e arrastou todos com ele para uma segurança temporária.

Contudo, foi somente uma breve pausa. O redemoinho continuava a crescer. Em pânico, os Jovens Dourados se reuniram no ar em volta de Artur, que lutava para ficar de pé. Suzy tentava segurar Mercúrio, Fred abraçava Sabre, batendo as asas freneticamente.

— A Chave, Artur! — gritou o Testamento. — Use a Chave! Esta é uma abertura para o Vazio!





Capítulo 23

De asas abertas, Artur se equilibrou na beiradinha da montanha e ergueu a Quarta Chave. Ela manteve a forma de bastão e acendeu uma luz interna que refletia o anel de crocodilo, mais ouro do que prata.

Uma espécie de turbilhão partiu em direção a Artur, e o topo da montanha escureceu por completo. Instintivamente, ele sabia: a brecha que dava acesso ao Vazio tanto se expandia para os lados como para baixo, devorando a base da Casa.

Artur se concentrou no turbilhão e na Chave, reconstruindo mentalmente a cena que tinha visto minutos antes, durante o voo de subida.

— Seja como antes — disse. — A Casa reconstruída e o Nada banido.

A Chave se aqueceu, porém o Nada continuou a se espalhar, embora mais lentamente.

“Não consigo!”, pensou Artur. Subitamente em pânico, ele perdeu a concentração, fazendo com que o Nada voltasse a se espalhar com rapidez. A destruição já chegava a seus pés. “A Quarta Chave não tem força bastante na Casa Intermediária! Preciso da Quinta Chave e não a tenho!”

“Você sabe que pode”, foi a ideia que surgiu espontaneamente em sua cabeça. Ele tinha certeza de que a transmissão de pensamento era obra da Quinta Parte do Testamento, embora a Fera parecesse calma e relaxada. “Você é lorde Artur, detentor das Quatro Chaves, apesar de portar apenas uma. Imagine estar com todas. Juntas, elas têm poder mais do que suficiente.”

Com uma careta por causa do esforço de concentração, Artur imaginou sentir ao lado do corpo o peso da espada feita do ponteiro de relógio, que era a Primeira Chave; nas mãos, a aspereza das luvas, que eram a Segunda Chave; no cinto, o tridente, que representava a Terceira Chave; e, na mão direita, o bastão pesado da Quarta Chave.

— Fora!

Em seguida à ordem de Artur, o Nada desapareceu e o topo da montanha voltou a ser apenas rocha nua, a não ser por escombros na borda, mesmo depois de o Testamento ter dado uma boa varrida com a cauda.

Artur olhou para as mãos e piscou, como se não acreditasse no que via. Ele usava mesmo as luvas da Segunda Chave. O ponteiro do relógio da Primeira Chave estava mesmo ao seu lado. A Terceira Chave pendia mesmo de seu cinto.

— Como... Como eu fiz isso? — ele sussurrou.

— Não me pergunte — respondeu Suzy, descendo ao lado dele. — Mas sei que a Primeira Dama vai ficar muito aborrecida.

— Acho que serei capaz de compreender as circunstâncias. Assim que me reunir a mim mesmo. Aquela brecha poderia ter destruído a Casa Intermediária inteira — disse o Testamento.

Pousado no ombro de Artur, ele havia voltado à forma de papagaio.

— Exatamente — falou Artur ainda surpreso. Preciso parar de dizer aquilo, não? Em especial quando algo dá errado... Ugham está morto... As crianças do Tocador de Gaita...

— Mercúrio e Sabre estão aqui — disse Fred triste, agachado ao lado das duas crianças. — Parecem estar só dormindo. Mas as outras...

Ele concluiu a frase apontando a cratera rasa, de paredes lisas, formada pelo transbordamento do Nada.

— E os Jovens Dourados? — perguntou Artur ao não ver nenhum.

Fred apontou para baixo, e Artur olhou. Via-se o faiscar do ouro e muitas pequenas figuras a distância.

— Estão voando para casa — disse o Testamento. — Meio confusos. Realmente, é o melhor lugar para eles. Não há lugar como a nossa casa.

— É... — concordou Artur com amargura.

Ele olhou para o anel que trazia no dedo, observando com resignação o aumento do ouro, e completou:

— Embora nenhum de nós esteja a caminho de casa.

— Aonde vamos? — perguntou Fred.

— Procurar a Sra. Sexta-Feira — respondeu Artur. — Pegar a Quinta Chave.

— Como fez o Tocador de Gaita? — indagou Suzy ansiosa. — Os elevadores não funcionam para nós, a Porta da Frente está trancada, os telefones desligados...

— Vamos pegar a Escada Improvável até a Sala de Estar de Segunda-Feira — explicou Artur. — E, através dos Sete Relógios, chegamos ao local onde Sexta-Feira estiver, nos Reinos Secundários, depois de localizá-la pelo Atlas.

— Mas você não quer usar as Chaves! — exclamou Fred.

— Não. Não quero. Ugham também não queria morrer pelo Tocador de Gaita...

Fred concordou, mesmo sem entender aonde Artur queria chegar.

— Acho que se pode chamar de honra — explicou Artur. — Ou responsabilidade. Ou alguma coisa do gênero. Vamos. Fera, você pode usar a Escada?

— Se me guiar, lorde Artur. Ou se me levar no ombro.

— Melhor deixarmos as asas para Mercúrio e Sabre — decidiu Artur.

Sem hesitação, ele arrancou as asas que usava e entregou-as a Fred, para que deixasse perto das crianças do Tocador de Gaita ainda adormecidas. Suzy também se livrou das asas e pegou as armas de Ugham, embora da espada só tivesse sobrado o cabo e da lança só existisse uma lasca da haste. Ela pegou também o pedaço de papel que guardou em um bolso interno.

Fred dobrou as asas danificadas e guardou-as no bolso, já que dois pares eram suficientes.

— Vamos, então — chamou Artur.

Com a Quarta Chave e muita confiança, ele desenhou degraus fora da montanha. Sempre confiante, pulou sobre o primeiro degrau, aparentemente no ar. Suzy foi em seguida, agarrando-se à parte de trás do cinto de Artur. Por ter hesitado, Fred pulou desajeitadamente e quase não conseguiu pegar a aba do casaco de Suzy.

Os três, com o Testamento sobre o ombro de Artur, desapareceram. Tinham deixado a Casa Intermediária.





Capítulo 24

Folha começou a acordar. Por alguns momentos, pensou estar vivendo um sonho desagradável. Ao estar totalmente desperta, porém, percebeu que não era sonho.

O rosto de Harrison, logo acima do dela, era a imagem da ansiedade. Ele segurava uma colher cheia de um líquido azul e repugnante.

— Acorde! — ele chamou. — Acorde!

Folha levantou a cabeça devagar e limpou a boca com as costas da mão. Quase machucou o lábio, por não controlar o braço, que ainda estava dormente. Ela não se surpreendeu com a mancha azul que lhe ficou na mão.

— O que foi? — perguntou ainda confusa. — Quem...

— Sou eu, Harrison. Acorde! Temos que nos esconder!

Por fim, Folha se sentou. Seu pobre e estressado cérebro começava a colocar as ideias em ordem.

“Harrison... Sonâmbulos... Sra. Sexta-Feira... Experiências... Meio-Dia de Sexta-Feira...”

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

Sua intenção foi parecer incisiva, mas as palavras saíram emboladas. A boca de Folha ainda estava em processo de recuperação.

— A Sra. Sexta-Feira enlouqueceu completamente! — falou Harrison com voz aguda. — Está absorvendo as experiências de todo mundo! De todos os sonâmbulos ao mesmo tempo! Precisamos nos esconder!

— Todos os sonâmbulos?

— Todos os mortais do lugar! Os Habitantes estão levando todo mundo para a cratera. Vão chegar aqui em um minuto!

Folha olhou em volta. Estava em um salão repleto de pessoas adormecidas, muito parecido com o Salão Amarelo de Preparação. A diferença eram as paredes pintadas de cor-de-rosa.

— Esta é a última enfermaria! — falou Harrison atropeladamente, puxando Folha para fora da cama. — Venha!

Ela se deixou levar, mas perguntou:

— Por que quer me ajudar? Por que não se salva simplesmente?

— Eu disse que ia ajudar, não disse?

Nervoso, Harrison abriu a porta, olhou para um lado e para o outro do corredor e chamou:

— Venha!

Folha obedeceu, tentando andar e pensar ao mesmo tempo. Depois de alguns passos, o esforço produziu resultados razoáveis. No entanto, raciocinando melhor, ela parou, dizendo:

— Tia Manga! Tenho que pegar minha tia!

— Ela já está na cratera. Todo mundo está — disse Harrison, espiando pelo patamar da escada. — Vão pegar as pessoas do Salão Rosa de Preparação a qualquer momento. Depressa!

Sem parar de falar, Folha seguiu Harrison escada abaixo.

— Precisamos impedir a Sra. Sexta-Feira. Ela não pode...

— Ela pode — interrompeu Harrison. — E vai. Não há nada a fazer a não ser procurar um esconderijo e torcer para sobreviver.

— Por que ela está fazendo isso? Por quanto tempo eu dormi?

— Por quê? Sei lá! Tudo aconteceu de repente. Axilrad recebeu a ordem. Eu comecei a ajudar. Então, lembrei que estava incluído em “todos os mortais”. Você dormiu por umas cinco ou seis horas. Sem consequências, com certeza.

— Temos que arranjar armas e seguir para a cratera. Se pelo menos conseguirmos distrair a Sra. Sexta-Feira...

— Vamos morrer! Use a cabeça. Será muita sorte se conseguirmos nos salvar. Espere aí! Aonde você vai?

— À cratera. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer.

— Vai ser apanhada! — falou Harrison entre dentes. — Vai ficar sem as suas experiências! Está tão maluca quanto Sexta-Feira!

— Obrigada por me acordar. Pelo menos uma coisa boa você fez.

— É isso aí!

Harrison desceu barulhentemente a escada, deixando Folha para trás.

“Preciso de um arco e flecha, de uma arma de fogo, de um estilingue”, pensou Folha. “Alguma coisa para atirar em Sexta-Feira quando ela se encapitar naquela pedra... Então, ela se distrai e eu fujo... Não, não vai dar certo... Talvez Harrison tenha razão...”

Nos olhos de Folha, brotaram lágrimas de raiva que ela enxugou enquanto subia a escada. Não sabia bem o que fazer, mas não podia ficar de braços

cruzados. Talvez jogasse uma pedra lá de cima, embora não acreditasse ser capaz de acertar o meio do lago.

Ao chegar ao nível seguinte, que reparou ser o círculo 8, Folha pegou o medalhão do Marinheiro.

— Esta é provavelmente a última vez em que peço ajuda — ela disse. — Se não vier logo, vai ser tarde demais. A Sra. Sexta-Feira está absorvendo as experiências de todo mundo. Deu tudo errado. Preciso de ajuda agora!

O medalhão não se alterou; continuou sendo um pedaço de osso entalhado que Folha recolocou no lugar. Ela continuou a subir, enquanto uma ideia se formava em sua mente: se todos os Habitantes estavam ocupados conduzindo os sonâmbulos à cratera, talvez o círculo 10 estivesse vazio. Havia uma chance razoável de que ela encontrasse alguma coisa útil na sala de Meio-Dia.

Qualquer tipo de arma. Um telefone novo. Alguma coisa.

“Ou pode ser que eu reencontre Meio-Dia de Sexta-Feira.” O pensamento fez Folha estremecer, porém ela se forçou a seguir adiante, sempre bem junto da parede para aproveitar a pouca sombra que havia sob os bicos de luz.

O círculo 10 parecia tão deserto quanto antes, o que provocava uma falsa sensação de segurança; poderia haver Habitantes dentro das salas prontos para fazer uma surpresa. Folha avançou o mais silenciosamente possível, orientando-se pelos números das portas.

Ela passava pela marca de 9 horas quando percebeu um movimento em frente, na altura de 11 horas. Se não estivesse tão preocupada, talvez não tivesse notado, já que a “coisa” era pequenina e se movia muito devagar.

Um rabo peludo, cinza-esverdeado, a ponta de uma vagem ambulante. Como a planta explorava os cantos do corredor, foi ficando mais visível, revelando partes mais grossas próximas ao corpo.

Folha parou e começou a recuar lentamente. Depois de alguns passos, viu outro rabo peludo, desta vez atrás. Estava entre duas plantas e teria que passar por cima delas para alcançar a escada.

Ela prendeu a respiração e devagar, devagarzinho, aproximou-se da porta das 9 horas. Pegou a maçaneta e começou a girar, mas encontrou resistência. Estava trancada.

Folha pensou em arrancar o bico de luz e usar contra as plantas, como lança-chamas. Mas logo desistiu, já que não se via tubo algum; apenas a cabeça de dragão, em bronze maciço, presa ao teto.

O rabo peludo mais próximo interrompeu o que parecia ser a exploração do corredor e, de repente, ondulando o corpo como uma cobra, avançou assustadoramente na direção de Folha.

Ela fechou os olhos e se lembrou das palavras de Milka: *Agradeça por vocês, mortais, morrerem depressa.*

Um estalo terrível encheu o ar e Folha sentiu uma dor insuportável atingir todos os ossos de seu corpo, sem poupar os dentes nem o crânio. Ela gritou e caiu.

— Acerte os relógios, Espirrador — disse Artur.

Ele estava fora do círculo dos relógios, ainda vestido com as roupas de papel e segurando as Quatro Chaves. A viagem pela Escada Improvável tinha corrido melhor que o esperado, com apenas uma parada imprevista. Depois da chegada, Artur tivera tempo apenas para uma conversa rápida com o doutor Scamandros, que estava então ao lado dele, acompanhado da Quinta Parte do Testamento, de Suzy e de Fred. Espirrador, o mordomo, permanecia no interior do círculo formado pelos sete relógios de pé acertando o horário que Scamandros e ele tinham calculado para a retirada da Sra. Sexta-Feira.

— Tem certeza de que Folha não mencionou a minha mãe?

— Certeza absoluta — garantiu o doutor Scamandros. — Folha tinha pouco tempo. Estou preocupado com ela.

— Eu também — concordou Artur. — Conseguiu telefonar para a Primeira Dama?

O doutor Scamandros fez que não.

— Nem tive sorte com os telegramas. Voltaram todos com a indicação “Devolvido ao remetente”.

— Os relógios foram ajustados para podermos olhar, senhor — explicou o Espirrador, saindo do círculo. — Posso sugerir que deem uma olhada antes de passar?

— Somente pelo tempo suficiente para verificar se não se abre para o Nada — respondeu Artur. — Não quero demorar. Pode acontecer alguma coisa a Folha e a minha... aos outros mortais.

Enquanto ele falava, uma coluna de fumaça branca surgiu do chão, entre os relógios, e se espalhou rapidamente, formando uma nuvem em espiral. Um brilho prateado cada vez mais forte se misturou ao branco.

Artur piscou os olhos uma vez. Foi tempo suficiente para a nuvem se transformar em uma janela para outro mundo. Ao olhar, ele viu, de pé diante

de um lago, uma multidão de seres humanos. No meio do lago, havia uma coluna de pedra, tendo sobre ela uma cadeira prateada. Uma figura alada pairava exatamente acima da cadeira... Uma Habitante muito alta, com enormes asas amarelas, segurando na mão direita um objeto incrivelmente brilhante.

— Espirrador! — chamou Artur imediatamente. — Precisamos passar agora!

O mordomo saltou com tanta rapidez para dentro do círculo que seus cabelos brancos lhe cobriram o rosto, e a cauda da casaca lhe chegou à cintura. Habilmente, ele acertou os ponteiros dos relógios e, com outro salto, saiu do círculo, dizendo:

— Vá, senhor!

Artur e os companheiros entraram no círculo quase com a mesma rapidez do Espirrador, no exato momento em que os relógios começaram a soar.





Capítulo 25

— Levante-se, mocinha.

Folha abriu um olho. Deitada no chão, ergueu um pouco a cabeça para ver se algum ser lhe furava o peito ou se tinha algum terrível organismo botânico implantado no corpo com a intenção de matá-la mais lentamente do que Milka havia previsto.

Não encontrou nem uma coisa nem outra. Nem sinal das vagens. Viu apenas um velhote alto, de cabelos brancos e barba branca por fazer. Seus penetrantes olhos azuis estavam fixos nela. Ele usava um casacão azul, calça azul e botas de cano alto dobradas na altura do joelho. Tinha as mãos ossudas e na direita segurava um arpão de quase 3 metros, que brilhava a ponto de ofuscar os olhos.

— Capitão! — Folha conseguiu falar. — Senhor!

O Marinheiro se inclinou e pegou a garota pelo cotovelo.

— Melhor andarmos depressa — ele disse. — Quebrei a cúpula ao descer com meu barco. Além disso, umas plantas horrorosas estão subindo. Sem falar que é melhor evitarmos um encontro com Sexta-Feira. Ela não vai ficar nada satisfeita.

Folha tentou respirar fundo, mas acabou engasgando, e o engasgo se transformou em soluço. O Marinheiro lhe deu um tapa nas costas que quase a jogou contra a parede.

— Isso não são modos de um grumete do Louva-a-Deus — ele ralhou. — Você está em segurança agora.

Folha prendeu os soluços e se endireitou.

— Perdão, senhor — disse, imitando sem querer seu mentor, o grumete Alberto. — Mas há muitos mortais na cratera que precisam ser resgatados. Inclusive minha tia.

— Mortais a serem resgatados! Pelo visto, entrei em uma tempestade. Bem, vamos avaliar a situação. Conhece algum local de onde eu possa observar o panorama?

— Uma janela grande. No Círculo 6, mais ou menos 20 passados. Fica embaixo, um pouco para lá.

— Então vamos — falou o Marinheiro com sua voz de trovão. — E depressa!

Folha fez que sim e se encaminhou para a escada, foi seguida de perto pelo Capitão. Por algum tempo, andaram calados, mas, quando chegaram ao Círculo 6, o Marinheiro pousou delicadamente a mão enorme sobre o ombro da garota, fazendo-a parar.

— Ainda está com o medalhão? — ele perguntou.

— Estou, sim, senhor.

— É melhor devolvê-lo a Artur assim que puder. Ele não deve mudar de mãos.

— Sinto muito. Eu não sabia...

— Não faz mal. Mas tenho outros afazeres. Devo atender a três chamados. Devo isso a Artur. Este foi o segundo. Na terceira e última vez, o pedido deve ser feito pelo próprio Artur.

— Sim, senhor.

O Marinheiro levantou a mão, indicando que deviam prosseguir.

A janela ficava onde ela havia indicado. A vidraça, ou alguma coisa parecida, tinha 2 metros de largura por 1 metro de altura e dava para o lago e para o fundo da cratera, alguns metros abaixo.

— Ali! — apontou Folha. — Toda aquela gente, os sonâmbulos alinhados na margem. Oh, Sexta-Feira já está em cima da pedra! Ela vai usar a Quinta Chave para sugar as memórias deles... Para absorver suas experiências!

O Capitão observou a cena: a Sra. Sexta-Feira sentada na cadeira de prata encaixada sobre a pedra; os milhares de sonâmbulos em volta da cratera; e os 12 ou mais Habitantes pairando em círculo acima de Sexta-Feira.

— A situação é complicada — ele disse. — Mas a posição é boa.

Em seguida, encostou a ponta do arpão no vidro, que se soltou inteiro, caindo sobre a rocha lá embaixo. Folha estremeceu ao sentir uma onda de dor e náusea, mas logo se recuperou. Ela sabia que a sensação era causada pelo uso do arpão e se afastou silenciosamente do Marinheiro.

— Agora — ele raciocinou — talvez eu possa fazer dois bons arremessos antes que nos ataquem. Quais devem ser os meus alvos?

Lá embaixo, a Sra. Sexta-Feira ergueu a mão, e o espelho que era a Quinta Chave brilhou ainda mais.

— Depressa! — gritou Folha. — Ela vai...

O brilho da Chave iluminou todos os cantos e frestas da cratera, eliminando toda e qualquer escuridão. O lago e a cúpula piscaram repetidamente uma luz prateada, dos olhos e das bocas dos milhares de sonâmbulos saíram inúmeras fitas coloridas que correram para a mão da Sra. Sexta-Feira. Ela agarrou as fitas, e o espelho que segurava tomou as cores do arco-íris, que se espalharam por seu braço.

A Sra. Sexta-Feira levantou o espelho, inclinou a cabeça e abriu a boca mostrando os dentes perfeitos.

— Faça com que ela pare! — gritou Folha. — Não deixe que ela engula!
— É a voz de Folha!

Ao falar, Artur tropeçou no piso rochoso da cratera, derrubando vários sonâmbulos. Por algum motivo, estava meio desequilibrado e tropeçou novamente antes de conseguir se endireitar. Ele ouvia a voz da amiga, porém não conseguia vê-la nem entender o que dizia. Enxergava apenas um mar de sonâmbulos, Sexta-Feira encarapitada sobre a pedra e os Habitantes pairando acima dela.

O Testamento, que vinha logo atrás, avisou:

— Ela está usando a Chave... de maneira diferente!

Dizendo isso, ele reduziu ainda mais seu tamanho e se meteu entre dois sonâmbulos que mal se mantinham de pé.

— Estranho...

Dessa vez, foi o doutor Scamandros quem falou, saindo da luz branca que representava a passagem pelos Sete Relógios. Ele prendeu os óculos na testa para examinar o sonâmbulo mais próximo.

— Estão sugando destes mortais... Bem, não a vida, exatamente, mas é quase isso.

Folha tinha parado de gritar. Artur ia dar um passo à frente, quando ouviu um estalo vindo de longe e sentiu uma dor conhecida, que se refletia nos dentes. No momento seguinte, o arpão do Marinheiro desceu pela cratera. A arma ia exatamente na direção de Sexta-Feira, mas ela conseguiu escapar por uma fração de segundo, com um salto que transformou em voo, abrindo as asas amarelas. A Chave continuava em sua mão, com as cores do arco-íris e cheia de experiências.

— O Marinheiro! — gritou Sexta-Feira, apontando a parede da cratera. — Ataquem-no!

Uma dúzia de Habitantes, inclusive Meio-Dia, com seu inseparável monóculo, formaram um círculo no ar e voaram em direção à janela onde o Marinheiro mantinha a mão estendida, à espera da volta do arpão.

— Parem!

A voz forte de Artur tomou a cratera enquanto ele erguia as mãos calçadas com as luvas que eram a Segunda Chave e segurava o bastão que era a Quarta Chave.

— Chaves, tragam Sexta-Feira! E vocês, Habitantes, deixem o Marinheiro em paz!

Não parecia a voz de um garoto, mas o brado de um senhor poderoso se dirigindo aos comandados.

A Sra. Sexta-Feira saltou no ar na tentativa de voar para a sacada, lá em cima. Ainda segurava o espelho carregado de experiências, mas foi empurrada para trás, como que atingida por uma forte lufada de vento. Acabou estatelada diante de Artur em uma pose nada elegante. E não ligou quando vários sonâmbulos começaram a sair da formação.

— Então você escapou — ela se dirigiu calmamente ao Testamento. — O garoto fez o que você não conseguiu fazer.

— Isso mesmo, madame — respondeu o Testamento. — Chegou a hora de parar de perseguir este garoto... Que, aliás, não é um garoto apenas, mas lorde Artur, o Herdeiro Legítimo.

— Estou disposta a fazer isso — declarou Sexta-Feira. — Mas posso aproveitar um pouco mais? Sei que fui derrotada, mas somente como mortal consigo sentir realmente o gosto da derrota. Por favor me dê só uns minutinhos, para que eu aprecie mais uma vez os ricos sabores da vida mortal...

— Não — interrompeu Artur.

Ele guardou o bastão na bainha, levantou a mão e começou a falar:

— Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino, reivindico a Quinta Chave...

Sexta-Feira gritou, tentando enfiar o espelho na boca, o que fez as fitas com as cores do arco-íris se espalharem por seu rosto. Artur passou a falar mais depressa:

— ... e o consequente poder sobre a Casa Intermediária. Reivindico por sangue e ossos, conforme o Testamento e contra qualquer contestação!

O espelho voou da mão de Sexta-Feira para a mão de Artur. Com um grito, ela correu atrás do espelho, porém o garoto conseguiu se desviar, deslocando-

se um pouco além do que pretendia por causa da força de gravidade reduzida. Sexta-Feira se preparou para tentar novamente, mas o Testamento aumentou de tamanho e lhe cravou os dentes na nuca, sacudindo-a até filetes de sangue escorrerem por seu belo pescoço.

Artur olhou rapidamente para o espelho colorido que tinha nas mãos e para os sonâmbulos. Não se sentia um vitorioso. Ao contrário, carregava um sentimento de amargura, vazio e derrota.

— Acho que minha mãe está em algum lugar por aqui — disse. — Mas chegamos um pouco tarde.

O doutor Scamandros pigarreou e ergueu a mão.

— Ham, lorde Artur. Acredito que não seja tarde demais. A maioria das experiências coletadas deve estar ainda na Chave. É possível mandá-las de volta. Sexta-Feira sabe melhor que eu.

— Talvez seja — ela falou sem convicção. — Se a Chave tiver poder para isso... Não sou feiticeira.

— Artur, o Marinheiro está fazendo um sinal — avisou Fred.

Artur olhou para cima. Podia ver claramente o Marinheiro e sentiu uma onda de felicidade ao perceber que a figurinha ao lado dele era Folha.

— Artur! — chamou o Marinheiro com seu vozeirão próprio para dar ordens em alto-mar, quase tão poderoso quanto o grito de Artur amplificado pela magia. — Plantas perigosas estão entrando! Mande os Habitantes de Sexta-Feira se livrarem delas!

— O quê? — gritou Artur em resposta. — Perigosas o quê?

— Plantas! — gritaram em coro o Marinheiro e Folha, embora a voz dela estivesse abafada por completo.

Os Habitantes ouviram claramente, e todos, menos um, voaram em direção a Artur. Por um momento, ele pensou que fosse ser atacado, mas o grupo parou a uma boa distância e um deles falou:

— Lorde Artur, podemos lutar contra as plantas agora mesmo? Se elas não forem destruídas, vão tomar tudo!

— Vão e destruam as plantas — ordenou Artur.

E, olhando para cima, perguntou:

— Ei, aonde foram Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira?

— Lorde Artur, se me permite interromper... — disse o doutor Scamandros. — Existe um fator tempo na devolução das experiências. Se não for feita rapidamente, elas podem se estragar.

— Claro! Como faço para devolver as experiências?

Doutor Scamandros pareceu em dúvida. As tatuagens em seu rosto se alteraram, mudando de livros que viravam as páginas para um emaranhado de pontos de interrogação que começaram a lutar entre si.

— As Chaves anulam muitas mágicas — ele falou finalmente. Se você ficar no lugar onde a Sra. Sexta-Feira estava e simplesmente pedir à Quinta Chave que devolva as experiências roubadas, pode funcionar. Infelizmente, seriam necessários dias ou semanas para eu descobrir uma técnica melhor.

— Fred, me dê as suas asas — pediu Artur imediatamente. — Prenda-as em mim. Obrigado. Testamento, tome conta de Sexta-Feira. Suzy, fique de olho em Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira. Eles devem saber que foram derrotados, mas...

Artur flexionou as asas e saltou no ar, com cuidado para não inclinar a Quinta Chave. Ele sabia que provavelmente o conteúdo dela não iria entornar como se estivesse em uma xícara, porém não custava ter cuidado.

A cadeira de prata havia afundado, mas era visível sob as límpidas águas azuis. Ele se posicionou sobre a pedra e se voltou na mesma direção antes adotada por Sexta-Feira. Cercado pelos sonâmbulos, que mal se mantinham de pé, não pôde deixar de procurar entre eles o rosto de sua mãe. Haveria ali outros conhecidos?

— Depressa! — gritou o doutor Scamandros enquanto examinava a parte de trás da cabeça de uma das pessoas adormecidas.

Artur respirou fundo, levantou os braços como tinha visto Sexta-Feira fazer e se concentrou na Quinta Chave. Só por garantia, disse as palavras em voz alta, embora somente ele as ouvisse:

— Quinta Chave, devolva as experiências a estas pessoas, de modo que voltem a ser o que eram antes de terem suas preciosas vidas roubadas por Sexta-Feira. Devolva-lhes as lembranças dos momentos felizes...

Ele parou por alguns instantes, pensando se era daquilo que os sonâmbulos precisavam. Imediatamente, porém, soube que não. Ele mesmo não gostaria de guardar apenas lembranças boas.

— ... e dos momentos tristes. Obrigado.

A Chave emitiu luzes coloridas, e as fitas explodiram da mão de Artur, serpenteando de volta pelo espelho de água prateada do lago, em direção às pessoas adormecidas. Por alguns segundos, as cores do arco-íris brilharam entrelaçadas.

Então, as fitas desapareceram, e o espelho na mão de Artur se tornou um objeto comum. Os sonâmbulos continuavam em seus lugares. Artur abriu as asas e voou ao encontro dos outros.

— Não funcionou? — ele perguntou decepcionado, ao pousar. — Eles não parecem ter melhorado em nada!

O doutor Scamandros largou a cabeça que estava examinando, empurrou os óculos ainda mais para cima e respondeu:

— Funcionou, sim! A maioria das experiências voltou, se é que não voltaram todas! O sono é outra questão, apenas uma ordem de Sexta-Feira que pode ser anulada facilmente. Minha sugestão é que continuem a dormir até serem mandados de volta.

— Você se saiu muito bem, Artur! Muito bem mesmo!

Era o Testamento que falava, depois de abrir a boca, soltando Sexta-Feira, que mantinha sob uma asa. A ex-Curadora não reclamava nem se debatia. Com o olhar perdido no vazio, apenas se deixava ficar.

Artur mal ouviu o elogio. Já estava no alto novamente, procurando a mãe na multidão.

— Você me deve 12 rodela de ouro, Fred — disse Suzy. — Não falei que íamos encontrar Artur e pegar a Quinta Chave antes de conseguirmos tomar um chá decente?

— Tomamos chá na Junta de Encadernação — protestou Fred.

— Aquilo não era um chá decente. Era veneno.

— Não sei como vamos mancar toda essa gente para o lugar de onde veio — disse o doutor Scamandros, mudando de assunto. — For falar nisso, não sei como nós vamos voltar. Eu me esqueci de trazer a Placa de Transferência!





Capítulo 26

— Ela não está entre os sonâmbulos da cratera — disse Artur depois de uma hora.

Ele estava sentado na cadeira de prata, que tinha sido retirada do lago e deixada sobre a margem. A disposição do grupo lembrava um julgamento ou uma corte marcial.

— Folha, tem certeza de que o companheiro Harrison saberia se ela estivesse aqui?

Harrison, que tinha sido encontrado escondido na rouparia, fez que sim, ajoelhado diante de Artur. Folha concordou. Ela ocupava o lugar ao lado de Artur em uma cadeira trazida de uma das salas próximas. Sua tia Manga se mantinha de pé ao lado dela, embora sem muita firmeza e roncando de vez em quando.

— Harrison tinha os registros do hospital de Sexta-Feira. Todas as pessoas foram relacionadas. Meu nome está na lista, mas não encontrei o nome de sua mãe.

— Alguém a levou, então — disse Artur. — Scamandros, ela não está mesmo na Terra?

— Se os Sete Relógios não a localizaram, é porque está escondida por alguma feitiçaria ou foi enviada a outro lugar.

Depois de morder o lábio, Artur fez a pergunta que havia muito tempo o incomodava:

— Ela pode ter morrido?

— Só se ninguém souber. O que é praticamente impossível.

— Vou ter que descobrir — disse Artur. — Scamandros, acho que não adianta mais, mas se eu usar a Primeira Chave, e não a Quinta, a contaminação é menor?

— Não, Artur — falou o doutor Scamandros com tristeza.

— Foi o que pensei.

Artur ergueu o espelho, satisfeito por estar de luvas, que eram a Segunda Chave. Assim, não via o anel de crocodilo nem sabia qual o seu nível de contaminação por magia.

— Sexta-Feira, pelo poder da Quinta Chave, eu ordeno que revele se sabe o que aconteceu a minha mãe desde quinta-feira, pelo tempo da Terra, na minha casa.

— Não sei de nada — sussurrou a Sra. Sexta-Feira. — Eu a teria trazido se ela estivesse lá. Mas sua mãe não estava entre os pacientes do hospital temporário onde fiz a seleção final. Eu teria aproveitado tanto as experiências dela...

— Chega! — berrou Artur.

Ele inclinou a cabeça e esfregou a testa com os dedos enluvados, porém interrompeu o gesto com medo de aumentar a contaminação. Então, endireitou-se na cadeira, bem a tempo de ver que o Marinheiro se aproximava acompanhado de dois Habitantes molhados que carregavam nos ombros Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira. Os dois Habitantes superiores chegaram inertes, de olhos fechados, mas não estavam mortos. Tinham papéis grudados na testa que caíam cobrindo o nariz benfeito. Meio-Dia de Sexta-Feira tinha perdido o monóculo.

— Milka e Feorin! — exclamou Folha. — Esses dois me ajudaram! Embora com certa má vontade...

— Encontrei os dois tentando entrar no meu navio às escondidas! — riu o Marinheiro. — Com certeza, não sabem o que faço com os clandestinos!

Artur viu o mau estado dos pretensos marinheiros e observou melhor Meio-Dia e Crepúsculo de Sexta-Feira. Sentia-se aborrecido pelo fato de os dois não terem sido castigados e ainda mais por terem extraído a memória de pobres mortais.

— Podemos interromper as experiências deles?

— Não sem destruir suas mentes — respondeu o doutor Scamandros. — Não estudei essa área nem conheço quem a tenha estudado. Artur, precisamos mandar os sonâmbulos de volta para seu reino Secundário, a sua Terra. Eles vão dormir por pouco tempo e duvido que gostem de acordar aqui.

— Preciso levar tia Manga para casa — insistiu Folha.

— Falar é fácil — disse Artur, apalpando o bolso onde estava a Quinta Chave.

Eles tinham concluído que havia duas saídas do retiro de Sexta-Feira através do espelho que podia ser ativado pela Chave: uma levava ao hospital particular na Terra; e a outra, ao Meio da Casa Intermediária.

— Martine pode nos levar de volta se você abrir caminho com a Chave — sugeriu Folha.

Ela havia conversado com a mulher de cabelos grisalhos e rosto enrugado que nem de longe era a desmiolada descrita por Harrison. Tratava-se apenas de uma pessoa tímida, que sentia um medo mortal da Sra. Sexta-Feira e dos Habitantes, embora tivesse servido à ex-Curadora durante trinta anos, pelo menos.

— Consegui também uma Placa de Transferência — continuou Suzy, pegando um disco de *electrum* polido. — O doutor Scamandros pode ajustá-la para a Cidadela ou para onde você quiser, Artur.

— Quero voltar para a Terra! — disse Artur. — Só não tenho certeza de ser a coisa certa a fazer. O Tocador de Gaita pode estar atacando a Cidadela novamente e, sem as Chaves, a Primeira Dama vai ficar sobrecarregada. Talvez eu deva ir até lá. Ou enfrentar Sábado diretamente... Se descobrir um meio de chegar à Casa Superior. Há tanta coisa que não sei!

— O conhecimento, assim como tudo o mais, deve ser usado com moderação — aconselhou o Testamento. — Saber tudo significa que não há necessidade de pensar, e isso é muito perigoso.

— Decida-se pelo que achar melhor, Artur, mas não me inclua — avisou o Marinheiro. — A onda solar desta estrela avermelhada é muito forte e eu quero ir nela. Se não precisa destes dois Habitantes, posso levá-los. Meu atual navio não emprega tripulação, mas estou sonhando com outro maior.

— Eles podem ir, se quiserem — disse Artur. — Mas eu ficaria feliz se o senhor ficasse, Capitão.

— Nós queremos? — perguntou Feorin a Milka.

— Com certeza — respondeu Milka, fazendo uma reverência exagerada a Artur e outra quase tão vigorosa a Folha.

— Preciso pegar a onda — disse o Marinheiro. — Sou um homem do mar, Artur. Há muito decidi que não queria ficar preso na Casa, envolvido em politicagem e disputas. Quando minha dívida com você estiver paga, não virei mais, a não ser por vontade própria.

O Marinheiro saudou Artur, convocou a tripulação e iniciou a longa subida até a borda da cratera, onde seu pequeno navio voador descansava encostado a uma rachadura da cúpula. Enquanto os três se afastavam, Folha ouviu Feorin perguntar ao marinheiro se o diário de bordo era encadernado em couro ou pelica.

— Já decidi — anunciou Artur. — Vou para a Terra com você, Folha, e os sonâmbulos. Suzy, Fred e o Testamento fazem melhor usando a Placa de Transferência para alcançar o Grande Labirinto. Levem Sexta-Feira, e que fique presa lá, com seu Meio-Dia e seu Crepúsculo. Doutor Scamandros, tenho comigo a placa que me trouxe à Casa Intermediária. O senhor pode ajustá-la para a Sala de Estar de Segunda-Feira. Sei que a Primeira Dama quer que fique de olho no Velho.

— O problema não é o Velho — argumentou o doutor Scamandros. — Ele está acorrentado, como sempre. Mas tem havido certa agitação entre os Arrumadores de Carvão, além de outras coisas estranhas nos celeiros. Estou investigando.

— Vou deixar com você as quatro primeiras Chaves para serem entregues à Primeira Dama — continuou Artur, dirigindo-se à Fera. — Preciso da Quinta Chave para voltar à Casa. O que pretendo fazer o mais rápido possível.

— Se eu fosse você, ficava com todas as Chaves — opinou Suzy.

— Não — disse Artur. — Tudo que traz poder da Casa, seja Habitante ou Chave, tem efeito negativo sobre os Reinos Secundários. Já levei pragas e problemas suficientes para o meu mundo. Além disso, a Primeira Dama vai precisar delas para enfrentar o Tocador de Gaita. E Sábado.

— Sábado! — exclamou Suzy. — Isso me fez lembrar! Onde foi que eu guardei?

Depois de remexer nos bolsos do casaco de papel, ela pegou um quadradinho de papel que entregou a Artur, explicando:

— Estava com o pobre Ugham. Acho que ele tirou do Rato Criado que usou a Placa de Transferência enviada por Sexta-Feira para Sábado, aquele cujas pegadas vimos na neve. Tem a marca de uma pata ensanguentada, está vendo?

— O que será isso? — perguntou Artur.

Enquanto ele desdobrava o papel, Suzy respondeu:

— Alguma coisa que vale a vida de um Rato Criado.

Artur leu em voz alta o que estava escrito no pedacinho de papel. Tratava-se claramente de uma parte rasgada de uma folha e em uma das bordas se via o resto do selo de autenticidade: a cera colorida usada por todos os Curadores.

Pela última vez, não quero interferir. Trate os assuntos da Casa como achar melhor. No fim, vai fazer pouca diferença.

S.



E no primeiro dia, havia mistério.

No segundo dia, havia escuridão.

No terceiro dia, havia piratas.

No quarto dia, havia guerra.

No quinto dia, havia medo.